

Diário de Lisboa

Fundador: JOAQUIM MANSO

Director: A. RUELLA RAMOS

Quarta-feira, 14 de Agosto de 1974 — N.º 18536 — Ano 54.º — Preço 2\$50



DIA DA INFANTARIA

Spínola em Mafra

Interrompendo o curto período de repouso que está a passar no Buçaco acompanhado da esposa e de alguns dos seus próximos colaboradores, o Presidente da República, general António de Spínola, deslocou-se esta manhã a Mafra, onde presidiu às cerimónias alusivas ao Dia da Infantaria, arma cuja Escola Prática se encontra ali aquartelada.

Após missa e homenagem aos mortos em combate, com descerramento de uma placa, os actos prosseguiram, usando da palavra o comandante da unidade, coronel Jasmins de Freitas, e o capitão Rui Rodrigues.

Lida uma mensagem do general director da Arma de Infantaria e entregues as espadas aos alunos que terminaram o curso de tirocínio de oficiais do quadro permanente, o general Spínola fez um discurso. A finalizar, houve desfile das forças em parada, sob o comando do tenente-coronel Rocha Gomes. Antes de deixar Mafra, o general Spínola teve ainda uma reunião privada com a oficialidade da Escola.

(Reportagem na pág. 10)

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1974 — N.º 18536 — ANO 54.º

O acesso dos milicianos ao quadro permanente

Muitos oficiais de carreira em serviço nas unidades da Metrópole e Ultramar, designadamente capitães e maiores, confiavam numa resolução do ministro da Defesa, permitindo-lhes voltarem a ser ponderados as consequências do Decreto-Lei n.º 353/73, de 13 de Julho último.

O citado decreto altera as

condições de frequência da Academia Militar, conferindo aos oficiais milicianos maiores facilidades de ingresso no Quadro Permanente (QP).

Muitos capitães e maiores do quadro territorial, por isso, olhavam com interesse para o ponto de vista de antiguidade por oficiais milicianos. Além deste facto, aponta-se a dispari-

dade e a desvalorização criadas pelas novas facilidades de acesso mediante a frequência de um curso de formação acelerada de apenas seis semestres (equivalente a dois anos) considerado de nível superior e enfileirando no aspecto cultural com os mais distintos estabelecimentos de ensino su-

perior do País, segundo o Decreto 42 151, de 22 de Março de 1959, quando estaria num esforço de valorização do curso e na garantia de condições de estabilidade.

AS PROMOÇÕES
Foi feita uma primeira aproximação que permitiu apurar 127 oficiais milicianos beneficiados em antiguidade.

No conjunto destes oficiais, verifica-se que um capitão vai ser promovido a tenente-coronel e outros 69 oficiais milicia-

HÁ UM ANO...

Precisamente há um ano, dia por dia, um jornal noticiou pela primeira vez que o então recente Decreto-Lei n.º 353/73, de 13 de Julho, se encontrava na origem de um clima de mal-estar entre os oficiais de carreira, na medida em que, alterando as condições de frequência da Academia Militar, dava aos milicianos um tal número de facilidades para ingresso no Quadro Permanente que os cursos ali ministrados deixavam, na prática, de ser superiores, e uma surda humilhação recaía sobre os au-

tênticos profissionais.

Esse jornal foi o «Diário de Lisboa», e um ano depois a efeméride merece ser recordada: é que o mal-estar, avolumando-se nos meses seguintes, acabou por suscitar o aparecimento do «Movimento dos Capitães», núcleo inicial de que surgiria o Movimento das Forças Armadas e em última análise, o 25 de Abril. O texto completo da nossa notícia, sobre o qual a Censura exerceu as suas habituais prepotências, vem na última página

A Grécia sai da N.A.T.O.

ATENAS, 14 — (R) — O Governo grego anunciou oficialmente a retirada das suas forças militares da NATO. O subsecretário da Informação, Panayotis Lambrias, convocou os representantes da Imprensa esta manhã para lhes comunicar que o primeiro-ministro Karamanlis tinha dado ordens no sentido das Forças Armadas gregas abandonarem a estrutura militar da Aliança. No entanto, a Grécia continua a ser membro da NATO em tudo o que disser respeito aos aspectos políticos. Hoje em Genebra, o ministro grego dos Negócios Estrangeiros, George Marovits, tinha declarado que a NATO deixou de existir para o seu país.

Ao sair do seu hotel para o aeroporto de Genebra após o malogro da conferência e o recomeço das hostilidades em Chipre, Mavros declarou: «A NATO não existe para a Grécia».

Quando os jornalistas lhe perguntaram se isso significava que a Grécia ia abandonar a NATO, o ministro respondeu: «Penso que isso já aconteceu».

Tanto a Grécia como a Turquia são países membros da NATO considerados pedras fundamentais da Aliança do Mediterrâneo.

Muitos observadores pensam que a saída da Grécia, além de abrir uma brecha importante no flanco Sueste da NATO, traria implicações políticas imprevisíveis.

Quando os jornalistas lhe pediram para comentar o reco-

meço das hostilidades desencadeadas pelos turcos depois de abandonarem precipitadamente a conferência de paz, Mavros limitou-se a dizer: «Penso que é um acontecimento sem precedentes».

O presidente cipriota grego, Clerides, que pouco depois seguiu para o aeroporto de Genebra, foi mais explícito na sua condenação dizendo: «O imperialismo turco forçou a Grécia a abandonar a NATO e isso não corresponde aos interesses do Mundo Ocidental».

Clerides acrescentou que a Turquia não tinha condições para pertencer à Aliança Ocidental na medida em que empregou a força militar para impor a sua vontade ao povo cipriota, bombardeando civis e provocando a destruição da ilha para atingir os seus objectivos.

CRISE

BRUXELAS, 14 — (R) — Respirava-se esta manhã uma atmosfera de crise no quartel-general da NATO, onde oficiais de alta patente se reuniram para discutir a anunciada decisão do Governo grego de retirar as suas forças militares da Aliança.

Os jornalistas que ali se dirigiram não conseguiram obter qualquer comentário. Um informador limitou-se a dizer que o assunto estava a ser examinado neste momento e prometeu para mais tarde um comunicado.

Entretanto todas as unidades da NATO com sede em Itália e pertencentes ao comando do Atlântico Sul, foram postas em estado de alerta, por causa do recomeço do conflito turco-grego, em Chipre. O alerta tinha-se declarado automaticamente, em consequência do fracasso da Conferência de Genebra e das primeiras acções bélicas turcas contra Nicósia e outros lugares da ilha.

DOIS COMBOIOS CHOCARAM NA AZAMBUJA

• Mortos os maquinistas

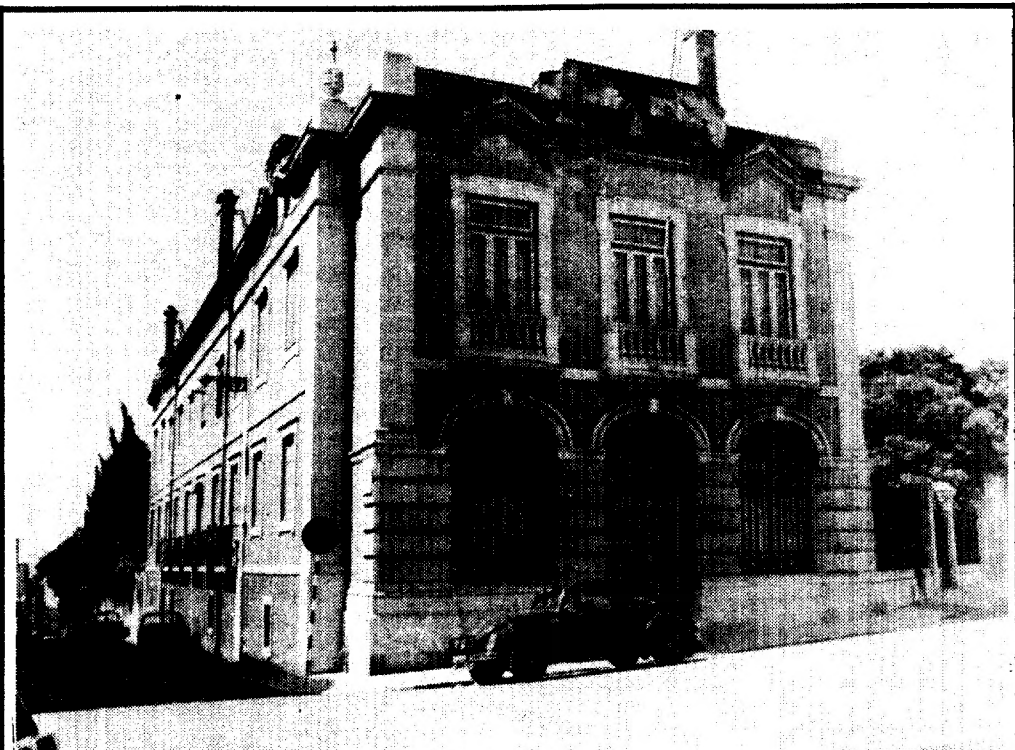
Dois maquinistas da C.P., os srs. José Bastos e António de Jesus dos Santos faleceram esta manhã, em consequência do choque dos comboios que conduziam, perto de Azambuja. Uma das composições saía desta vila, enquanto a outra seguia de Lisboa para o Entroncamento. Desconhecem-se as causas do acidente.

Meios de socorro da Companhia compareceram, pouco depois do sinistro, no local onde o mesmo ocorreu, tendo ficado interrompida a via, pelo que os comboios da linha do Norte

passaram a circular pela linha do Oeste.

Informações colhidas na C. P. em Lisboa dão-nos conta de que há «vários feridos», desconhecendo-se, no entanto, o seu número. O serviço de transbordo dos passageiros dos comboios sinistrados para autocarros iniciou-se às 10 e 30.

De acordo com a legislação em vigor foi imediatamente aberto inquérito sob a égide da D. G. T. T., para apuramento das responsabilidades. A linha, na zona do sinistro, é electrificada.



Este palacete da Rua do Borja, na encosta das Necessidades, era em 1918 a Legação da Rússia. Foi então que os dois países cortaram as relações diplomáticas, repressando a Petrogrado o ministro plenipotenciário Botkine e a Lisboa o nosso representante em território russo, Jaime Batalha Reis. (Ler na pág. 2)

2.ª EDIÇÃO

NACIONAL

JÁ VAI SENDO TEMPO

Sim, já vai sendo tempo de pôr um pouco de lado as palavras e os princípios e iniciar as realizações práticas. Substituir as palavras pelos factos. Agir depressa e o melhor possível, eis o que importa.

Em 1910 o Governo Provisório tinha completado a nomeação dos governadores civis ainda no mês de Outubro. Em 1974 já se passaram quase quatro meses após o 25 de Abril, e não há um único a desempenhar as suas funções no Continente. Isto é grave, não só pelos reflexos directos que tem, mas pelo que significa de falta de dinamismo, de decisão de eficácia.

Já vai sendo tempo de organizar o País Novo, organizar a administração, as massas trabalhadoras, o funcionalismo, os serviços, tudo. Nem sequer, por decisão oficial, se decidiu acabar com os símbolos fascistas existentes nas praças e esquinas.

Que significa tais hesitações. Já vai sendo tempo de andar para a frente, limpar a casa e pensar no futuro.

MANUEL DE AZEVEDO

CONGRESSO DO M.P.L.A. PERMANECEM AS DIVERGÊNCIAS

LUANDA, 14 (L e DL) — As divisões no seio do Movimento Popular para a Libertação de Angola (M.P.L.A.) sobre a forma como a organização deve ser dirigida e por quem não foram ainda resolvidas pelo Congresso que se encontra reunido em Lusaka, capital da Zâmbia — afirma o enviado especial de «A Província de Angola».

O Congresso do M.P.L.A. começou ontem e parece que, pelo menos, já se chegou a acordo a respeito da formação de um Comité Central de 38 elementos, os quais elegerão um «bureau» político de nove.

Segundo o enviado do jornal angolano, Daniel Chipenda não conseguirá suficiente apoio para alcançar a presidência do Movimento. Por outro lado, Chipenda recusar-se-ia a trabalhar com Agostinho Neto, o actual presidente e o homem que parece ter ainda suficiente apoio entre os militantes do M.P.L.A. para garantir a permanência no lugar.

Mário de Andrade, o chefe de fila da terceira facção recusou terminantemente aceitar qualquer candidatura. O seu irmão, Joaquim Pinto de Andrade, poderia ainda constituir uma hipótese conciliadora. Contudo, ele encontra-se um pouco de fora de todo este processo.

Há ainda quem pense na possibilidade da formação de um triunvirato com Neto, Chi-

penda e Joaquim Pinto de Andrade. Para o jornalista de Luanda, Luís Rodrigues, que se encontra em Lusaka, essa não é, contudo, uma proposta capaz de vencer.

Segundo notícias consideradas de boa fonte, o Congresso do M.P.L.A. manifestar-se-á sobre o «modus faciendi» recentemente divulgado em Lisboa sobre o processo e prazos para a descolonização em Angola. Essas notícias dizem que o M.P.L.A. se mostrará contrário aquilo que foi divulgado.

Lembra-se que, no essencial, a declaração da Junta de Salvação Nacional, estabeleceu a constituição de um Governo provisório de coligação para Angola, o qual teria como fundamental missão a organização de eleições para uma Assembleia Constituinte. Esta assembleia delimitaria os parâmetros em que iria viver o novo Estado de Angola e suas ligações com Portugal.

PONTE AÉREA

Só amanhã deve começar a funcionar a ponte aérea entre Luanda e Cabo Verde para proceder à transferência de famílias naturais daquele arquipélago e que foram vítimas dos extremistas nos musseques da capital angolana.

Entretanto, o município de Luanda decidiu não comemorar este ano, devido à actual situação da cidade, o aniversário da reconquista da cidade que passa amanhã.

Os pescadores de Porto Alexandre decidiram não se fazer ao mar, alegando que a saída de um destacamento militar da localidade os deixava sem protecção. Aparentemente, esse destacamento teria sido transferido para o campo de São Nicolau, onde estão a chegar muitas pessoas presumivelmente responsáveis por actos de violência em Luanda.

EDITAL

Joaquim Martins Cahú, Consul-Geral do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira BEATRIZ JOSÉ DE FREITAS BARRETO pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei, na Chancelaria do Consulado-Geral do Brasil em Lisboa, à Praça Luiz de Camões n.º 22-1.º-Esq.º. Lisboa, em 9 de Agosto de 1974.



ATÉ MEADOS DE 1918

A DELEGAÇÃO DA RÚSSIA FOI NA RUA DO BORJA

A Rússia esteve representada diplomaticamente no nosso País até meados de 1918, possuindo a sua legação na Rua do Borja, n.º 6. Tinha também um Consulado na capital, mais exactamente num terceiro andar da Rua Vitor Cordon, n.º 11.

Quem nos comunicou estes dados históricos foi o escritor Pedro da Silveira, excelente conhecedor do período da Primeira República, que igualmente nos indicou o nome do derradeiro chefe da representação diplomática russa nesses recuados anos — o sr. Piotr Botkine, aqui colocado com a categoria de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

O sr. Botkine dispunha, a seu lado, de um secretário, sr. Popov (ou Popoff, como então se escrevia na Imprensa portuguesa).

Quando ao cônsul, era ele o sr. Dmitri Laksman. Quando do corte de relações entre Portugal e a Rússia, Laksman permaneceu em Lisboa como cônsul-geral da Sérvia e mais tarde da Jugoslávia, isto até 1933.

A Rússia tinha, até 1918, várias outras representações ao nível consular no Continente, Ilhas Adjacentes, Cabo Verde, Moçambique e Macau. A de Cabo Verde era em S. Vicente (ilha do Mindelo), a de Moçambique em Lourenço Marques, ambas vice-consulados. Já em

Macau tratava-se de um Consulado.

Eram vice-consulados as representações de S. Petersburgo em Setúbal, Portimão, Faro, Horta, Flores, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Funchal.

BATALHA REIS EM S. PETERSBURGO

Por seu turno o último representante diplomático português em S. Petersburgo, na época em epígrafe, foi o socialista Jaime Batalha Reis. Contou-nos Pedro da Silveira que o nosso diplomata, radicado na então capital russa, com as filhas, assistiu à derradeira recepção dada pela rainha Catarina. No tempo de Kerensky teve boas relações com este. No que respeita a Lenine, havia entre ambos um trato de extrema simpatia. Aliás, Batalha Reis era o decano do Corpo Diplomático e tratou variados problemas, de informação e outros, com os soviets.

Em 1918 o nosso representante diplomático foi forçado a abandonar a Rússia, envolvido na deterioração das chancelarias. Aconteceu isso em Abril, mas antes de partir pôde ainda indicar, para professor de História de Arte da Universidade de Petrogrado, o jovem estudioso Myron Malkiel-Jirmounsky, falecido há pouco tempo em Portugal.



Batalha Reis escreveu um diário dos seus últimos tempos passados na Rússia. E também Pedro da Silveira que nos faz saber ter a única filha sobrevivente do diplomata, D. Beatriz Cinatti Batalha Reis, hoje octogenária

e radicada em Londres, entregue essa verdadeira preciosidade histórica nas mãos do secretário de Estado dos Assuntos Culturais e Investigação Científica, prof.ª D. Maria de Lurdes Belchior.

REGULAMENTO DA CAÇA

Fim dos "aramados" redução das coutadas

A caça é permitida nos «aramados». Acabou o regime legal que permitia que, sem pagar as taxas correspondentes a uma coutada, alguns proprietários usufrussem de facto do privilégio do couto, cercando de arame as suas herdades.

Segundo uma nota da Secretaria de Estado da Agricultura, «foi aprovado pelo Conselho de Ministros o decreto-lei que revoga grande parte da legislação sobre caça». A nota explica que se introduzirão «alterações e inovações consideradas justas, embora deixando para o futuro, logo que as instituições democráticas do país estejam completamente constituídas, a definição de uma opção fundamental sobre o exercício da caça».

Além da autorização de caçar dentro dos «aramados», os pontos mais importantes da nova legislação instituem que a caça só é permitida aos domingos, quintas-feiras e dias feriados; a redução da área máxima das coutadas, que, há

de 3000 passa a ser de 100; a proibição de caçar por batidas dentro das coutadas; a limitação do número de peças que cada caçador pode abater; o aumento dos preços das licenças e cartas; a democratização das comissões venatórias concelhias.

Quanto ao limite de peças que cada caçador pode abater por dia na presente época, o novo diploma determina que um caçador poderá matar quantos coelhos e pombos brancos quiser e puder. Não poderá, no entanto, ir além das três lebres, das oito perdizes, das 20 rolas, das dez codornizes, dos dez patos, das dez galinhas de água, e dos dez galeirões. Sisões não poderá matar mais do que um por dia.

Uma substancial inovação do novo diploma que regula a caça é a faculdade que se atribui aos diversos caçadores de um concelho de elegerem de entre eles caçadores vigilantes. Os verdadeiros interessados na caça poderão assim fiscalizar eles próprios as determinações que existem para defesa das espécies cinegéticas.

A carta de caçador e as licenças de caça sofreram au-

mentos de taxas com vista a poder ser desenvolvido o fomento cinegético, mas os seus valores ainda ficam muito aquém dos praticados noutros países europeus.

Das novas taxas destacam-se as seguintes:

Carta de caçador, 300\$00; licença geral de caça, 1000\$00; licença regional de caça nas áreas das regiões venatórias, continente e nas ilhas adjacentes, 350\$00; licença concelhia, 100\$00 licenças para área de cada um dos distritos das ilhas adjacentes, 100\$00; revalidação da licença para estrangeiros por dois dias, 1000\$00; revalidação da licença para estrangeiros por uma época venatória, 2500\$00; licença para caçar com furão no continente, 500\$00; licença para caçar com furão nas ilhas adjacentes, 60\$00; licença para criador de furão no continente, 1500\$00; licença para

criador de furão nas ilhas adjacentes, 250\$00.

Note-se que a licença concelhia apenas autoriza a caçar na área do próprio concelho quando nos termos da lei anterior era válida também para os limites daquele a que dizia respeito.

Também são agravadas as taxas anuais devidas pela concessão de coutadas que passam a ser dos seguintes valores:

a) por qualquer área até 200 ha, 7000\$00;
b) por cada hectare a mais de 201 a 500 ha, 35\$00.
c) além de 500 hectares, 70\$00.

Estas taxas serão agravadas em triplo sempre que o concessionário ou arrendatário reserve exclusivamente para si ou para quem ele autorize o exercício da caça.

FIRMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL EM VIAS DE COGESTÃO

Os trabalhadores da «Vaquinhas e Gertrudes Ld.ª», empresa de construção e reparação navais, cujos estaleiros no Seixal têm estado ocupados pelos ope-

rários desde o dia 7, reúnem-se hoje para debater o futuro da firma.

Segundo fomos informados por um porta-voz dos trabalhadores, é provável que o processo se encaminhe para uma administração congestionária da empresa, que parece encontrar-se em grandes dificuldades financeiras. Os problemas da cogestão são hoje debatidos pelos operários nessa reunião e o processo é apoiado «por entidades oficiais». Entretanto, a ocupação continua, assim como a baixa de produtividade (duas horas diárias de trabalho), decididas pelos trabalhadores face ao não pagamento dos seus salários.

MUTUALIDADE SOBERANA ALLIANÇA MADEIRENSE
Grupo Segurador

INFORMA OS SEUS SEGURADOS, AGENTES, COLABORADORES E PÚBLICO EM GERAL, QUE OS SEUS SERVIÇOS SE ENCONTRARÃO ENCERRADOS NA PROXIMA SEXTA-FEIRA, DIA 16.

Trabalhadores esclarecem

Os trabalhadores da Cinevoz, McCann-Erickson, Publicidade e Estudos de Mercado, SARL, em resposta ao comunicado emitido pelo Sindicato Livre dos Trabalhadores de Publicidade, esclarecem:

1 — Quando da publicação do referido comunicado havia efectivamente sido admitido pela Administração da Empresa a hipótese de despedimentos, não visando os mesmos atingir especificamente os delegados Sindicais ou membros da Comissão dos trabalhado-

res da Empresa nessa qualidade.

2 — Internamente e em face de um documento apresentado à Administração em que o pessoal definia uma clara posição contra os despedimentos, concordou esta em não os efectuar.

3 — Entendem os Trabalhadores da Cinevoz McCann-Erickson, não haver no momento presente na Empresa qualquer tipo de situações que se possa enquadrar num processo que contribua para o «caos económico».

TORQUATO DA LUZ

Não agora mas em breve

Democratização, descolonização, desenvolvimento económico e emigração, eis os problemas prioritários do País, segundo a óptica (acertada) do secretário de Estado Pedro Coelho. A escala corresponde, efectivamente, à importância das questões, se bem que não se deva deixar de tomar o conjunto como o problema máximo de Portugal nestes dias, por várias vezes, o Presidente Spínola, numa insistência significativa, tem classificado de «histórica e difícil».

A democratização não se desliga da descolonização, do desenvolvimento económico e da emigração. Nenhum dos problemas poderá ser isoladamente solucionado. Este aspecto, aliás, não foi esquecido por Pedro Coelho, que sublinhou, muito justamente, não podermos voltar a permitir que o viver em Portugal seja um luxo de que só podem usufruir alguns portugueses.

Pela reportagem de Rádio Clube Português, transmitida na rubrica «No Mundo Aconteceu» da noite de domingo (dia da festa-comício dos emigrantes portugueses no Estádio 1.º de Maio), tivemos oportunidade de ouvir a palavra de vários trabalhadores portugueses radicados em França e na Alemanha. Ao serem interrogados sobre os motivos por que haviam deixado o País, todos referiram a «impossibilidade de continuar a viver aqui». E, quando o repórter lhes perguntava se encaravam a hipótese de um breve regresso, todos igualmente manifestaram tal desejo, embora a sua posição fosse de expectativa. Confiam inteiramente no novo Governo, mas querem «ver no que isto vai dar, quanto a salários».

«No Mundo Aconteceu», um dos melhores exemplos de jornalismo (radiofónico e não só) que se praticam entre nós, pôs o dedo na ferida: a solução do problema da emigração passa pela do desenvolvimento económico. Efectivamente, a vasta cópia de números, e os oportunos comentários sobre eles, com que ro-

deu as declarações dos nossos compatriotas emigrados visavam (e conseguiram-no com êxito) demonstrar exactamente isso.

O problema da emigração é demasiado sério, frisou-o Pedro Coelho e repetimo-lo nós, pelo que importa «falar claro»: «Ao contrário do que era hábito dos governantes deste País, temos que falar a linguagem da verdade». E é, portanto, em nome desta que se deve dizer serem ilusórias as intenções manifestadas por grande número de emigrantes de voltarem rapidamente a Portugal. O problema do desenvolvimento económico não se resolve de um dia para o outro, nem é de um dia para o outro que o mercado de trabalho se torna elástico a ponto de comportar a criação de mais de um milhão de novos lugares.

A palavra de ordem, neste momento, não é, portanto, o regresso dos emigrantes, mas antes a criação de condições para que os trabalhadores portugueses deixem de ter necessidade de continuar a ir para o estrangeiro. O processo passa por uma série de medidas, a primeira das quais não terá deixado de ser a nova importância dada à Secretaria de Estado da Emigração, a qual, de simples secretariado integrado na Presidência do Conselho, se tornou um departamento dependente do Ministério do Trabalho, com vista ao desempenho de um papel efectivo (disse-o Pedro Coelho) na defesa dos direitos do emigrante.

Vasto leque de outras medidas foi anunciado pelo secretário da Emigração. Assentam numa política que tem em conta as realidades da hora presente (não podemos prescindir imediatamente da nossa mais rendosa exportação) e rejeita a demagogia fácil e desastrosa que seria a promessa aos emigrantes de que poderão voltar logo que queiram. É, no entanto, legítimo desejar-se que se criem condições para que tal regresso venha a verificar-se em breve.

Estava eu de caneta na mão, olhando alternadamente cheia de esperança e de desespero para um bloco em branco, ali há meia hora sem ajudar nada, quando o telefone, benemérito, tocou. Além fio, uma voz desconhecida, de mulher: «Boa tarde. É Fulana?»

«Boa tarde. Sou Fulana». Que fizesse o favor de dizer.

A mulher disse. Queria fazer um pedido. Queria, enfim, ler-me uma carta. Queria que eu lhe dissesse se estava bem. Queria, queria, queria. Mas antes de mais ia explicar o caso.

Porque havia um caso

Crónica ao telefone

a ser explicado. Pronto, era toda ouvidos. Enfim, entre um bloco sem palavras e um caso cheio delas... Depois, não estavam propriamente a impedir-me de trabalhar.

A mulher começou:

«Moro em Alcântara numa rua estreita, e mesmo em frente da minha casa deitaram um prédio abaixo. Era um prédio pequeno. Agora parece que vão fazer um com uma data de andares. Vou ficar sem sol e tudo isso. Mas adiante. De noite estão lá sempre uns homens, de guarda, dizem eles, mas eu não acredito. Sou uma pes-

soa doente, tenho insónias, e às vezes chego à janela, é normal. Eles então acendem logo um lampião para me encadear.»

«Porque não se dirige à Polícia?»

«Isso não. Não quero meter a polícia no caso, porque o engenheiro podia-se ofender.»

Ah, o engenheiro! Mas que engenheiro?

«Mas que engenheiro?»

«É que há um engenheiro que está apaixonado pela minha neta e eu ando desconfiada de que é ele quem me manda expiar a casa, para saber quem entra e

quem sai. Então escrevi-lhe uma carta.»

«Ao engenheiro?»

«Ao engenheiro. E queria ler-lha para ver se a senhora acha bem.»

Seguiu-se a leitura da carta. A certa altura dizia que era uma mulher digna, honrada, honesta e distinta. Como não havia, pelo menos ao ouvido, erros muito chocantes, e não valia a pena falar do exagero de sinónimos nem dos males do orgulho, disse-lhe que sim senhora e consegui desligar.

Nada melhor do que a vida para trazer ideias a quem está falho delas.

A. VILLAVERDE CABRAL

Defender da direita ou da "esquerda"?

Referiu o primeiro-ministro, coronel Vasco Gonçalves, no seu discurso aos emigrantes, que «os nossos inimigos» desajariam desacreditar a revolução portuguesa. Sabemos todos que assim é. Sabemos mesmo que «os nossos inimigos» trabalham activamente, dentro e fora do País, nesse sentido.

A primeira obrigação dos portugueses neste período histórico da nossa Pátria é trabalhar para a consolidação das conquistas alcançadas mercê do vitorioso 25 de Abril. Também isso, embora por outras palavras, referiu o primeiro-ministro na sua notável intervenção.

Como qualquer um poderá entender, a consolidação dessas conquistas passa, em primeiro lugar, pela sua defesa intransigente.

O que pode perguntar-se é o seguinte: defesa contra quem? Quem é o inimigo a que se referia o coronel Vasco Gonçalves?

As perguntas poderão parecer estúpidas, desnecessárias. Porém, os acontecimentos dos últimos tempos deixam alguma margem para dúvidas em alguns espíritos. Muita gente poderá interrogar-se: «De onde vem o perigo? Da direita ou da esquerda?»

Para responder a estas inquietações, creio que basta encontrar a bem simples resposta para uma outra pergunta: «Contra quem foi feito o 25 de Abril?»

Não foi contra os democratas, contra a es-

querda, contra os comunistas, contra os «esquerdistas». Pelo contrário, foi contra aqueles que dominavam o País há 48 anos e que sempre foram identificados com justiça como pertencendo à direita e à extrema-direita. A revolução libertadora do 25 de Abril foi feita contra o fascismo.

Como se sabe, o movimento que se iniciou em 25 de Abril não esmagou completamente a máquina de Estado que o fascismo, lenta e metodicamente, montara no nosso País. Porque o fascismo não era — como não é — nenhum regime político — uma aberração da natureza, ele existia pela simples razão de que aquela era a forma de Governo que mais interessava a uma minoria interessada em ganhar o mais possível, sem se importar coisíssima nenhuma com o facto de estar a arruinar o País.

Porque o fascismo detém ainda importantes lugares na máquina que não foi destruída, porque aqueles que se serviram do fascismo continuam a nele estar interessados, ninguém poderá pôr em dúvida que «os nossos inimigos» são aqueles que pretendem o regresso a uma situação de privilégio, à custa da opressão para a esmagadora maioria do povo português.

Falar apenas naqueles que, por razões diversas, concorrem objectivamente para a criação de um clima que só pode ser favorável aos que em 25 de Abril foram derruba-

dos, é esquecer o inimigo principal. É esquecer que, por mais activos que sejam e por mais alto que falem, esses «esquerdistas» não detêm posições no aparelho de Estado, não estão instalados nos conselhos de administração das grandes empresas, não prenderam patriotas, não torturaram pessoas.

Quem continua a deter muitas dessas posições, quem é responsável por esses crimes são os outros.

É certo que as condições em que a revolução portuguesa se está a desenrolar não permitem atitudes arbitrarias, estilo vingança pessoal ou coisa parecida. Mas também não é menos verdade que a permanência, em lugares onde possam ser nocivos, de elementos altamente comprometidos com o fascismo só pode comprometer gravemente o processo de consolidação das conquistas alcançadas.

Também não deve oferecer dúvidas a ninguém que a liberdade que se está a dar a movimentos e organizações, que pouco ou nada aparecem em público e cuja propaganda é manifestamente contrária ao espírito e letra do Programa do M. F. A., num tom que em tudo se parece com a estafada propaganda que ouvimos durante 48 anos, também não contribui em nada para a criação de um clima favorável à completa execução dos Programas do M. F. A. e do Governo Provisório.

O extraordinário, entusiástico e espontâneo apoio popular ao M. F. A. poderá ter levado algumas pessoas a crer que a revolução portuguesa era uma «revolução unânime». Não há tal coisa. Para o provar, só é preciso lembrar que as revoluções são empreendidas contra alguma coisa e a favor de outra. que aquilo que se derruba tem os seus defensores e aqueles a quem interessa (senão teriam sido o Caetano e o Tomás a fazerem o 25 de Abril).

O combate fundamental na defesa do 25 de Abril é à direita e não à «esquerda».

Tolerância não quer dizer cegueira. Os jovens militares que vieram para rua em 25 de Abril eram e são tolerantes.

Mas nem por isso deixaram de, pela força, derrubar a intolerância erguida em norma de Governo.

Post scriptum — Este artigo foi escrito antes dos tristes acontecimentos da Penitenciária. Eles só vieram dar-lhe mais actualidade. Na verdade, ao mesmo tempo que se suspende *sine die* um jornal de «esquerdistas», não se compreende que umas centenas de pides, com ridículos pretextos, sejam tratados com tanta complacência. Também se não compreende que a polícia carregue sobre manifestantes que apenas demonstravam a sua legítima repulsa pelos actos dos pides, sabendo-se que o sr. Elmano Alves

(Continua na pág. 7)

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

PRONTO A VESTIR PARA HOMEM
E SENHORA DAS MELHORES
MARCAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios * Sedas * Algodões * Malhas
Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

NACIONAL

EM PORTO BRANDÃO

CARAPAU PARA COMER E VENDER

Quem tiver passado, nas últimas noites, junto a Porto Brandão, deparou com um espectáculo insólito naquelas paragens, mas apaziguador nas horas excitantes que vamos vivendo: pequenos botes assinalados com candeeiros «Petromax», carregados de pescadores à linha, vogam junto ao batelão onde atracam os barcos da carreira Belém-Porto Brandão, por vezes noite fora, até aparecer a manhã.

Mais que desamor ao sono, parece ser um verdadei-

ro desafio à paciência, qualidade que tradicional e logicamente se atribui ao pescador, especialmente amador.

Desta vez, porém, parece que os pescadores têm sido bem recompensados dessa prova de resistência: é que, segundo nos informaram da estação fluvial de Porto Brandão, há cerca de vinte dias que por ali aparece quantidade extraordinariamente abundante de carapau.

É grande e branco, desse que se vende nos mercados a 50 escudos o quilo! — disse-nos um funcionário daquela estação fluvial, que ainda se não dedicou à pes-

ca nas horas vagas, mas que nos pareceu muito divertido com o que anima um pouco a sua rotina diária.

Os pescadores vêm de vários locais, especialmente da Costa da Caparica, e chegam a juntar-se no batelão aos grupos de cinquenta — prosseguiu o nosso homem que nos disse ainda: Têm que pescar de noite, porque o carapau é só de noite que aparece.

Nestas águas de Porto Brandão, aparece normalmente *petinca*, *tainha* e *carapau*. Nos anos anteriores de pesca normal, cada pescador conseguia uma média de cinco a seis quilos de carapau. Este ano a média

duplicou — e de tal modo é assim que os pescadores servem-se da *petinca* para isco desses carapaus abundantes, grandes e brancos. Uns pescam para comer; outros, comem e vendem.

Não se sabe exactamente qual o factor determinante desta benesse para os pescadores de Porto Brandão, mas enquanto a fartura se mantém os pequenos botes manter-se-ão, possivelmente, vigilantes... E com razão: se a vigília se impõe para o mal que nos pode tocar a pele, deve também existir vigília para o bem que nos contempla.

MANUELA ALVES

PARA BREVE A RESPOSTA ÀS REIVINDICAÇÕES DA PREVIDÊNCIA

O grupo redactorial do caderno reivindicativo apresentado pelos trabalhadores da Previdência voltou a reunir-se com o secretário de Estado da Segurança Social, dr. Santa Clara Gomes.

A reunião permitiu um amplo esclarecimento dos fundamentos de algumas reivindicações dos trabalhadores, as quais se desdobram em cinco capítulos: formação e aperfeiçoamento de pessoal, promoções, prestações de trabalho,

retribuições e regalias sociais, prevendo-se que, sem prejuízo da necessidade de maior estudo de algumas matérias, será possível, ainda no decorrer desta semana, responder ao caderno reivindicativo apresentado por aqueles trabalhadores.

BRUTUS

SENSACIONAIS SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

DE 16 A 30 DO CORRENTE

ELES

AV. REPÚBLICA, 51 C
T. 778033

ELAS

AV. REPÚBLICA, 56 B
T. 777508

L I S B O A

O LABORATÓRIO FARMACOLÓGICO INFORMA A

EXMA. CLASSE MÉDICA QUE O PAÍS ESTÁ ABASTECIDO DO PRODUTO

intétrix

(profiláctico da cólera)



O SEU CARRO
É TÃO VALIOSO PARA SI...
COMO PARA NÓS!

Uma campanha-surpresa! Compre o seu Volkswagen
equipado com extras... sem preço extra!*

Uma oportunidade que V. não pode deixar fugir...

*(OFERTA VÁLIDA ATÉ 31-9-74 - PARA OS MODELOS 1200-1300-1303-1303S)

SOC. COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L. - Avenida da Liberdade, 12 - Telef. 366751/7-370171/5
- Avenida Almirante Gago Coutinho, 59-D - Tel. 713482

AEG



AEG-TELEFUNKEN PORTUGUESA, S.A.R.L.

Informa que todos os seus serviços
encerram hoje à hora habitual
reabrindo na próxima
SEGUNDA-FEIRA DIA 19

Um inquérito aos incidentes para dissipar as dúvidas

O Partido Socialista, o Partido Comunista Português e o Movimento Democrático Português, três forças que não podemos deixar de considerar como representativas de grande número de portugueses, são unânimes em pedir que se faça imediatamente um inquérito à forma como foi possível que 575 agentes da PIDE/DGS se amotassem na Penitenciária.

P. S., P. C. P. e M. D. P./C. D. E. foram organizações que nas duras condições da clandestinidade souberam bater-se pela liberdade, pelo derrube do fascismo. É natural que se mostrem surpreendidas, chocadas mesmo, com a tolerância com que os pides foram tratados nesta emergência.

As centenas de pessoas que se juntaram espontaneamente diante da Penitenciária não foram convocadas por nenhum partido. Estavam ali simplesmente porque, tal como os partidos democráticos, se não esqueceram ainda do terror em que Portugal vivia devido às sinistras actividades dos pides.

A desfaçatez com que os pides invocaram a morte de um colega que estava a ser devidamente medicado como razão para o motim não podia ser tolerada. De inanição, dentro daqueles mesmos muros, morreu Militão Ribeiro, no fim de uma greve da fome de protesto contra a falta de assistência médica, contra o total isolamento, contra a falta de um livro, de um jornal, de qualquer material para escrever.

O povo português, que durante tantos anos sofreu a opressão da P. I. D. E., precisa saber como tudo isto foi possível. O rigor com que os espontâneos manifestantes foram tratados por uma polícia que em tudo fazia lembrar a dissolvida Polícia de Choque, não encontrou qualquer paralelo no tratamento dado a pessoas que pertenciam à organização, a única, que matou no dia 25 de Abril. São factos que o povo não pode compreender. Um inquérito rigoroso poderá ser a única forma de dissipar a dúvida que se levantam.

Partido Socialista:

O motim não foi importante mas sim a possibilidade política de ele se ter verificado

Três meses após o desmantelamento de uma das mais sinistras máquinas inquisitoriais da história, algumas centenas de criminosos de direito comum, pertencentes à extinta associação de malfeitores PIDE/DGS, sublevaram-se na instalação prisional em que se encontram à espera de julgamento. Neste lance não parece que o mais importante seja o motim mas a possibilidade política de ele se ter verificado.

O Partido Socialista considera que todo o ser humano, por mais perverso tem direito a uma jurisdição independente e imparcial. No caso vertente, está mesmo adquirido que o foro competente será o previsto na

lei do regime deposto.

Os pretextos da sublevação são manifestamente insubstanciais e cumpre por isso proceder a um inquérito completo relativo ao modo como foi possível e acolhida esta ousada manifestação das mais desqualificadas forças contra-revolucionárias. Não é tolerável que tais actos se repitam. A consciência nacional repugna que possam aparecer com certo ar de vítimas elementos que foram providamente responsáveis por odiosas perseguições contra o povo português e que durante várias décadas, foram os carrascos efectivos dos militantes anti-fascistas e de todos os portugueses amantes da liberdade e da paz.

A posição da LUAR

A propósito dos acontecimentos ocorridos na Penitenciária, recebemos da Liga de União e de Acção Revolucionária (L.U.A.R.) o seguinte comunicado:

«A L.U.A.R. considera inadmissível que um membro da Junta de Salvação Nacional aceite parlamentar com elementos da ex-PIDE-D.G.S., reconhecidos publicamente como criminosos torturadores dos democratas portugueses.

«A L.U.A.R. considera que a interferência directa do General Galvão de Melo em todo este problema, teve o carácter de uma satisfação dada às pretensões desses criminosos que grita-

vam: «Queremos o General Galvão de Melo».

«A L.U.A.R. considera absolutamente necessário uma imediata definição pública das intenções das entidades responsáveis sobre tão importante questão. Enquanto esta definição não for dada e com ela as garantias formais de que não haverá complacências, nem compromissos de espécie alguma com tais indivíduos, a L.U.A.R. apela para a vigilância activa de todos os seus militantes, aderentes, simpatizantes e de todos os antifascistas, para que se associem nas manifestações que venham a realizar-se, de repúdio a todas as concessões.»

Movimento Pró-Divórcio confia na Imprensa Portuguesa

Do Movimento Nacional Pró-Divórcio recebemos um telegrama do seguinte teor: «Repudiamos veementemente o desavergonhado pedido dos ex-Pides da presença da Imprensa es-

trangeira. Confiança perene do movimento nos muito dignos órgãos de informação portugueses, credores de desaprovação nacional que cumprimos efusivamente».

Sobre o caso da Penitenciária

Um ex-presos político fala dos direitos que sempre lhe negaram

No passado dia 11, os 600 ex-pides que se encontram detidos para julgamento na Cadeia Penitenciária de Lisboa sublevaram-se, reivindicando e invocando coisas que não se perceberam muito bem por que motivo haviam de ser reivindicadas e invocadas, chegando-se mesmo à anedota: os ex-pides declararam que também estavam com o povo antes do 25 de Abril, que são democratas e que teriam aderido de boa vontade ao Movimento das Forças Armadas. Mais um pouco e estariam a dizer que, quando aquele Movimento eclodiu, eles (agentes, inspectores e directores da ex-P.I.D.E./D.G.S.) se preparavam para derrubar o regime fascista e, provavelmente, dispostos a implantar a democracia no nosso País. Daria vontade de rir, se por detrás destas afirmações não se escondesse uma dentuça de lobo...

No dia 12, veio à nossa redacção um homem que se apresentou como sendo António Gonçalves, de 63 anos, operário-marceneiro, membro do antigo Partido Radical Português. A primeira, os factos ocorridos no dia 11 na Cadeia Penitenciária de Lisboa e a vinda de António Gonçalves ao nosso local de trabalho, parecem não ter qualquer hipótese de relação. Mas a verdade é que têm e muita. Porque enquanto os ex-pides, agora se dão como vítimas da situação criada pelo 25 de Abril (que não consente, segundo o espírito do Programa do Movimento das Forças Armadas, semelhanças com os processos policiais do regime anterior), o marceneiro António Gonçalves vem mostrar-nos a verdadeira face de uma verdadeira vítima dos torturadores a soldo dos fascistas. Ouçamo-lo:

Fui preso oito ou nove vezes. A primeira, logo a seguir ao golpe militar do 28 de Maio de 1926: no dia 16 do mês seguinte, já eu estava encarcerado com mais uns quantos camaradas meus. E nunca mais deixaram de me perseguir e de me prender, mesmo quando nem razões políticas havia.

António Gonçalves tenta lembrar nomes, datas, factos. Aparentemente de que é um homem profundamente marcado. Marcado no corpo e na alma.

Um dia meteram-me numa sala e eram doze tipos da P.I.D.E. de volta de mim a socar-me. Deram-me pancada na nuca, nos olhos, por todo o lado. Fiquei quase cego. Tive de me sujeitar, depois de sair da prisão, a um tratamento especial aos olhos, no Instituto Feliciano de Castilho, que como se sabe é um instituto para invisuais ou indivíduos que estão quase a perder a vista. Dois anos sem trabalhar. Mesmo assim ainda me prenderam quando estava em tratamento, numa rusga de acaso que fizeram ao bairro de Campo de Ourique, onde vivo. Deixaram-me três dias sem assistência médica. Quando me levaram para a esquadra da Praça da Alegria e me meteram no calabouço, morria com dores nos olhos. Chamei o chefe da esquadra e pedi-lhe que telefonasse para o Comando ou à P.I.D.E., para ver se me mandavam para casa, pois tinha de tratar a vista. Resposta do chefe: «Olhe: garanto-lhe que se a sua cura fosse

um copo de água, não seria eu quem lho daria».

Mas os ex-pides da Penitenciária de Lisboa invocam agora os direitos humanos, regalias, etc. Naquele tempo, porém, que davam eles aos seus prisioneiros?

Entrei no movimento de 26 de Agosto de 1931 — prossegue António Gonçalves — e após ter passado ao Algarve aqui, em Lisboa, deportaram-me para Timor. Iam ficando todos lá, no campo de concentração. Tivemos de nos levantar em peso depois da morte de um camarada devido às febres. O governador em Dili contactou com Lisboa e só então nos tiraram daquele cemitério. Mas não nos levaram para muito melhor sítio.

As coordenadas democráticas propostas pelo «25 de Abril» foram «utilizadas» por prisioneiros altamente delituosos e perigosos como são os ex-pides da Penitenciária.

Não acontecia assim no regime que defendiam. Bastava uma crítica mais acerba — embora justa — à actuação de um dos seus cérebros e logo vinham as perseguições, as prisões, as torturas. Isso foi o que aconteceu com António Gonçalves que ao enviar uma carta a um médico do presidio militar de Santarém, acusando-o de desumanidade para com os soldados ali detidos, se viu encarcerado por uma ordem expedida pelo então secretário da Guerra, Santos Costa.

Era nesse tempo comandante da P.I.D.E. o capitão Agostinho Lourenço. Mandaram-me para o Aljube. Enviado a tribunal, que delito tão grave seria o meu que os juizes, embora coniventes com o regime, me absolveram. Porém, o capitão Agostinho Lourenço, a pedido de Santos Costa, não me liberta e envia-me para Caxias. Dali, vou de novo a julgamento e de novo os juizes me absolvem. Mas ainda assim me mantêm preso mais cinco dias, no Governo Civil.

Era assim que se tratavam os prisioneiros por conta do Estado fascista. Era assim que se atropelavam os mais elementares direitos humanos. Era assim que se silenciavam os homens que caíam sob a alçada da P.I.D.E./D.G.S. E é sobre este colário de atropelos à dignidade



António Gonçalves depõe para o nosso jornal

humana e à vida de cada cidadão que os instrumentos do regime deposto — instrumentos conscientes, por isso são homens — vêm agora gritar os

direitos, invocar princípios que sempre negaram aos outros. Em nome de quê? De que justiça?

J.S.

“Amotinação com transigência culposa”

O Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, analisa, num comunicado, os acontecimentos ocorridos segunda-feira na Cadeia Penitenciária de Lisboa e reclama a execução de certas medidas urgentes.

Depois de salientar que nunca «durante a ditadura fascista, os milhares de familiares — em predominância mulheres — de antifascistas presos, torturados, assassinados pela Pide/DGS, foram ouvidos e as suas reclamações atendidas pelas autoridades competentes» o M.D.M.P. afirma que constitui grave ofensa e motivo de séria inquietação para as massas populares (incluindo as mulheres) e para as forças democráticas, a audiência consentida aos criminosos da Pide/DGS, nas suas insólitas reivindicações.

«A amotinação destes foi com uma transigência culposa, tolerada, enquanto forças militarizadas, estranhas ao Movimento das Forças Armadas, se permitiram atacar as massas populares atingindo, inclusivamente, crianças. Factos tão graves só foram possíveis em consequência da protecção — politicamente, gravemente equívoca

e alarmante nas suas consequências — concedida aos agentes da Pide/DGS, no privilegiado regime prisional de que gozam» — acentua o documento.

Em presença destes acontecimentos, o M.D.M.P. reclama que a rigorosa vigilância prisional a que devem estar submetidos os criminosos da ex-Pide/DGS seja assegurada por forças militares, fiéis ao Movimento das Forças Armadas e à luta do Povo Português pela conquista da Democracia; que mediante rápido e rigoroso inquérito sejam, a todos os níveis, aplicadas sanções aos responsáveis pela criação das condições que estão na origem dos acontecimentos; que publicamente seja dada satisfação e garantia ao Povo Português de que a aplicação daquelas medidas será acompanhada de um efectivo e imediato saneamento que impossibilite a permanência nos Serviços Prisionais de quaisquer elementos capazes de atentarem, através dos cargos que desempenham, contra a conquista da liberdade e a construção da Democracia, e, bem assim, contra a justiça que as massas populares exigem seja aplicada aos seus carrascos hoje encarcerados».

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

o célebre filme de ERIC ROHMER

A Coleccionadora

(LA COLLECTIONNEUSE)

ESTREIA HOJE ÀS 21.45

Uma crónica de amor livre!

com
HAYDÉE POLITOFF
PATRICK BAUCHAU
MIJANOU
DANIEL POMMEREULLE

ROXY

GRUPO D - 18 ANOS

COLORIDO

ESPECTÁCULOS

Arrabal filma em Portugal

Portugal será cenário do próximo filme de Arrabal, o qual declarou em Paris antes de seguir para Caracas:

Vou partir para a Venezuela a fim de preparar a produção do meu filme «L'Arbre de Guernica», que será rodado em Setembro, ou então na Primavera, em Portugal. Trata-se da história de um surrealista que toma posição depois do bombardeamento de Guernica, durante a guerra civil de Espanha.

"Nossa Senhora de Paris"

O romance de Victor Hugo «Notre Dame de Paris» tem inspirado os realizadores cinematográficos de todas as gerações. A sua mais recente versão é, logicamente, em scope e a cores e foi realizada por Jean Dellanoy.

Neste drama onde as paixões

humanas são dissecadas, Anthony Quinn e Gina Lollobrigida têm interpretações à sua altura.

Este conjunto de motivos válidos são a razão de ser da inclusão de «Nossa Senhora de Paris» na série «Os bons velhos tempos» que o Império apresenta 6.ª feira às 18 e 30.

Alain Delon vai ser "Zorro"

As crianças não me conhecem bem, só tenho feito películas para adultos, por isso tinha de fazer uma assim declarou Alain Delon, explicando aos jornalistas a razão porque aceitara o papel que lhe foi confiado por Duccio Tessari no filme «O Zorro», em rodagem na Espanha.

Interrogado sobre se confirmava os rumores de que ia retirar-se do cinema, Alain Delon disse que, neste momento, não

sabia o que havia de fazer, pois está muito satisfeito com a sua profissão, porém a vida é muito curta, há muitas coisas que gostaria de fazer e não tenho tempo para tudo.

Falando da sua vida privada, Alain Delon declarou: constituir família é difícil. Há dez anos tive uma família, que se desfez em quatro. Foi o maior êxito da minha vida, talvez até o único êxito da minha vida.

AOS 75 ANOS

Hitchcock planeia o próximo filme

Aos 75 anos Alfred Hitchcock, o mestre dos filmes de «suspense», fez 75 anos e afirmou que nada há de misterioso acerca da sua longevidade: gosta do seu semelhante e de trabalhar.

Numa festa de anos, a noite passada, Hitchcock e sua mulher Alma, com quem casou em 1926, receberam um grupo de celebridades de Hollywood, a maioria das quais trabalhou em, pelo menos, um dos 52 filmes que o velho mestre dirigiu.

Os convidados de Hitchcock in-

cluíram Cary Grant, Paul Newman e sua mulher Joanne Woodward, Jane Wyman, George Peppard, Jackie Cooper, Rod Taylor, e o director francês François Truffaut, vencedor do «oscar» para o melhor filme estrangeiro e que é um dos maiores admiradores do famoso cineasta.

Mesmo durante a festa, os pensamentos de Hitchcock não se afastaram do trabalho. Revelou a vários convidados que estava a trabalhar no argumento da próxima película que planeia produzir e dirigir, «The Rainbow Pattern».

CINEMA-ESTREIAS

Do erotismo: "As amantes do vampiro"

Título original: The Vampire Lovers

Realização: Roy Ward Baker, 1970 (Inglaterra)

Intérpretes: Ingrid Pitt, Pippa Steele, Madeleine Smith, Peter Cushing, George Cole, etc.

Distribuição: Exclusivos Triunfo

Estreia: Cinema Roxy (26.7.1974)

Todo o cinema fantástico está por sua própria natureza intimamente ligado a formas mais ou menos evoluídas de erotismo. Todos os grandes temas do fantástico reservam ao amor lugar primordial. Amor que se pode expressar pelas mais variadas formas, da ortodoxa romântica às mais voluptuosas perversidades que a imaginação do homem pode conceber. Por isso, não será de estranhar descobrir-se por detrás de A Bela e o Monstro, O Médico e o Monstro, Drácula, Carmila e tantos outros momentos altos da literatura fantástica um intenso suporte erótico, quase sempre expresso em termos pouco ortodoxos, isto é, «normais», dado que é precisamente da anormalidade das relações que irá nascer o mistério, essa área insondável de tensões latentes.

As Amantes do Vampiro, de Roy Baker, é um dos primeiros filmes de terror a lograr atingir o nosso mercado sem os abusivos cortes de censura que durante longos anos adulteraram por completo o inteiro significado de tantos e tantos filmes deste género. Não será, apesar disso, um dos melhores, mas é um caso a ter em conta, dado que basta a exibição integral desta obra para do cinema fantástico se ter uma ideia mais correcta e coerente. Em As Amantes do Vampiro o erotismo irrompe com evidente fragor e alguma sensibilidade. Não se trata de um filme hipócrita e requintado à Vadim (O Sangue e a Rosa, por exemplo), mas tão só de uma adaptação lata do romance de Sheridan Le Fanu, pondo em discussão o amor da desdobrada Carmilla/Mircalla, aqui interpretada pela perturbante Ingrid Pitt. O erotismo é, pois, um tanto ou quanto primário (melhor seria chamar-lhe «simples»), jogando com a reconstrução barata dos ambientes e das situações mas, nessa «pacotilha» hábil e honestamente apresentada por Roy Baker está possivelmente uma das virtudes deste tipo de cinema fantástico que se desti-

na, não ao lazer da burguesia endinheirada, mas à imaginação transbordante das camadas mais populares. Por isso temos defendido com certa intransigência o cinema de Hammer (onde homens como Terence Fisher, Freddie Francis, Roy Baker, Jimmy Sangster, Gordon Hessler, Peter Duffell e alguns mais têm conseguido manter uma tradição com pergaminhos de notabilidade, entremeada com obras de evidente falhanço). Por isso defendendo estas As Amantes do Vampiro, filme erótico e perverso, onde um beijo de Ingrid Pitt vale por todos os planos da meia centena de comédias italianas abertamente pornográficas que Lisboa viu nos últimos meses. Porque, se a pornografia se basta a si mesma e a si própria se consome no momento que dela decorre, o erotismo remete directamente para a imaginação e os seus mecanismos, o mesmo será dizer que se desdobra com o tempo e se amplia com a inteligência.

A REBOLONA

Título original: La Bambolona

Realização: Franco Giraldi, 1961 (Itália)

Intérpretes: Ugo Tognazzi, Isabella Rei, etc.

Distribuição: Sif

Estreia (cópia nova): Cinema Tivoli (3.8.1974)

E cá estamos no cinema italiano, agora abertamente voltados para a exploração das «curvas» femininas. Terá, todavia, que dizer-se, sobretudo por causa da presença de Ugo Tognazzi, que, apesar de tudo, A Rebolona não é tão mau como noventa por cento das películas transalpinas deste jaez. Mas, mesmo assim, pouco fica do romance de Alba de Céspedes donde parte. Franco Giraldi, preocupado com as relações «inconfessáveis» de um quarentão com uma jovem de 18 anos, esquece-se de sublinhar algumas das implicações sociais que estavam na base da obra literária para se comprazer com o equívoco à italiana, a olhadela optimista à bilheteira.

ONTEM AO FIM DO DIA

Título original: Breezy

Realização: Clint Eastwood;

1973 (EUA)

Intérpretes: William Holden,

Kay Lenz, Roger C. Carmel,

Mary Dusay, etc.

Distribuição: Sif

Estreia: Cinema Berna

(2.8.1974)

LAURO ANTONIO

Clint Eastwood tirou umas férias dos seus inúmeros westerns italianos e americanos, com alguns policiais à mistura, para passar à realização.

Como actor, já o conhecíamos, portanto de longa data. Quando dirigido por um Leone, um Logan ou um Sigel, vá que não vá, mas sem convencer. De resto, uma desgraça. Acontece que o seu nome é um dos top-ten das preferências do público americano. Quem agrada a tanta gente merece que seja «auxiliado», pensam os produtores ávidos de cacau.

E assim que Eastwood se dá ao luxo de fazer o que muitos (e bons) realizadores americanos não conseguem: em três anos, três filmes dirigidos por

si próprio, para lá de vários outros protagonizados somente. Depois de Play Misty For Me (Destinos nas Trevas), foi a vez de High Plains Drifter (O Pistoleiro do Diabo), ambos interpretados por Clint Eastwood, himself. Chegou a vez de atingir um outro fôlego e deixar-se de dirigir-se a si mesmo, para passar a dirigir colegas. Coube a sorte a William Holden, neste seu terceiro filme: Ontem ao Fim do Dia (Breezy), historieta inconsequente e meia disparatada dos amores senis de um quarentão por uma jovemzinha que passa do mau caminho ao right way, por obra e graça das intenções de Eastwood. O destino de Eastwood, como realizador, continua a ser «as Trevas».

A escolha da semana

Procurando oferecer ao leitor um guia breve do que há para ver em salas da capital e do Porto, neste início de semana cinematográfica, aqui lhe deixamos as nossas preferências, em indicação sucinta:

LISBOA

1. O que não deve perder:

— A GRANDE FARRA, de Maro Ferreri (Satélite e Estúdio);

— O ÚLTIMO TANGO EM PARIS, de Bernardo Bertolucci (S. Jorge);

— INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA, de Elio Petri (Castil);

— DR. STRANGELOVE, de Stanley Kubrick (Estúdio 444);

— BELLE DE JOUR, de Luis Buñuel (Londres);

— OS GRANDES ALDRABÕES, de Leo MacCarey, com

Irmãos Marx (Estúdio Apolo 70);

— 2001: ODISSEIA NO ESPAÇO, de Stanley Kubrick (Monumental);

— BLOW-UP, de Michelangelo Antonione (Pathé);

2. O que pode ainda ver:

— AQUELE INVERNO EM VENEZA, de Nicholas Roeg (Condes);

— TRATAMENTO DE CHOQUE, de Alain Jessua (Império);

— MALÍCIA, de Salvatore Samperi (Vox);

— AS AMANTES DO VAMPIRO, de Roy Ward Baker (Roxy);

PORTO

1. que não deve perder:

— AMARCORD, de Federico Fellini (Estúdio FOCO);

— A BALADA DO SOLDADO, de Gregory Tschoukrai (Passos Manuel);

— O ÚLTIMO TANGO EM PARIS, de Bernardo Bertolucci (Trindade);

2. O que pode ainda ver:

— AQUELE INVERNO EM VENEZA, de Nicholas Roeg (Rivoli);

— VENHA TOMAR CAFÉ CONNOSCO, de Alberto Lattuada (Estúdio Foco).

Cinema no mundo

GLENDIA JACKSON

Daniel Angel, estará Helmut Berger.

DANIEL PRÉVOST

Glenda Jackson e Michael Caine serão os protagonistas do filme de Joseph Losey «The Romantic English Woman», cuja rodagem terá início no próximo Outono. Ao lado dos dois actores ingleses, nesta produção de

O comediante Daniel Prévost terminou a adaptação cinematográfica de «La Fête du Cochon», um romance de J.C. Beaujour, do qual será protagonista, sob a direcção de Jacques Fansten, um antigo assistente de Claude Chabrol.

Por outro lado, escreveu o argumento de um filme intitulado «Celui que vira sa cuti», a história trágico-cómica de um homem casado que em dado momento passa a preferir os homens... Marion Game será, nesta película, a esposa de Daniel Prévost.

CURD JURGENS

Está prevista para o fim de Agosto a conclusão das rodagens, em Roma, do filme «Cagliostro», com o qual Pier Carpi se estreia na realização. O elenco compreende Bekim Fehmin no duplo papel de Conde de Cagliostro e de Giuseppe Balsamo, Curt Jurgens, Evelyn Stewart, Anna Orso, Daniela Rossini, Luigi Pistilli, Adolfo Lastretti, Gaby Verusky, Luigi Montini, Alessandro Haber, Massimo Girotti e Robert Alda.



GAIETY THEATRE

TODAS AS BEBIDAS
QUE QUISER
DAS 22,30 H. EM DIANTE

UM ESPECTÁCULO
DE MUSIC-HALL

(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE
28 37 50

PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS
PÓRTICO N.º 11

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

Teatro Maria Matos

A R. T. P. apresenta

«PORTUGUÊS,
ESCRITOR, 45 ANOS
DE IDADE»

de Bernardo Santareno

Todos os dias

às 21.45 horas

Domingos, «matinées»

às 16 horas

Segundas-feiras

descanso da Companhia

AR CONDICIONADO

Bilhetes à venda

Telef. 71 70 17

Interdito a menores de 13 anos

NACIONAL

"Quem trava os latifundiários de Moura?"

Assinada pelo sr. Manuel José da Conceição Aires, da comissão administrativa da Federação dos Grémios da Lavoura da Província do Baixo Alentejo, recebemos a seguinte carta:

«Publicou o «Diário de Lisboa», sob o título em epígrafe, um esclarecimento da A.L.A. do concelho de Moura, muito pouco ou nada esclarecedor.

1) Não existem dados concretos da venda de vacas, embora se diga cada vez com mais insistência que, em virtude da falta de preços satisfatórios para o leite, se estão a abater grandes quantidades de cabeças de gado. Quem se admira de haver lavradores «reaccionários»? Se em todos os outros sectores da actividade nacional os há! Não é a lavoura que foge à regra.

2) As subidas de salários podem pesar nos custos das explorações, mas em nada afectam, desde que o preço do leite a estabelecer pelo Governo seja compensador, que por sua vez terá de estar de harmonia com os preços das farinhas e rações, etc.

Acaso saberá a A.L.A. que a Federação dos Grémios da Lavoura faz recolha, concentração e distribuição do leite em Moura?

Se sabe, não compreende-

mos por que afirma: «A produção de leite nesta região é feita na sua grande maioria, por pequenos agricultores, que receberam há cerca de 3/4 dias o pagamento da produção leiteira no mês do Abril» (sic).

Aproveitamos para esclarecer os leitores do «Diário de Lisboa» de que, se assim acon-

tece, isso não se deve à Federação dos Grémios da Lavoura, que tem em dia todos os pagamentos com a produção leiteira da área onde faz as recolhas. Talvez até seja no País a única organização do género, quer particular ou para-estatal, onde isso acontece. Como a A.L.A. sabe, tão bem co-

mo nós, a quem se refere no seu esclarecimento de 31/7/74, lamentamos profundamente o encobrimento dos monopólios que estão atrasados meses nos pagamentos aos produtores e quejandos, o que é urgente desmascarar pelas associações livres dos agricultores de todo o País.»

Defender da direita ou da "esquerda"?

Continuação da pág. 3

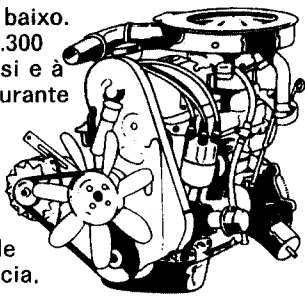
anda a reunir os seus amigalhões numa quinta da outra banda. Mais uma vez se reafirma: quem põe em perigo a democracia são aqueles que sempre se lhe opuseram. Quem combateu a democracia com a censura, a prisão, a tortura, o assassinio não está certamente interessado

no curso democrático. Compete aos democratas, da rua, dos movimentos políticos, do Governo, do Conselho de Estado, da Junta de Salvação Nacional, do M. F. A., defender a democracia daqueles que foram capazes de sujar de sangue o próprio 25 de Abril, matando pacíficos cidadãos.

Atenção, condutores!
Os factos falam pelo Ford Cortina.

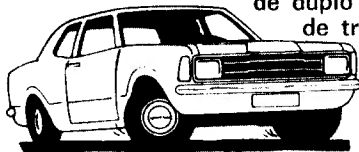
Facto: Maior economia

O preço inicial é baixo. O consumo é baixo. O motor de 1.300 cm³ leva-o, a si e à sua família, durante 100 Km por apenas 8,5l de gasolina. E entre as revisões são 10 000 Km de plena eficiência.



Facto: Melhor comportamento na estrada

Direcção mais precisa, barras estabilizadoras e via mais larga para óptimo comportamento na estrada. O sistema de duplo circuito de travagem,

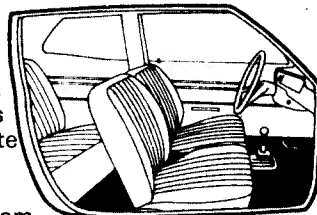


servo-freio e disco à frente garantem que o carro pára mesmo.

Facto: Mais espaço para a família

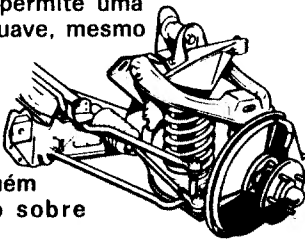
Pernas, ombros e joelhos têm espaço à vontade, à frente e atrás.

Bancos bem almofadados (os da frente reclináveis) e um porta-bagagens com 324 dm³ úteis. Ideal para famílias de 4 ou mais pessoas.



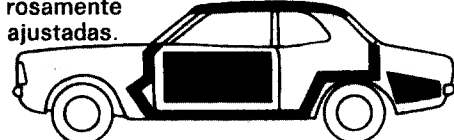
Facto: Condução mais suave

No Ford Cortina, a combinação da suspensão helicoidal com amortecedores telescópicos permite uma condução suave, mesmo nas piores estradas. Suave e confortável. É que no Ford Cortina ninguém vai sentado sobre as rodas.



Facto: Marcha mais silenciosa

Houve o maior cuidado em isolar o compartimento dos passageiros de qualquer ruído mecânico, do vento ou da estrada. Isoladores de som estão colocados nos pontos «estratégicos». E mais: as portas e as janelas são rigidamente ajustadas.



Facto: Maior segurança

A garantia de segurança que o seu sistema de travagem e a sua suspensão oferecem, o Ford Cortina acrescenta: coluna de direcção compressível em caso de impacto, colocação racional dos instrumentos num painel espessamente almofadado, bancos envolventes, posição de condução correcta e portas traseiras com fecho de dupla segurança.



Vá ver ao seu concessionário Ford toda a gama de modelos Cortina: 1.300 L, 1.600 XL, 2.000 GT, 2.000 E e 1.600 «Leva Tudo».

Ford Cortina - Um carro de facto!



FORD À FRENTE!

novidades
EUROPA-AMÉRICACRESCIMENTO
ZERO?

por Alfredo Saurvy
Na obra de um grande especialista, a análise implacável dos graves problemas da economia e da população... e a denúncia de «certas» soluções
Preço 105\$00

COLEÇÃO
ESTUDOS
E DOCUMENTOS
NA MESMA COLEÇÃO:
A INTERVENÇÃO
AMERICANA NO
CHILE — Armando
Uribe
Preço 85\$00

O NOVO JOGO
DO PETRÓLEO
Jean-Marie Chevalier
Preço 90\$00

O PERIGO
AMERICANO
C. Goux
e J. F. Landeau
Preço 65\$00

A UNIDADE
DA OPOSIÇÃO
À DITADURA—A. H.
de Oliveira Marques
Preço 50\$00

REPRODUÇÃO
DAS ESPÉCIES
Desmond Morris
Preço 180\$00

Peça na sua livraria
ou directamente a
publicações
europa-américa
Apartado 8 — Mem Martins

NACIONAL

O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO EM CURSO JÁ NÃO PODE SER DETIDO

Pedro Soares nasceu em Trigaches, numa pequena aldeia alentejana, a alguns quilómetros de Beja. A prisão e deportação de seu pai exerceram sobre ele forte influência política. Na idade de 16 anos iniciou a sua colaboração na imprensa regional de Beja, com artigos de carácter antifascista. No ano seguinte, já em Lisboa, onde cursou Histórias Filosóficas na Faculdade de Letras, deu a sua adesão à Federação da Juventude Comunista e aos Grupos de Defesa Académica, primeira organização unitária estudantil. Foi preso pela primeira vez em 9 de Março de 1934, numa manifestação de estudantes contra a A.E.V. — Acção Escolar, organização

- declara Pedro Soares

fascista criada na base do voluntariado pelo Governo de Salazar. Libertado cinco dias depois, voltou novamente a ser detido em Dezembro desse mesmo ano, em consequência da sua actividade revolucionária no Alentejo. Brutalmente torturado e julgado no ano seguinte pelo Tribunal Militar Especial, é condenado a 22 meses de prisão. No dia em que devia ser restituído à liberdade o Governo fascista envia-o, com cerca de 200 presos políticos para o sinistro campo de concentração do Tarrafal. Aí permanece ilegalmente duran-

te quatro anos. Em 1940 é devolvido à liberdade. Integra-se imediatamente na luta e participa activamente na reorganização do PCP com Álvaro Cunhal, Sérgio Vilarigues, Pires Jorge, Dias Lourenço, José Gregório e outros camaradas. É de novo preso em 1942 e no ano seguinte enviado para o campo de concentração do Tarrafal, de onde regressou em Fevereiro de 1946.

Retomou a sua actividade no Partido. Foi novamente preso em 1954, mas seis meses depois evadiu-se, com Joaquim Gomes dos Santos, das prisões

da PIDE, no Porto, para voltar à actividade revolucionária.

Em 1958 a Polícia descobriu-o e prende-o. Um ano volvido, reconquista a liberdade. Participa na famosa fuga de Peniche. Retoma o seu lugar no combate clandestino.

Pedro Soares conta ao todo 11 anos e meio de prisão, dos quais mais de metade foram passados no campo de concentração do Tarrafal, para onde foi enviado por duas vezes.

Conheceu as torturas da PIDE, as violências físicas, a tortura do sono, os trabalhos forçados no sinistro campo da morte lenta do Tarrafal.

É membro do Comité Central do Partido Comunista Português.

Seguem-se as nossas perguntas e as suas respostas, que incidem sobre o processo de descolonização e a independência das novas nações africanas que estiveram sob o domínio português e sofreram a guerra determinada pelo Governo fascista.

U.T.R. — Depois da declaração histórica de 27 de Julho, como se consubstanciará a independência na República da Guiné-Bissau, em Angola e Moçambique?

P.S. — Um passo decisivo foi dado. A televisão mostrou-nos já recortes de actos de confraternização entre representantes das forças de libertação da República da Guiné-Bissau e oficiais, sargentos e soldados do Exército Português. São actos expressivos que evidenciam a impopularidade da guerra colonial e os laços de fraterno convívio que se podem e devem estabelecer entre os povos de Portugal e as nações livres de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique. A página que se abriu mostrou a justeza da causa da paz e da independência dos povos. Portugal não tinha fronteiras em África. Aqui em solo peninsular se edificou a Nação Portuguesa, cuja independência é necessário reconquistar e assegurar. Lá em solo africano, se estão edificando novas pátrias, amassadas em sacrifícios multifórmes e heróicos. Reconhecer essas pátrias é cumprir um dever de patriotismo activo, pois, fazendo-o, não negamos nem traímos a Pátria onde nascemos e vivemos. Valorizamo-la, libertando-a da opressão. E ajudamos e ajudaremos a consolidar outras pátrias. Assim criaremos uma verdadeira fraternidade entre povos, que não têm razão para se hostilizar.

U.T.R. — Pedro Soares, esteve várias vezes em conferências internacionais de solidariedade com os povos das colónias portuguesas, o que te permite avaliar as repercussões que teve além fronteiras a proclamação feita pelo Presidente da República sobre o reconhecimento dos povos de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique à autodeterminação e à independência. Que podes dizer-nos sobre este assunto, tendo em conta a tua própria experiência?

P.S. — A proclamação feita pelo general Spínola interessou de modo particular o nosso País e os povos africanos em luta. Mas teve uma ampla repercussão internacional. As forças progressistas do mundo acolheram a notícia com viva satisfação. A guerra colonial não era somente um conflito militar localizado a determinadas regiões do continente africano. Teve incidências internacionais, provocou conflitos

de fronteiras, deu azo a medidas e a resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas, que interessaram muitas nações, puseram em xeque o prestígio de Portugal, contribuindo para o seu isolamento. A causa dos povos em luta pela sua independência teve e tem um profundo eco à escala do Mundo. As conferências em que tive a honra de participar comprovam-no plenamente. A ela assistiram representantes dos mais variados países e de todos os continentes, representantes partidos e correntes políticas e religiosas diversas. Um lugar de primeiro plano deve ser atribuído à Conferência de Roma, em 1970.

menos ainda de bem-estar material para o povo português. A independência de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique, como de outros territórios sob domínio colonial português não lesará os interesses do nosso povo, nem tão pouco dos portugueses que permanecem nesses países e nada têm a ver com a dominação colonial. O acesso desses povos à independência levará a criar e desenvolver relações económicas normais, numa base mutuamente vantajosa com relações culturais, científicas e técnicas que possam interessar os nossos povos e reforçar as relações de amizade, de respeito mútuo e de não inge-

Entrevista de URBANO TAVARES RODRIGUES

Essas conferências foram um importante contributo para a paz, para a solução dos conflitos coloniais, para o reconhecimento dos povos africanos em luta ao direito à independência imediata.

A política fascista desacreditou Portugal internacionalmente. Exactamente porque pudemos acompanhar de perto as diferentes reacções que se processaram à escala do Mundo contra o colonialismo português estamos em condições de apreciar os reflexos internacionais das medidas já tomadas para concretizar os objectivos anunciados. Há sem dúvida reticências em certos sectores, em determinados Governos e países. Não é difícil compreender os motivos, embora sejam diversos, consoante as zonas políticas em que se localizam.

Mas é evidente que o processo em curso não pode ser detido. Não são inúteis os sacrifícios dos povos que se batem por uma justa causa.

U.T.R. — Gostáramos que nos dissesse alguma coisa sobre os resultados da proclamação da independência e da sua aplicação concreta na vida do nosso País. O fascismo difundiu a tese de que Portugal não podia substituir sem as colónias. O que pensa sobre este assunto?

P.S. — Em política, como em qualquer outra ciência, são os factos que comprovam a veracidade e a objectividade das ideias e neste caso concreto o valor das medidas tomadas.

Um dos aspectos políticos da proclamação da independência exprime-se no facto de que põe fim à sangria africana, à perda da vida de milhares de jovens. O reconhecimento do direito da independência imediata significa igualmente que a larga margem da verba orçamental despendida com os gastos militares será investida em obras de paz, no progresso económico, no bem-estar do povo.

A EXPLORAÇÃO COLONIAL FOI PONTO DE ENRIQUECIMENTO SO PARA OS MONOPÓLIOS

As incidências da guerra são sobejamente conhecidas no domínio económico, social e moral para que as medidas do Governo Provisório não sejam saudadas com profunda alegria.

A exploração colonial foi uma fonte de enriquecimento para as forças monopolistas, mas não foi um factor de progresso para Portugal e muito

rência.

O Povo Português volverá o seu esforço para o desenvolvimento económico e geral da nossa Pátria, em plena independência e soberania. Portugal tem recursos e condições próprias para viver sem oprimir e explorar outros povos. Essa é uma condição para o seu bem-estar, para a sua independência.

OS SANGRENTOS CONFLITOS RACIAIS E A POSIÇÃO DO IMPERIALISMO

U.T.R. — A proclamação do direito dos povos à independência é sem dúvida, um passo importante, fundamental. Mas como é que pensa que em objectivo deva ser concretizado, tendo em conta os actos de resistência ao processo de descolonização que aparecem já sob a forma de conflitos raciais sangrentos?

P.S. — Há ainda um caminho difícil a percorrer para transformar em realidade os objectivos proclamados. Conhecem-se as forças que se opõem aos princípios proclamados. São os monopólios capitalistas e o imperialismo estrangeiro, que não querem aceitar o irreversível processo histórico que está em curso. As forças colonialistas e os seus agentes agem com obstinação contra este processo. Fazem tudo para evitá-lo. Fomentam conflitos raciais. Buscam apoios externos organizando conflitos comprometidos, como aqueles que são denunciados na imprensa diária portuguesa pelos representantes das Forças Armadas em Moçambique. O eixo Salisbúria-Petrópolis-Lourenço Marques ou Luanda não deixou de funcionar.

OS FALSOS GRUPOS LIBERTÁRIOS

Os sangrentos conflitos que roubaram já a vida a dezenas de pessoas em Luanda são promovidos por racistas desesperados, que procuram a todo o custo impedir o processo que conduz à independência de Angola. As forças colonialistas manobram para encontrar os colaboradores que lhes permitam continuar sob outras formas o velho regime opressor. Fomentam grupos de «libertadores». Pretendem creditá-los. Semeiam a divisão, a descrença, para fazer triunfar deste modo os seus pontos de vista. O processo da descolonização é complexo. Só um certo

Continua na pág. 14

PAVIMENTOS LIMPOS!

ALCATIFA VINYL
MADEIRA CIMENTO
MOSAICO TIJOLEIRA

GRASMANN

lava
enxuga
encera
lustra

em **1** **SÓ**
OPERAÇÃO!

PEÇA UMA
DEMONSTRAÇÃO!

modelos:
domésticos
industriais

varequipe

Lisboa - Av. João XXI 66 t/c D-T 773292-773630
Porto - R. Serpa Pinto 247 T 496316

novidades EUROPA-AMÉRICA

PARA UMA DECISÃO CONSCIENTE, UMA INFORMAÇÃO CRITERIOSA

A DEMOCRACIA
— Georges Burdeau 40\$00

**OS CINCO
COMUNISMOS**
— Gilles Martinet 77\$50

**AS ORIGENS
DA BURGUESIA**
— Régine Pernoud 25\$00

O SOCIALISMO
— Do Renascimento aos nossos dias
— Claude Willard 25\$00

**A REVOLUÇÃO
CULTURAL
CHINESA**
— Alberto Moravia 50\$00

**A INTERVENÇÃO
AMERICANA
NO CHILE**
— Armando Uribe 85\$00

**AS HIERARQUIAS
SOCIAIS**
— De 1450 aos
nossos dias
— Roland Mousnier 55\$00

**O PODER
DA INFORMAÇÃO**
— J.-L. Servan-Schreiber 160\$00

Peça na sua livraria
ou directamente a
**publicações
europa-américa**
Apartado 8 — Mem Martins

HOTEL JUPITER ****

PRAIA DA ROCHA

Preços especiais para clientes nacionais, válidos para estadias começando em Setembro mínimas de 4, 7 e 14 dias.

POR CASAL

PENSÃO COMPLETA — 660\$00 p/ dia
MEIA PENSÃO — 520\$00 p/ dia
Quarto e peq. almoço — 390\$00 p/ dia
(TAXAS INCLUIDAS)

Crianças até 12 anos, aposento grátis compartilhando o quarto dos pais, e 50% de desconto no valor da pensão alimentar.

BOWLING — PISCINA — SNACK — BAR
— BOITE —

Conjunto ARS ANTIQUA
Rancho Folclórico do ARADE

Telegramas — JUPITER
Telefone — 22 041
Télex — 18246

MULHER



Aida Magro

A FORÇA IGNORADA DAS COMPANHEIRAS QUE SE MANTIVERAM NA SOMBRA - 3

Aida Magro, cuja vida foi uma luta permanente e que sofreu na carne todas as consequências de vários anos de clandestinidade, de sofrimento moral e físico, incluindo privações de toda a espécie, além da coacção psicológica provocada pela vigilância constante a que o menor dos seus gestos deram azo e dos longos anos que o marido passou na cadeia, é uma mulher serena de grandes olhos escuros e cabeça levantada, atitude com que deve ter enfrentado sem ceder as inúmeras situações extremamente difíceis que tantos anos de luta contra o implacável sistema de terror e prepotência a obrigaram.

Durante a longa conversa que tivemos com Aida Magro e na qual ela foi recordando todo o processo de uma vida de resistência e luta, feita de pequenos e grandes episódios, com os seus sobressaltos e angústias, só uma única vez a sua serenidade fraquejou. De rosto dolorosamente contraído, lábios cerrados e olhos marejados de lágrimas, recordou os muitos anos que viveu separada da filha de poucos meses, durante os quais nem sequer à pôde ver. Lágrimas que talvez não tenha querido chorar nessa altura, em que a luta lhe não permitia a menor fraqueza.

O «caso amoroso» de Aida e José Magro começou (imaginem-se!) quase ao nascer. Ela era angolana e foi durante o primeiro período de férias que passou na Metrópole, em casa de uma tia, onde vivia também o Zézinho, primo afastado, que o «idílio» começou. Ela tinha três anos e ele apenas um... Persistentes desde o berço, como se vê. A separação, dois anos depois, parece que foi bastante dolorosa...

— Era muito pequena, portanto, mas mesmo assim acha que o facto de viver em África os primeiros anos da sua vida a ter qualquer espécie de influência?

— Sem dúvida nenhuma. O meu pai foi castigado por não ter aderido ao governador, de forma que nunca estivemos em cidades, cresci praticamente na selva. Fomos desterrados para uma zona muito insalubre que era Cangamba, onde ficamos muitos anos. Mas foi uma página da minha vida de que gostei. Lembro-me perfeitamente de um dia o meu pai me ter posto em cima de uma mesa e dizer: «Minha filha, daqui a vinte anos Angola será independente, porque a raça negra é uma grande raça e os europeus estão realmente a perder condições. Em Cangamba vivi já muito o problema do negro, porque todas as semanas via passar levas acorrentadas com grilhetas nos pés e nas mãos, e a cantarem as suas canções. Eram homens que não pagavam imposto de cubata e que portanto eram arrepanhados para trabalhar nas minas de

diamantes de Lunda.

— Sem remuneração, claro. — Eu era muito pequena, mas creio que lhes davam apenas a fuba. Era um trabalho forçado e isso marcou-me muito profundamente. Fui também a primeira branca que naquele sítio frequentou a escola dos negros, pois o meu pai considerava que eu não era mais do que eles, outra coisa que me marcou, esta no bom sentido.

Numa segunda vinda à Metrópole, com dez anos de idade, pela primeira vez o primo Zézinho, que ia nos oito anos e não esquecera, pediu-lhe namoro. Mas ela achou muito cedo para se comprometer. Novo regresso a Angola, novo desterro do pai, mas então para a Lunda, onde não havia absolutamente nada. Como desejava educar as filhas para que um dia não ficassem dependentes de qualquer homem, pediu a reforma e a família regressou então definitivamente. Aida matriculou-se no Industrial, onde tirou o curso de analista e finalmente casou.

— Portanto nessa altura já ambos tinham as suas actividades políticas.

— Sim, já tínhamos. O Zé Magro ligou-se ao Partido em 1940 e como tínhamos um grande grupo de jovens começámos a trabalhar, ele em 40 e eu em 42. Era o período da guerra angariávamos alimentos para os camaradas do Partido.

Fizemos uma campanha em que pedíamos um cigarro a cada pessoa e tudo isso era enviado para os camaradas na clandestinidade. Portanto em 42 eu já era membro do Partido e organizámos aquilo a que chamámos Movimento Feminino, que era constituído por mim, pela minha cunhada e pela minha irmã, todas controladas pelo Zé Magro.

— Quais eram os objectivos desse movimento?

— Organizámos aqui em Lisboa uma biblioteca para raparigas e, como a repressão era feroz, tínhamos desde Max du Veuzit até outros escritores mais evoluídos e conseguimos quase todas as capitais, como Porto, Coimbra, Faro, Portalegre, Marinha Grande, Barreiro, Évora, etc., organizassem grupos de raparigas a quem dávamos os livros, que por sua vez emprestavam a outras moças e que nos eram enviados depois de lidos. E assim mantivemos uma espécie de intercâmbio à custa de uma cotização de 2550 para os grupos aderentes, o que nos permitia ir enriquecendo a pouco e pouco a nossa biblioteca, que contou igualmente com a colaboração dos amigos. Para a província utilizávamos uma tática: começámos por mandar os livros amorosos que nessa altura eram devorados e a pouco e pouco outro género de literatura. Entretanto fizemos um curso para adultas na Promotora. Leccionava

Por GINA DE FREITAS

eu a minha cunhada e tivemos muitas alunas, uma sala cheia de mulheres que queriam aprender a ler. Fizemos palestras em vários sítios e organizámos passeios, uma espécie de piqueniques a que ia muita gente. Levávamos um programa e portanto levávamos um problema com a maior naturalidade possível e acabávamos por discutir aspectos políticos, muito levemente, claro, para não chocar. Por fim tudo ia na onda e passávamos o dia a trocar opiniões.

A actividade do grupo não parava, porque era imperioso angariar fundos. Chegaram a convidar a Madame Carmo para presidir a uma festa que organizaram na Casa da Beira e a que a senhora só não foi porque tinha torcido um pé. Mas contribuiu com 100\$00 para pagar o seu bilhete, cujo o preço seria de 20\$00... Oficialmente o objectivo era angariar fundos para a biblioteca das raparigas, mas na realidade o dinheiro era preciso para muitas outras coisas.

— Como estávamos perto do Natal e já tínhamos muita gente no grupo, fomos ter com o padre de S. Pedro de Alcântara, pois havia que arranjar fundos para o Partido, e pusemos os nossos serviços à sua disposição para organizarmos uma quete de Natal. Ele ficou encantado porque não era capaz de fazer uma coisa dessas sozinho. Conseguimos resultados espectaculares e o padre ficou radiante com a parte que demos para os seus paroquianos. Eu estava nos últimos tempos da gravidez, pois a minha filha nasceu a 2 de Dezembro, e custou-me muito andar a subir e a descer escadas, mas tinha que ser. Pouco depois fomos prevenidos de que o Zé tinha sido denunciado e na iminência da sua prisão decidimos ir para a clandestinidade. O Zé foi primeiro, em Março e eu no dia 11 de Abril acompanhei-o, com um bebé de três meses. Eu apoiava inteiramente a actividade do meu marido. E hoje posso dizer que toda a minha vida clandestina foi passada em Lisboa. O momento do salto foi difícil, eu tinha um físico facilmente identificável e receando imenso ser reconhecida. Era a época das refugidas e eu que usava os cabelos caídos, fui a uma cabeleireira amiga fazer um complicadíssimo penteado de caracóis no alto da cabeça. Com esse disfarce e um pouco de

pintura, que nunca usava, fiquei completamente diferente.

— Como sobreviveram na clandestinidade, se não podiam trabalhar?

— Fatalmente muito mal. Estávamos no período da guerra e sem possibilidades de racionamento. Tínhamos 500\$00 para a comida, mas como o meu marido fumava, 50\$00 eram para os cigarros dele, portanto ficavam 450\$00. Sem racionamento tínhamos que comprar tudo no mercado negro. O açúcar era a 16\$00 o quilo, o arroz também a 16\$00, o azeite, quando o arranjava a 35\$00, e tinha que ter um litro de leite por dia para a miúda, o que fazia 90\$00 por mês só para ela. O que é que me ficava para comer? Necessariamente tive que passar fome. Arranjava umas comidas muito esquisitas, aquelas comidas do povo, como por exemplo batatas cozidas com o unto do toucinho por cima. E comi muitas vezes duas batatas cozidas com uma folha de alface. As despesas extras de deslocações eram pagas pelo Partido, mas nessa altura o Zé chegava a andar 50 quilómetros a pé por dia. Claro que eu enganava-o para que ele comesse um pouco melhor, visto que despendia muito mais energias do que eu. Mas atingidos seis meses de clandestinidade verifiquei que não podia alimentar a minha filha. Eu tinha o dever de me sacrificar por uma luta que considerava justa, mas não tinha o direito de sacrificar a minha filha tornando-a uma criança débil. E resolveu-mos mandá-la para casa dos avós. Foi das decisões mais duras que tomei, profundamente dolorosa. Nunca mais a vimos até aos 4 anos. Foi um problema tão difícil para nós que o Partido encarou a hipótese de a irmos buscar. Veio então com 4 anitos, já não nos conhecia e a adaptação foi difícil. Era uma criança a quem os avós davam tudo e que foi para junto de uma mãe que não tinha nada. Lá conseguimos ultrapassar essa crise, a miúda finalmente adaptou-se mas em 1949 surge uma onda terrível de repressão e ela transformou-se num estorvo. Pois tínhamos que andar constantemente de ponto de apoio para ponto de apoio e os problemas eram gravíssimos. Resolvemos mandar outra vez a menina para casa dos avós. Ela sofreu de novo com a mudança e ficou marcada para sempre. De então para cá

nunca mais saí de ao pé da avó e do tio. Entretanto em 1951 o Zé foi preso e esses seis anos foram muito difíceis, até porque estando eu na clandestinidade não podia visitá-lo. Não tinha filha, não tinha marido. Estava sózinha. Foram anos muito duros. E preciso realmente muitas vezes cerrar os dentes e andar para a frente.

— E durante todo esse tempo não conseguiu ter qualquer espécie de contacto com ele?

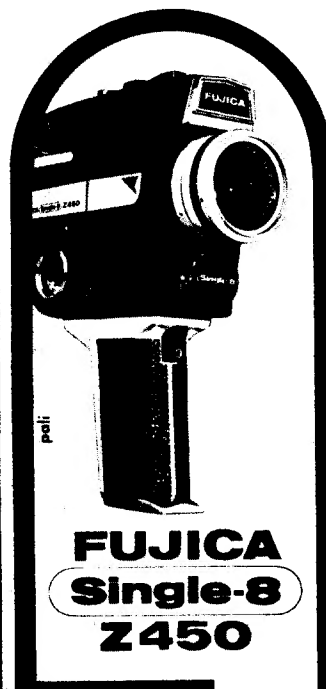
— De longe em longe recebia uma carta. Conservei essas cartas até a véspera da minha prisão. Eu sabia que ia ser presa porque a vigilância que se exercia à minha volta era muito grande. Como entretanto ele tinha sido libertado conseguimos estar três dias juntos. Depois de 6 anos de separação três dias é muito pouco, ficaram muitas coisas por resolver, de forma que eu decidi escrever nova carta ao Partido e pedir outro encontro com ele. Mas eles apanharam-me em casa, eu ainda tentei resistir, mas praticamente assaltaram-me e tiraram-me a carta. Portanto eu sabia que o Zé ia ser novamente preso, pois como estava em liberdade condicional não tinha o direito de ter contactos com um membro do Partido e a carta provava o nosso encontro. Fiquei aflita e tentei torcer a coisa, mas eles não se engam assim, têm uma experiência muito grande. O momento da minha prisão foi realmente duro porque eu estava brava. Primeiro disse que não saía de casa sem comer mas eles disseram que tinham almoço para me na Pide. Quando lá cheguei deram-me bacalhau com batatas, que eu comi todo apesar de não ter fome. Mas não sabia o que me esperava. A minha prisão foi às 10 horas da manhã, fui para a Pide ao meio-dia e deixaram-me até às 5 numa sala, guardada por dois pides, com o aviso de terem muito cuidado porque a senhora podia tentar matar-se. Tranquilei-me dizendo que se eles não o fizessem eu também não me mataria. Depois apareceu o Gouveia, fez-me um cumprimento rasgado, disse que tinha sido dada ordem à polícia para me tratarem com toda a consideração e iniciou uma conversa de uma hora, toda ela enaltecendo-me. Fez-me um grande elogio, auto-elogiou-se também e comparou-me com ele na elevação de sentimentos. Eu mantinha-me calada. No fim disso tudo diz-me: «Pois a verdade é que podemos ficar todos bem, pode ficar a senhora bem pode ficar o Partido, pode ficar a polícia bem...». Nessa altura já estava completamente louca, fora de mim, dou um pulo direito a ele, pus as mãos em cima da mesa, o homem recua e eu gritei: «O senhor está-me a fazer um convite à traição?». Ele que estava encostado à porta, pôs as mãos teatralmente no ar e grita: «Traição traição, palavra horrível! Não posso ouvir essa palavra!». — «Pois possa ou não possa é o que o senhor está a fazer e exactamente porque eu sou tudo

aquilo que o senhor acaba de dizer, porque eu sou uma mulher excepcional, porque sou uma mulher honesta, porque tenho pai, porque tenho mãe, porque tenho marido, porque tenho uma filha, porque tenho amigos, porque tenho camaradas, exactamente por tudo isso não trairei. Entrei aqui de cabeça levantada e vou sair de cabeça levantada. Eu estou nas suas mãos, não tenho qualquer defesa, o senhor pode torturar-me, pode bater-me, inclusive matar-me, mas há uma coisa que o senhor nunca poderá fazer: é obrigá-lo a falar». Ele começou a gritar «venham cá todos, venham cá todos, levem esta mulher para Caxias que ela está muito nervosa!». Eles agarraram-me e levaram-me aos encontros pela escada abaixo. Passadas 48 horas tive o primeiro interrogatório, a que só respondi às perguntas de identificação, de modo que eles continuaram a fazer-me durante seis meses, dois interrogatórios por semana.

— Não sofreu torturas?

— Tinham-me previamente dito que até ali as senhoras não eram torturadas, o que não queria dizer que a partir daí não comessem a ser. E de facto começaram. As primeiras mulheres a ser torturadas foram as mulheres do Couço, que fizeram estatua e tortura de sono durante cinco dias. Fui condenada em dois anos e meio e três de medidas de segurança. O Zé Magro que entretanto tinha sido libertado, em 59 é novamente preso. Estivemos dois anos e meio na mesma cadeia, ele no andar de baixo e eu no andar de cima, e então aí eles actuaram de maneira absolutamente sádica, fazendo sentir que marido e mulher não se

Continua na pág. 13



A máquina de filmar que incorpora as técnicas mais recentes em electrónica e óptica.

Objectiva zoom de precisão. Olho electrónico TTL, obturador variável, câmara compacta, leve e fácil de manejar.

Obtém todos os efeitos e truques ao nível do cinema profissional.

Represent. Gerais em Portugal:

HITZEMANN & C. LDA.

PORTO: R. Sá da Bandeira 520/526 Telex 22135 6-36301 LISBOA: 1 R. Filipe Folque 20-20 Telex 59788-9 COIMBRA: R. do Comércio 88 - Telex 28738

PERFUMARIA ESPECIALIZADA

Tires Javares

Rua 1.ª de Dezembro, 120-A — Telef. 36 81 67
PERFUMARIAS E PRODUTOS DE BELEZA
PARQUE DOS RESTAURADORES A 40 METROS

ASTRÓLOGA ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

GERAL

O GENERAL SPÍNOLA EM MAFRA

"Não permitiremos desvios aos ideais do 25 de Abril"

"Trago-vos aqui a certeza, com a minha presença e a do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, de que podereis confiar que não permitiremos desvios aos ideais que determinaram o 25 de Abril" — afirmou o Presidente da República, general António de Spínola, quando esta manhã presidiu às cerimónias do Dia da Infantaria, realizadas na Escola Prática de Infantaria, em Mafra.

Durante o seu discurso, o general Spínola salientou que os objectivos da liberdade e da democracia não-de ser atingidos e que, para tanto, se torna necessário que todos continuem vigilantes. No mesmo sentido observou que seria indispensável o regresso do País à normalidade e a paz aos espíritos. O discurso foi pronunciado no final das cerimónias comemorativas daquela Arma.

O general Spínola chegou às 10 horas à E. P. I., de helicóptero, tendo-lhe sido prestadas honras militares. Estiveram também presentes o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Costa Gomes, director da arma de Infantaria, general Mendonça Frazão, comandante da Região Militar de Lisboa, brigadeiro Saraiva de Carvalho, além do comandante da Escola, coronel Jasmim de Freitas, e outras individualidades militares.

Na parada "tenente-coronel Magalhães Gregório", o Presidente da República recebeu a continência das forças perfiladas, que incluíam companhias do C.O.M. Seguiu-se a saudação do comandante da Escola ao general Spínola, que salientou o papel activo da E.P.I. no 25 de Abril. Foi lida depois a mensagem dirigida à Arma de Infantaria, após o que se procedeu à entrega das espadas aos

novos oficiais. Hoje realizar-se-á ainda a cerimónia de encerramento do D.P.O. Ribeiro de Almeida, integrado por dez novos alferes.

Foi então que o Chefe do Estado tomou a palavra, declarando que se dirigia aos presentes na sua qualidade de militar e soldado. Soldado que se orgulha neste momento de vir prestar homenagem à Arma de Infantaria. Referindo os feitos dessa arma em Aljubarrota, e em outros momentos decisivos da história portuguesa, o general Spínola considerou que a arma de Infantaria tem sido aquela que, através dos tempos, mais legitimamente representou a grande massa do povo português. Nestes termos, saudou toda a acção desenvolvida pelos infantistas, nomeadamente em África, referindo o seu papel decisivo no 25 de Abril. De facto, considerou o general, vimo-la no 25 de Abril, onde as unida-

des de Infantaria no seu conjunto, tendo como cúpula as companhias da E.P.I., desempenharam um papel decisivo nessa hora crítica. O Presidente da República referiu ainda que a Infantaria tinha combatido pela liberdade e pela institucionização da democracia em Portugal, prosseguindo, assim, os ideais nobres que a orientam. Deste modo, elogiou as quatro companhias da E.P.I., e os respectivos capitães que as comandaram, e que desenvolveram decisiva acção na madrugada do 25 de Abril. A concluir o seu discurso, o Chefe do Estado manifestou claramente a sua decisão e a do general Costa Gomes, de defenderem o Programa do Movimento das Forças Armadas e de não admitirem desvios à pureza dos seus ideais.

Evocação de Jaime Cortesão

Jaime Cortesão foi esta manhã evocado no Cemitério do Alto de S. João. Amigos e admiradores lembraram o poeta e o historiador, bem como o deputado pelo Porto na legislatura de 1915 a 1917. Um homem que deixou larga memória exilado no estrangeiro desde Fevereiro de 1927, viveu em Espanha, França, Bélgica e Inglaterra. A análise da colonização portuguesa mereceu-lhe toda a sua atenção de humanista. Várias obras atestam essa sua atitude: «História da Colonização Portuguesa do Brasil», «A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil», «Do sigilo nacional na História dos Descobrimentos», etc.

Concentração de simpatizantes do P.A.I.G.C.

Um grupo de simpatizantes do P.A.I.G.C. promove amanhã, pelas 16 horas, no Jardim da Estrela, uma concentração com o fim de exigir o reconhecimento imediato do P.A.I.G.C. como único representante do povo de Cabo Verde.

Unidade Guiné-Cabo Verde

Situação sob controle no Norte de Moçambique

LOURENCONMARQUES, 14 (ANI) — Encontra-se sob controle a situação nos distritos da Ilha e de Nampula, no norte de Moçambique, depois de quatro dias de intensa agitação, provocada por um levantamento de negros, que pilharam e destruíram estabelecimentos comerciais, residências, unidades fabris e fazendas pertencentes a brancos e asiáticos.

As autoridades determinaram que entrassem em actividade os elementos da OPVDC (Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil), organização para-militar cuja extinção fora repetidamente exigida por democratas ao novo governador-geral, dr. Soares de Melo.

Foram detidos algumas pessoas — dez das quais consideradas cabeças das desordens, segundo um comunicado do alto comando militar — que se acredita terem sido infiltrados do Malawi. Alguns assaltos, no entanto, continuaram a registar-se, a diversos estabelecimentos comerciais (cantinas) do interior.

Entretanto uma unidade de um comboio de trainees que ontem empreendera a viagem de Moma para a cidade da Beira, afundou-se ao largo da costa. Não se registaram desastres pessoais, mas o prejuízo é de milhares de contos. O barco, que pertencia à empresa Copesca, largara de Moma com diversas outras embarcações pesqueiras, transportando famílias inteiras que abandonam as suas residências e haveres, completando uma viagem de três dias para local seguro.

Por outro lado, encontra-se em Nampula, onde se situam o comando-chefe e o quartel general das Forças Armadas portuguesas, o secretário de Estado da Coordenação

Económica, dr. Mascarenhas Galvão que, acompanhado de técnicos, está a estudar e a resolver problemas levantados pela agitação.

Julgase, com efeito, que os motins e a violência das depredações tenham causado um sério desequilíbrio na já deficiente situação económica moçambicana. Foi lançado fogo a extensas plantações de sisal e de algodão, suportes de produção agrícola do distrito de Nampula, onde só a castanha de caju ultrapassa, em importância, o valor daqueles produtos. Também o distrito da Zambézia — uma das mais vastas e ricas áreas de Moçambique — a economia sofreu em grave abalo, não só imediatamente com as destruições ali registadas, as também a médio prazo, com a ausência de grande parte dos agricultores de médias e grandes propriedades.

Foram, entretanto, restabelecidas as comunicações — cortadas desde sábado — entre António

Enes e Nampula, e entre Nampula e a zona costeira.

MELO ANTUNES CERTO NA JUNTA

Círculos próximos do Ministério da Coordenação Interterritorial garantiram-nos hoje que a nomeação do major Melo Antunes para a presidência da Junta Governativa de Moçambique seria ponto assente, apenas se desconhecendo a data da partida do até agora ministro sem pasta para Lourenço Marques.

A concretizar-se a nomeação, Melo Antunes receberia a graduação em general, tornando-se assim, depois dos maiores Fábão e Saraiva de Carvalho, o terceiro elemento do M.F.A. a ascender, ainda que episodicamente e por força de altas funções, do quadro de oficiais superiores ao de oficiais generais.

ENCONTRO COM SPÍNOLA

BEIRA, 14 (L.) — Partiram desta cidade com destino à capital portuguesa, os políticos moçambicanos Vasco Momboya, António Muguambe, Urias Simango e Pedro Mondjane, que pretendem avistar-se com o Presidente da República, General António de Spínola.

"Coisa política" gera pancadaria

A «coisa política» gerou a discussão e da discussão à agressão mútua pouco demorou. Copos e garrafas foram as armas utilizadas e quando a polícia interveio já os dois contendores (um estudante e um copista), se encontravam marcados pela refrega: ferimentos, embora ligeiros, por todo o corpo.

A contenda ocorreu, ontem à noite, num restaurante na

Rua das Portas de Santo Antão, e, para além de recolherem sob prisões ao Governo Civil, o estudante Cruz e o copista Pascoa tiveram ainda de pagar setecentos escudos pelos danos causados.

Ferido a tiro pelo polícia que tentou atropelar

Um agente da P.S.P. disparou, esta madrugada, na Calçada de Carriche, dois tiros de pistola sobre um carro furtado, em que seguiam dois jovens.

Eles tentaram atropelar-me e eu disparei, justificou-se o polícia. E disparou de tal maneira que um dos projecteis atingiu um dos jovens, de apelido Bule, no baixo ventre, pelo que teve de ser conduzido para o Hospital de S. José, onde esta manhã ainda se encontrava internado em estado grave.

ZIGUEZAGUEAR

Sem capacetes de protecção dois menores conduziam as motorizadas em perigosos ziguezagues pela Rua da Conceição, pondo em sério risco as numerosas pessoas que àquela hora, cerca das 17 de ontem, transitavam no local. Foi então que surgiu um carro-patrolha da P. S. P. Os menores aceleraram. As motorizadas pareciam ter asas, transeuntes assustados encostavam-se às paredes e foi só no Campo das Cebolas que a movimentada perseguição teve o seu epílogo com a detenção dos dois motociclistas.

As duas motorizadas, segundo confessaram, foram furtadas.

CARLOS CARVALHAS FALA HOJE COM OPERÁRIOS DA FIMA

O secretário de Estado do Trabalho, dr. Carlos Carvalho, desloca-se, esta tarde, à empresa FIMA, localizada em Santa Iria da Azoia, para contacto com os operários.

Acompanha o dr. Carlos Carvalho o secretário do ministro do Trabalho, Daniel Cabrita.

PASSAPORTES INDIVIDUAIS-FAMILIARES-COLECTIVOS

PM NORTUR/PM TURISMO R BARATA SALGUEIRO 8 LISBOA Tel: 58722 58785 58791 58874 58875

FERIAS DE SONHO E SOL

COSTA DEL SOL

A partir de 2.290\$00. 8 ou 15 dias. Todos os Domingos até 22 de Setembro.

MADEIRA

A partir de 2.900\$00. 8 ou 15 dias. Todos os sábados até 28 de Setembro.

MAIORCA

A partir de 3.240\$00. 8 ou 15 dias. Todos os Domingos até 2 de Outubro.

TORREMOLINOS E BENIDORM

Com o seu carro desde 525\$00. 1 ou 2 semanas. Todos os Domingos até 29 de Setembro.

LONDRES

A partir de 2.990\$00. 8 ou 15 dias. Todas as 6. Feiras até 18 de Outubro. Programa de visita à Escócia.

Estas são algumas das nossas sugestões para as suas férias de sonho e sol. Conheça todos os seus programas...

CLARAS
Turismo com qualidade internacional

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 - Lisboa-1 - Tels. 56 00 15 56 34 51

SOLAR DO LORETO

Rua Emenda, 107

Informamos os nossos estimados clientes que para permitir ao seu pessoal Férias, encerra o restaurante HOJE aos jantares, reabrindo no início de Setembro.

ESTRANGEIRO

ARGENTINA

A polícia acusa esquerdistas de fomentarem levantamento

BUENOS AIRES, 14 (Por Robert E. Sullivan, da UPI, exclusivo da ANI em Portugal) — O exército e a polícia argentinos mataram 15 guerrilheiros, numa organização marxista e perderam seis dos seus homens no segundo dia do que parece ser uma larga ofensiva de elementos esquerdistas — anunciou um informador da polícia.

As batalhas na província de Catamarca, no noroeste do país, a cerca de 1125 quilómetros de Buenos Aires, elevaram para 26 o número de mortos em consequência de ataques de guerrilheiros, nas últimas 24 horas.

Em círculos dos serviços secretos afirma-se que as acções fazem parte duma ofensiva de guerrilheiros de extrema-esquerda, tendente a provocar um levantamento geral, e que tem o apoio de vários grupos da es-

querda e não apenas do «Exército Revolucionário do Povo» (ERP).

O exército argentino está alerta e as tropas estão de prevenção nos quartéis, em certas áreas, de acordo com fontes militares.

A polícia afirmou que os guerrilheiros mortos por pára-quedistas e pela polícia, eram os mesmos que falharam a tentativa para atacar a base de pára-quedistas em Catamarca, domingo passado.

Nessa operação, uma secção de morteiros aerotransportada, foi lançada num desfiladeiro, onde um grupo de guerrilheiros ficou cercado.

O ataque dos pára-quedistas foi coordenado com outro terrestre levado a cabo por forças do exército e da polícia, segun-

do os informadores do exército.

Por outro lado, um informador da polícia, disse que um guerrilheiro dado como morto, pegou numa metralhadora ligeira e matou quatro polícias, incluindo um comissário, antes de ser abatido.

Um quinto polícia foi morto num recontro com guerrilheiros uniformizados. A sexta baixa nos efectivos governamentais, foi um pára-quedista morto por uma granada de mão que explodiu acidentalmente nas suas mãos, durante um ataque.

Dois guerrilheiros foram mortos domingo, ao serem surpreendidos pela polícia quando estavam a fardar-se, preparando-se para atacar a base de pára-quedistas.

Os guerrilheiros foram identificados como membros do ERP.

MORTOS DE FRIO NO MONTE LENINE

MOSCOVO, 14 (R.) — Os oito membros de uma equipa de montanhistas soviéticos morreram a semana passada quando tentavam atravessar o pico do Monte Lenine, situado nas proximidades da fronteira com a China, na Ásia Central — revelou o jornalista americano que encontrou os corpos.

O jornalista, Christopher Wren, correspondente do «New York Times», declarou ter sido informado que da equipa faziam parte seis das principais montanhistas da União Soviética, as quais eram chefiadas por Ella Dafeveva.

Wren, que se encontrava com um grupo de montanhistas americanos e japoneses, declarou que as mulheres foram apanhadas por uma tempestade em 5 de Agosto, perto do cume da montanha, de 7134 metros de

altitude, tendo morrido de enregelamento.

Sete dos corpos foram encontrados em diferentes posições — três sobre a plataforma de uma tenda, um segurando uma corda e três outros que aparentemente tinham caído.

O oitavo membro da equipa caíra possivelmente num desfiladeiro, e o seu corpo não fora ainda encontrado quando Wren e os seus companheiros abandonaram a área.

Ao que se crê, trata-se de uma das maiores tragédias do montanhismo internacional, embora Wren dissesse ter sido informado de que 12 russos morreram no Pico de Robeda, na Ásia Central, há vários anos.

Segundo Wren, a equipa americana que ele acompanhava estava acampada apenas 33 metros abaixo do local onde as mulheres morreram, mas que não foi recebido nenhum pedido de socorro da base de campo soviética.

FORD À PROCURA DE UM VICE-PRESIDENTE

WASHINGTON, 14 (Por Helen Thomas, correspondente da UPI na Casa Branca — exclusi-

vo da ANI em Portugal) — Gerald Ford reduziu já as proporções da sua lista de vice-presidentes e, segundo parece, anunciará o escolhido no fim da semana — informou um funcionário da Casa Branca.

Segundo esse funcionário, Ford considera especialmente o antigo governador do estado de Nova York, Nelson Rockefeller, o presidente nacional do Partido Republicano, George Bush, e o senador Howard Baker, republicano do Tennessee.

O «leader» republicano no Senado, Hugh Scott, da Pensilvânia, afirmou que o presidente ainda não estava perto de uma decisão final.

Anteriormente Ford tinha pedido aos membros do Congresso e a outras entidades governamentais para entregarem até amanhã nomes de candidatos potenciais.

Sobre este assunto, o «leader» democrático no Senado, Mike Mansfield afirmou que deveria ser o presidente a tomar uma decisão, sem sugestões alheias.

Uma das primeiras tarefas do vice-presidente será efectuar uma viagem de onze dias que Ford tinha programada para si próprio antes da demissão do presidente Nixon.

Entretanto, a conselheira presidencial, Anne L. Armstrong, revelou que discutira o assunto da vice-presidência com Ford, tendo-lhe ele pedido nomes de mulheres que considerasse aptas para tais funções.

Ford afirmou que para a escolha não excluía mulheres, de moças ou negras.

Nixon: uma fortuna só em documentos

WASHINGTON, 14 (D.P.) — Richard Nixon dispõe duma fortuna considerável em valores diversos, embora as suas disponibilidades em dinheiro não sejam enormes. Especialistas na matéria pensam que a sua colecção de fitas magnéticas gravadas, «dossiers» pessoais, filmes e fotografias datando da época em que era presidente vale vários milhões de dólares.

Segundo os mesmos especialistas, a colecção de documentos que Nixon tinha reunido até su-

bir à presidência é avaliada em milhão e meio de dólares. Durante o tempo em que foi presidente, essa colecção aumentou muito. Além disso, conforme um porta-voz da administração dos serviços gerais afirmou, segundo a tradição, os presidentes levam com eles todos os seus «dossiers» quando deixam a Casa Branca. As famosas fitas magnéticas gravadas, relativas ao caso Watergate, fazem parte desses documentos e serão entregues a Nixon depois de concluído o inquérito em curso.

O desemprego no ano 2 mil

BONN, 14 (R.) — Haverá centenas de milhões de desempregados em todo o mundo no ano 2000, segundo afirma o jornal alemão «Frankfurter Rundschau», num comentário à conferência mundial sobre problemas populacionais, que na próxima semana começa em Budapeste.

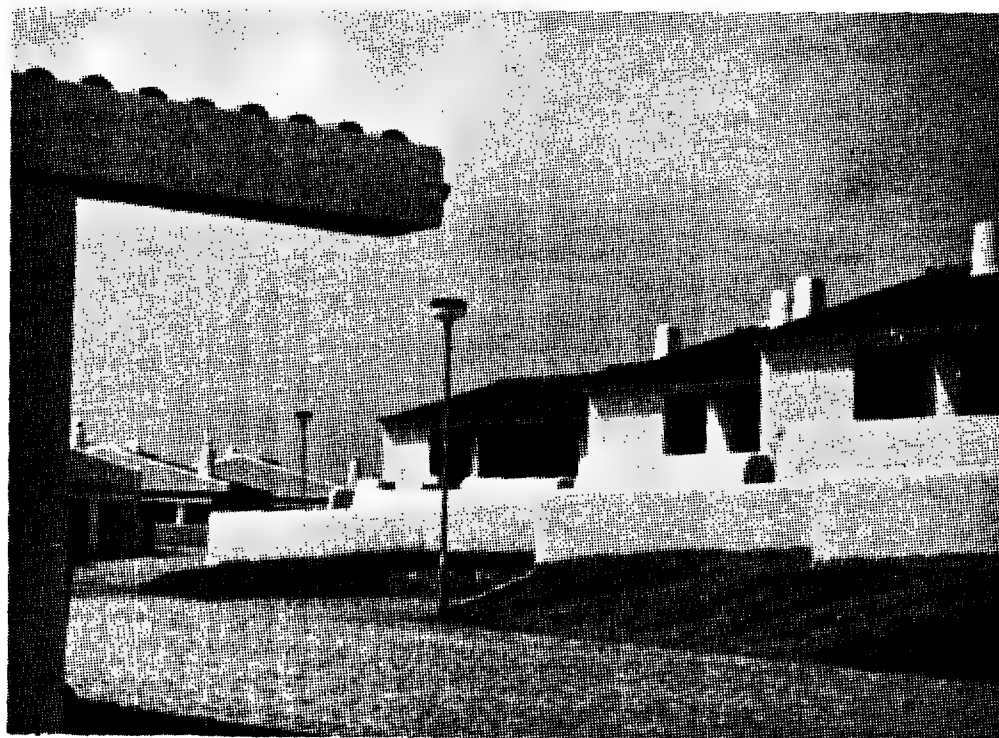
«É nessa perspectiva — acrescenta o jornal — que devem ser entendidas as palavras de Robert McNamara, presidente do Banco Mundial, quando ele diz: perante um punhado de privilegiados e uma multidão de milhões desesperadamente pobres é apenas uma questão de tempo até ser necessário optar entre as reformas necessárias e o risco político da rebelião».

Cargueiro aprisionado

BREST, 14 — (F.P.) — O cargueiro panamiano «Dani» ontem aprisionado ao largo da Bretanha, transportava 68 toneladas de cigarros e 50 caixas de «Whisky», segundo as primeiras constatações dos agentes aduaneiros. Desconhece-se por enquanto o local de embarque e o destino da mercadoria.

O comandante grego e os seis outros tripulantes (cinco gregos e um português) foram detidos.

No porto desta cidade o «Dani» fará companhia a um outro navio de cabotagem, o «Agiolonnis», aprisionado em um de Abril pelos guardas aduaneiros de Brest com 90 toneladas de cigarros americanos de contrabando.



PRONTO A VIVER

O MONTE DA VINHA é também Vila-moura. É um novo conjunto residencial turístico já construído, de discretas vivendas em banda, num dos espaços mais aprazíveis do elegante e moderno complexo de campo, mar, desportos e muito sol.

Cada vivenda, (um só piso), com jardim, terraço e garagem, mantém o verdadeiro

estilo algarvio. Cada vivenda dispõe de todo o mobiliário, equipamento, roupas e utensílios. Cada vivenda está, mesmo, «pronta a viver» (... e pode pagá-la até ano e meio)!

Nestes seus dias de Algarve, vá conhecer o MONTE DA VINHA, a dois passos do Casino e da Marina. Ou peça-nos detalhes.



VILAMOURA

“MONTE DA VINHA” — Moradias

Queiram enviar-me informações detalhadas DL.

Nome

Morada

Tel.

LUSOTUR-Soc. Financeira de Turismo, S.A.R.L.

Rua Tomás Ribeiro, 50-2o. — Tel. 537057

Telex: 12616 Lusef P — Lisboa 1



O presidente Gerald Ford despede-se da esposa, mrx. Elizabeth, antes de seguir para o trabalho na Casa Branca. O casal presidencial pensa deixar na próxima semana a sua residência suburbana, para se instalar na moradia oficial. (Até quando?)

Telefoto UPI-Telimprensa-DL

ESTRANGEIRO

VAGAS DE AVIÕES TURCOS DESENCARDEIAM ATAQUES CONTRA A ILHA DE CHIPRE

NICÓSIA, 14 — (R.) — Vagas de aviões turcos desencadearam às primeiras horas de hoje ataques contra alvos em Chipre e carros blindados turcos foram vistos a circular ao longo de uma estrada cipriota ao recomençar a luta na ilha mediterrânica.

O primeiro «raid» ocorreu às 5 horas locais quando aviões sobrevoadam Nicósia, ainda adormecida, e se dirigiram para Leste e Oeste da cidade para iniciarem bombardeamentos e ataques com rajadas de metralhadora.

Depois surgiram novas vagas de aviões para prosseguirem os ataques.

Testemunhas oculares que chegavam ao Hotel Hilton, em Nicósia, disseram ter visto carros blindados turcos na estrada que vai do enclave turco à volta de Kyrenia, na costa norte da ilha, a Famagusta.

Os ataques registaram-se após se terem malogrado totalmente às primeiras horas de hoje as conversações de paz em Genebra entre a Grécia, Turquia e Grã-Bretanha. James Callaghan, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, como representante da potência conciliadora, pediu imediatamente uma sessão de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em Nova Iorque, sessão essa que foi marcada para as 2 horas locais (7 em Lisboa).

As conversações em Genebra malograram-se por causa da recusa da Turquia em conceder um adiamento ao lado grego e cipriota-grego para estudar as suas novas e radicais propostas constitucionais para a ilha.

Um informador da ONU em Nicósia revelou que ficaram feridos cinco soldados finlandeses durante ataques aéreos perto do aeroporto de Nicósia e quatro britânicos na estrada entre esta cidade e Kyrenia.

Em Nicósia, o enviado da Reuter, Granville Watts, viu jactos turcos mergulharem e bombardearem posições cipriotas em ambos os lados da capital, fazendo com que civis fugissem para caves e outros abrigos, procurando lugares seguros.

Os aviões atacaram às 5 horas locais (3 de Lisboa) e o primeiro «raid» durou cerca de meia hora, parecendo ter atingido o posto de rádio da Guarda Nacional Cipriota Grega e de Chipre, a cerca de um quilómetro do centro de Nicósia.

No Hotel Hilton, cheio de gente, muitas pessoas mete-

ram-se em automóveis e seguiram para bases militares britânicas na ilha, onde pensam estar seguras, embora fossem recebidas notícias de bombardeamentos ao longo da estrada de Limassol, conduzindo àquelas bases.

Em Angora, a capital turca, o governo anunciou pela rádio oficial que fora obrigado a agir em Chipre, sem fornecer mais detalhes.

Contudo, a agência noticiosa semi-oficial Anatolia informou que aviões turcos tinham bombardeado alvos militares em Nicósia.

O governo turco declarou que os seus objectivos eram garantir a paz a longo prazo em Chipre e proteger a sua independência. Alegou que o acordo de cessar-fogo de Genebra, assinado, no mês passado, a seguir à invasão da ilha por forças turcas, não fora cumprido pelo «outro lado».

Após a invasão de Chipre pelos turcos, em 20 de Julho, forças turcas alargaram a sua testa de ponte, afim de ocuparem posições à volta do porto de Kyrenia, no Norte da ilha. Julga-se estarem em Chipre cerca de 150 tanques e 25 mil soldados turcos, vindos do continente.

Os turcos avisaram que, no caso de malogrado das conversações de Genebra, poderiam tentar estabelecer uma linha através da ilha, desde Morphou, no Ocidente, a Famagusta. Observadores eram de opinião de que os turcos estavam agora provavelmente a tentar concretizar esse plano.

«LUTA TERRÍVEL» PERTO DE NICÓSIA

NICÓSIA, 14 — (De Granville Watts, enviado da Reuter) — Da varanda do meu quarto no hotel, vi os jactos sobrevoarem a cidade, através de um céu azul limpo, às 5 horas locais (3 de Lisboa). A capital foi abalada com o deflagrar das bombas e do fogo da DCA. Grandes nuvens de fumo eram claramente visíveis nos locais onde caíam as bombas.

Os habitantes fugiram dos seus lares e de hotéis, quando os jactos mergulhavam sobre os alvos, e abandonaram Nicósia, dirigindo-se para as montanhas.

Continuava a luta ao longo da «Linha Verde», atravessando a capital, com cipriotas gregos e turcos bombardeando-se mutuamente.

Granadas de tanques caíram

no lado nordeste de Nicósia quando os turcos avançavam através do enclave oriental, que abrange cerca de seis aldeias a sueste da cordilheira de Kyrenia.

Esse avanço indicava que os turcos tentavam uma ligação através do enclave de Nicósia com a área oriental, que se estende em direcção a Famagusta.

Um funcionário da ONU informou que combates violentos se travavam perto do Ledra Palace Hotel, que é usado pelos soldados canadianos das Nações Unidas como seu Q.G. em Nicósia.

Disse que se travava luta entre os dois lados com fogo de morteiros e de metralhadoras.

As tropas canadianas, que constituem o segundo maior contingente de forças da ONU, na ilha, estavam prontas para

retirar das suas posições expostas na linha de fogo.

Quase duas horas depois dos ataques aéreos podia ouvir o troar intenso da artilharia e do fogo de tanques quando prosseguiam os combates.

Testemunhas oculares disseram que tanques turcos avançavam para Leste e Oeste, o que indicava uma inesperada manobra militar de expansão.

Afirmaram ainda travar-se luta terrível, com fogo de morteiros e de metralhadoras, a cerca de três quilómetros de Nicósia e que tinham visto fábricas em chamas ao recomençar a guerra em Chipre.

A Guarda Nacional cipriota grega comunicou que um hospital de Nicósia foi atingido durante os primeiros ataques, aéreos e que 28 pessoas tinham ficado feridas.



O agravamento da situação em Chipre levou a uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, que recomendou o imediato cessar das hostilidades. Na fotografia, o embaixador grego, Denis Carayannis (à esquerda), fala com o seu colega cipriota Rossides, após a sessão. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Acusações mútuas entre Atenas e Ankara

ANKARA, 14 — (F. P.) — Numa declaração publicada hoje em Ankara, o Governo turco enjeitou a responsabilidade dos acontecimentos actuais para a Grécia.

A declaração afirma que o Governo de Atenas não respeitou qualquer das decisões tomadas na primeira fase da conferência de Genebra e lembra que desde o princípio, foram os gregos que provocaram o golpe de Estado cipriota de 15 de Julho, de que os acontecimentos actuais são uma consequência.

A acção de Paz empreendida pela Turquia não é dirigida contra a Grécia nem contra os cipriotas gregos, diz uma declaração oficial do ministro da Informação, mas visa garantir a independência de Chipre na segurança e o regresso à paz e ao sossego criando uma paz duradoura na região. O objectivo da acção turca, continuou o ministro, não é de fazer de Chipre uma base militar.

A Turquia não tem vistas ter-

ritoriais sobre a ilha e o seu único objectivo é garantir os direitos da comunidade turca que vive na ilha. Tem sido graças à acção pacífica da Turquia possível preservar até agora a independência de Chipre.

«Como garante dos acordos de Chipre, continua a declaração turca, a Turquia foi obrigada, devido ao golpe de Estado preparado por Atenas e realizado por oficiais gregos em Chipre, na data de 15 de Julho, a intervir com o objectivo de proteger a independência e a integridade territorial da ilha, bem como a segurança da comunidade turca que ali habita» a segunda conferência de Genebra, prossegue o documento, «Chipre foi sempre considerada como sendo uma ilha grega».

Além do que a Grécia não aplicou Nenhuma das decisões tomadas na primeira conferência de Genebra e apesar do facto da conferência ter começado há dez dias, tem evita-

do toda a discussão seria «perante estas realidades, conclui a declaração, que os esforços pacíficos da Turquia conduzidos com boa vontade e muita paciência não levariam a nenhum resultado positivo. A comunidade turca não quer nenhum privilégio, mas não aceita viver em situação prisioneira nem como comunidade de que os direitos seriam reduzidos.

«UMA ACÇÃO IRRESPONSÁVEL E ABSURDA»

ATENAS, 14 — (F. P.) — A Grécia tomará todas as medidas úteis para fazer frente a um ataque dirigido não só contra o Estado independente de Chipre mas também abalando as instituições e a ordem internacional», disse o primeiro-ministro Karamanlis numa declaração oficial.

«A Turquia tenta qualquer uma acção irresponsável e absurda do regime militar precedente ao actual Governo, continua a declaração de Karamanlis, e desembarcou faz mais de três semanas forças militares em Chipre a pretexto de restabelecer a legalidade e proteger a independência da ilha.

«Os actos de violência e as ilegalidades cometidas pelas tropas turcas são bem conhecidos. A despeito dos esforços dramáticos empregados para que os princípios fundamentais do direito das gentes sejam respeitados, a Turquia enveredou por actos pífidos e atentatórios do direito. O cúmulo da perfídia turca, continua Karamanlis é que no momento mesmo em que a conferência de Genebra realizava conversações para encontrar uma solução pacífica.

As tropas turcas, de que a retirada tinha sido exigida pelo Conselho de Segurança, de novo atacaram sem provocação prévia. «O primeiro-ministro concluiu:» denunciou perante o mundo civilizado a atitude turca. O Conselho de Segurança provará pelas decisões que é chamado a tomar imediatamente, se a ONU tem ainda uma razão de ser e se está à altura de desempenhar os objectivos que lhe foram confiados».

A SUSPENSÃO DOS COMBATES PEDIDA PELA O.N.U.

NACÕES UNIDAS, 14 (R.) — O Conselho de Segurança da ONU, reunido esta madrugada em sessão de emergência, aprovou por unanimidade uma moção apresentada pela Grã-Bretanha, pedindo a suspensão imediata das hostilidades em Chipre e o recomeço das negociações de paz sobre o futuro da ilha.

REGRESSO PRECIPITADO A LONDRES

LONDRES, 14 — (UPI/ANI) — O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, interrompeu as suas férias, e regressou apressadamente a Londres, a fim de se reunir com o seu Governo para apreciar a crise de Chipre — anunciou um informador oficial.

Por seu lado, o funcionário do Ministério da Defesa declarou que mais quatrocentos fuzileiros iam seguir para Chipre a fim de reforçar os dez mil soldados ingleses estacionados nas bases Akrotiri e Dhekelia.

O Ministério da Defesa anunciou que os familiares do pessoal britânico que se encontram na ilha seria retirado por via aérea para a Inglaterra.

VASOS SOVIÉTICOS NO BÓSFORO

ISTAMBUL, 14 (F.P.) — Três vasos de guerra soviéticos passaram o Bósforo hoje de manhã, vindos do mar Negro — anuncia a Agência «Anatolia», que precisou tratar-se de três escoltadores rápidos, um da classe «Mirka», e os outros dois da classe «Petia», sendo a primeira vez que unidades soviéticas passaram do mar Negro para o Mediterrâneo, desde o desembarque turco em Chipre.

A guerra das ondas

ATENAS, 14 (F.P.) — Rádio Nicósia, captada em Rodas, difunde marchas militares entrecortadas de «slogans» como «Lutemos para defendermos as nossas famílias e a nossa pátria».

Entretanto, publicou um comunicado dizendo: «Formos atacados de surpresa esta manhã em terra e nos ares. A defesa passiva está em estado de alerta. Na região de Nicósia, um hospital psiquiátrico foi atingido por uma bomba. Vinte e oito doentes ficaram feridos.»

Por sua vez, a Rádio

Bayrak, captada em Telavive publicou às seis horas T.M.G. um comunicado do Estado-Maior turco, declarando: «Para proteger a vida e os bens da comunidade de turcos em Chipre e assegurar a paz na ilha, as forças turcas iniciaram as operações hoje às 5 horas e 30 locais. Estas operações continuam com sucesso.»

O comunicado rejeita as acusações da rádio grega da ilha.

Finalmente, uma das estações de rádio grega na ilha de Chipre deixou de emitir, pouco antes das 7 horas T.M.G.

Conselho de guerra reunido em Atenas

ATENAS, 14 — (R.) — O primeiro-ministro grego, Constantino Karamanlis, presidia hoje a um Conselho de Guerra, a fim de estudar a situação, a seguir aos ataques turcos em Chipre, segundo foi anunciado nesta capital.

Karamanlis chegou de automóvel ao «Pentágono» grego para presidir à sessão do Conselho, na qual participam o ministro da Defesa, Evangelos Averofftos, e comandantes dos três ramos das Forças Armadas.

O general Grigórios Bonanos, comandante das Forças Armadas, chefiava o grupo de peritos que participa na sessão do Conselho de Guerra.

O Conselho está a discutir violações turcas do cessar-fogo e as medidas para defrontar a situação criada, após o recomeço das hostilidades na ilha, dizia a comunicação.

SETÚBAL

INVESTIMENTOS NA CONSTRUÇÃO NAVAL : PROGRESSO POSSÍVEL, ESPECULAÇÃO EVITÁVEL

Tendo como fulcros os vértices de um triângulo de complexos industriais de ponta — Lisnave, Siderurgia e Setenave — o distrito de Setúbal está em vias de dar um salto no caminho do seu próprio progresso. Isto se o impulso do investimento realizado, ou a realizar, for acompanhado pelo lançamento de infra-estruturas de abastecimentos, serviços e comunicações e se uma correcta política de desenvolvimento social carrilar o efeito multiplicador do investimento para uma repartição justa em benefício da população do distrito na sua generalidade.

De contrário, a inflação e, mesmo, a mais escandalosa especulação, retirarão toda a vantagem social possível destes empreendimentos capitalistas e produzirão efeitos contrários. Como, aliás, está a acontecer.

A última aplicação deste investimento está a fazer-se na Península da Mitrena, a 12 quilómetros de Setúbal, para o interior, bordejando o Sado. E, certamente, o maior investimento feito até hoje no País por entidades privadas e atinge o montante de três milhões de contos.

10 POR CENTO DO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES

O valor de produção do estaleiro da Setenave, já em fase adiantada de implantação, deve atingir em 1977 os cinco milhões e meio de contos resultantes das duas actividades da unidade: estaleiros de construção e de reparação naval. Esta produção será quase exclusivamente dirigida à exportação. Nessa altura, em 1977, os cinco milhões e meio de contos significarão nada menos de 10 por cento das exportações portuguesas.

As importações que a Setenave efectua, ou vai efectuar, para as suas construções serão sempre ultrapassadas pelas exportações dada a alta taxa de valor acrescentado que é próprio das indústrias de ponta como a construção naval. E mesmo essas importações deverão ser reduzidas à medida que a produção nacional estiver em condições de responder à procura que a construção naval vai provocar nos vários sectores.

Segundo um plano relacionado com a actividade das indústrias nacionais subsidiárias da Setenave e distribuído pela Administração aos jornalistas que, há dias, visitaram o estaleiro, conta-se que o efeito multiplicador deste investimento se vá reflectir, a imediato ou a curto prazo, nas seguintes indústrias: material e equipamento eléctrico; cabos quadros, aparelhos e motores; tintas; cabos de aço e fibra sintética, mobiliário de madeira, tapetes, alcatifas e matérias de decoração; apetrechamento metálico, vigias, portas, janelas, escotilhas e escadas; guinchos, cabeças, buzinas, escovens e outro equipamento de convés; caldeiras marítimas; revestimentos diversos termolaminados; decapagens e tratamento de superfícies metálicas; equipamento frigorífico; loiças sanitárias; andaimes e outros meios especiais de acesso; aprestos marítimos; óleos e combustíveis e energia eléctrica.

A médio prazo devem ser atingidos os sectores do aço, tubagens, electrónica marítima, válvulas de grandes dimensões, equipamento pesado de bombagens, tubagens, geradores e permutadores. A longo ou a muito longo prazo chegar-se-á a exigir à indústria portuguesa fornecimentos de equipamento motor: turbinas, motores principais, linha de veios, caixas redutoras, condensadores e hélices, para apetrechamento dos navios construídos na Setenave.

Tudo isto virado para a exploração dum estaleiro naval em termos internacionais, que encarando a grande construção naval, estará apto a processar a reparação naval como unidade complementar da Lisnave.

O primeiro grande petroleiro de 316 mil toneladas está já nas docas em fase de montagem paralelamente à construção do próprio estaleiro e das instalações anexas subsidiárias. É uma encomenda da Sopotona e será utilizado no transporte de ramas para a refinaria de Sines.

Recorda-se que o maior navio construído em Portugal pela Lisnave, também para aquele armador, foram cascos completos para petroleiros de 135 000 toneladas de porte.

Há dias, quando da visita dos secretários de Estado da Indústria e Energia, do Orçamento, da Marinha Mercante e das Pescas, visita que foi seguida por alguns jornalistas, foi anunciado que serão construídos na Setenave navios de 700 000 toneladas. Actualmente os maiores petroleiros em circulação nos mares do Globo são, apenas, de 400 mil toneladas. Mesmo deste calado só existem duas unidades em serviço.

PLANEAMENTO DA MARINHA MERCANTE

Manifestando claramente as ideias da Administração do estaleiro face às relações com o poder político e à orientação da construção naval, foi distribuído à imprensa um texto onde se pode ler:

«Não pode o País deixar de estudar e fazer o planeamento das necessidades da sua Marinha Mercante face à capacidade de resposta da indústria de construção naval portuguesa, facto importante a ser considerado pelos estaleiros nacionais, que terá de ser acompanhado com um harmonioso esquema de financiamento em condições especiais, como aliás sucede em qualquer país no que respeita às suas Marinhas nacionais.

No que diz respeito à colocação de encomendas de armadores estrangeiros em estaleiros nacionais, urgente se torna proporcionar um esquema de financiamento de acordo com o definido pela O.C.D.E. não esquecendo o seguro de crédito, de risco económico e de variações cambiais, condições aceites internacionalmente e indispensáveis para as bases a estabelecer nos contratos a elaborar.

Sem o proporcionar das condições apontadas, quer no que diz respeito às infra-estruturas que directamente afectam o elemento humano que assegurará o funcionamento

do estaleiro, quer nas condições e esquema de financiamento indispensáveis à negociação e aceitação de contratos, poderemos afirmar que enfrentaremos sérias dificuldades que não deixarão de afectar, como é evidente, outras indústrias e o panorama económico do País, ao qual se abrem agora novas perspectivas.»

Estas ideias seriam reforçadas pelo administrador-delegado da Setenave, eng. Alvaro Barreto na saudação que dirigiu aos membros do Governo que assistiram à cerimónia do início das sondagens dos dois primeiros grandes blocos de aço da quilha do primeiro navio em construção na Setenave.

Soube-se, também, em resposta a questões concretas postas pela imprensa, que foi dirigido há anos à CP o projecto de um caminho-de-ferro entre a Península da Mitrena e Almada, com ligação à Siderurgia e voltado, especialmente, para o transporte de aço e pessoal. Até hoje repousa nas gavetas.

Lembrando que só em 1977 se espera o fornecimento de aço de produção nacional à indústria de construção naval, altura em que o consumo total rondará as 300 mil toneladas, ganha-se uma nova perspectiva sobre o alcance do recente anúncio feito pelo Governo do lançamento de um plano siderúrgico nacional. Agora o aço utilizado é importado da Suécia.

6500 NOVOS EMPREGOS

O volume total de empregos previsto pela empresa até 1977 é de 6500 novos postos de trabalho dos quais dois mil já estão ocupados nesta altura. O sector é um dos que melhor reflectem o fenómeno da acumulação capitalista e, como tal, a mão-de-obra utilizada no seu processo produtivo pode ser remunerado a níveis muito mais elevados do que a média geral do País. Segundo informação da Administração, a captação média do pessoal da Setenave é de 140 mil escudos anuais correspondentes aos 12 meses de vencimento mais o 13.º mês e subsídio de férias equivalente a um mês de trabalho. Aos ajudantes sem prática a Setenave está a oferecer 7000 escudos de ordenado, a um ajudante com prática, 7800 a um oficial de terceira e a um oficial especial de 8300 a 9300.

Deste conjunto de dados resulta que a região de Setúbal é de todas no País a que mais partido poderá tirar da existência do estaleiro da Setenave, quer pelas dimensões que assume, pelo seu papel de factor multiplicador, motor de um desenvolvimento regional e consequentemente nacional, possibilitando uma descentralização industrial absolutamente fundamental, quer pela criação ainda de um vasto campo de recrutamento de mão-de-obra nacional com uma complementação política de fixação e valorização regional.

Simplemente, se as infra-estruturas de apoio social não forem lançadas, este investimento resulta ao contrário para a população. Ainda se está na primeira fase de construção do



estaleiro e a especulação em rendas de casa e preços dos terrenos assume aspectos de escândalo. De tal modo que só 20 por cento do pessoal da Setenave mora na cidade. Os demais procuraram alojamento nas camaráas, gastando uma hora média de percurso entre casa e o emprego.

É de facto preocupante toda a infra-estrutura para fazer frente à criação dos novos postos de trabalho, que só em Setúbal, até 1976, devem atingir cerca de 15 000.

Trata-se duma cidade já carenciada de infra-estruturas, onde se fixará um conjunto populacional de cerca de 50 000 pessoas, fazendo crescer no curto espaço de três anos em 50 por cento a sua actual população, que se cifra em cerca de 75 000 habitantes.

São problemas habitacionais — a sua insuficiência e os custos especulativos dos terrenos, das casas ou das suas rendas;

o seu hospital, que duma capacidade de 250 terá de passar para 1100 camas; os postos da Caixa de Previdência insuficientes em número e deficientes na cobertura médico-social; as salas de aula das escolas primárias e ensino secundário e a quase completa ausência de ensino pré-primário; os acessos rodoviários, quer os de Lisboa a Setúbal, quer os desta cidade à Mitrena; a construção de 6 km de via férrea de Praias do Sado à Mitrena, zona industrial onde se concentram em grande parte as novas indústrias e novos postos de trabalho, etc., etc.

São um conjunto de factores que não podem deixar de pesar, quer à empresa ou empresas que ali se vão instalar, quer pelos inconvenientes de vária ordem que arrastam. Não podem passar despercebidos.

Alguns dados objectivos para a compreensão do problema: existem neste momento, 22 657 fogos na cidade: as ne-

cessidades serão em 1977, quando a população atingir o número previsto de 110 000 habitantes, de mais 8771 fogos. De igual modo e tomando como datas correspondentes a actualidade em 1977, o primeiro número para os equipamentos existentes e o segundo para os equipamentos a criar temos: creches: 1-13; jardins de infância: 5-21; salas de aula do ensino primário: 106-223; salas de aulas do ciclo preparatório: 42-305; secundário: 97-157; telefones: 4000-7000 e camas/hospital: 250-850.

Poderia dizer-se algo mais sobre o assunto. Mas fica apenas a certeza de que um investimento deste volume pode produzir efeitos benéficos na população do distrito. Ou, então, e como tem acontecido até aqui e promete continuar se medidas adequadas não forem tomadas, resultar no desencadear de uma vaga inflacionista e especulativa que tem de ser evitada.

A força ignorada das companheiras

Continuação da pág. 9

poderiam encontrar. Foi uma luta para nos conseguirmos escrever. Entretanto o meu marido prepara com outros camaradas a fuga do blindado do Salazar, a 4 de Novembro de 61 e antes disso ele forçou pela primeira vez depois de dois anos e meio na cadeia, uma visita em conjunto comigo, que foi por assim dizer uma despedida. Ele regressou a clandestinidade, mas seis meses depois é novamente preso, e lá continuou até à amnistia do 25 de Abril. Entretanto fui eu libertada.

— Portanto você não regressou à clandestinidade? de organizações democráticas sempre débeis, claro.

— Mas manteve-se em actividade?

— Sempre embora desligada do Partido porque até podia ser perigosa. E certifiquei há pouco que durante esses 12 anos a minha vida foi dissecada momento a momento. Nesse período a minha actividade, embora ligada ao Partido, circunscreveu-se mais à luta a favor do preso político, por melhores condições de vida nas cadeias, etc. Eles por aí não podiam voltar a prender-me. Pois se eu tinha uma lei a meu favor, podia defender o meu marido. Como não estava na clandestinidade não tinha auxílio do Partido, o

que nem seria correcto e tinha também que angariar o meu sustento. Fui fazendo aquilo que soube e aquilo que pude. Talvez pudesse ter feito mais, mas é muito difícil a vida. E há momentos de depressão e há momentos de euforia. Eu sou uma pessoa de altos e baixos.

Continuei sempre a tomar posições muito combativas a respeito da libertação do meu marido. Por exemplo, daquela leva do Marcelo foram libertados muitos camaradas, mas o meu marido não e eu fui falar com o secretário do ministro do Interior na disposição de insistir. Tenho muita pena de não me lembrar do nome dele. Tinha qualquer coisa Maria no apelido... Veio a ser o último chefe de gabinete do Rapazote.

— E eu disse-lhe que não percebia porque que tinham libertado os outros, e não o meu marido. Exigia explicações. Ele então começa a dizer: «Oh minha senhora eu não sei de nada, eu aqui não sou nada, eu não mando nada...» Respondi-lhe que como secretário do ministro do Interior tinha as suas responsabilidades e que não quisesse fugir a elas. E acabei por dizer: «Olhe, sabe o que lhe digo? Os senhores estão a fazer pior do que a Gestapo fazia». Quando acabei de dizer isto o homem dá um pulo da cadeira, volta-se para

mim, põe-me as mãos aqui no pescoço e fica absolutamente lívido, todo a tremer. E eu a olhar muito serena para ele. Acabou por reconsiderar, voltou-se para a secretária e exclamou: «Gestapo, Gestapo, minha senhora, fazem todas as polícias!» — «Pois, fazem todas as polícias e faz o senhor também!» disse eu.

Esse cavalheiro, que a partir daí evitou sempre receber-me quando lá fui acompanhada pelo advogado teve grande dificuldade em falar comigo, pois estava sempre a tapar os olhos com a mão e nunca me encarou.

A conversa estava no fim, foi muito longa como já disse e muita coisa ficou por dizer aqui. Factos e episódios que gostaria de referir, mas o espaço de um jornal tem limites e eu creio que já os ultrapassei há muito.

Vinte e três anos de separação deixam sempre as suas molas e agora para Aida e José Magro há todo um reajuste a fazer, um reaprender a vida em conjunto. «Durante todos estes anos, só aqueles três dias foram de inteira comunhão. Por isso agora parece-me que temos direito a um pouquinho de felicidade. Há coisas um pouco difíceis, mas o importante é que estamos unidos ombro a ombro numa luta que continua, são as últimas palavras de Aida Magro.

NACIONAL

Dizem os leitores

O encerramento das tabernas

«Apoio inteiramente a autora da carta publicada no vosso jornal sob o título «O meu marido é alcoólico». Não é que eu tenha razões de queixa do meu marido, que até é contrário ao alcoolismo e um bom esposo. No entanto, como mulher compreendendo o problema apresentado pela vossa leitora.

Como portugueses, pare-me-me acertada a sugestão daquela senhora, pois as tabernas, frequentadas até pela juventude, são locais de entretenimento prejudiciais, tanto para o físico como para o moral dos indivíduos. A maior parte dos seus frequentadores preferem-nas às reuniões de escla-

recimento político e aos meios de cultura, que tão necessários nos são especialmente no momento actual em que todos somos poucos para construirmos o Portugal novo.

É necessário que as entidades competentes sejam alertadas com vista a uma campanha para o encerramento das taber-

nas a partir das 19 horas, aos sábados à tarde e aos domingos. É urgente criarem-se centros de cultura em cada bairro e aliciantes para que todos nós os trabalhadores, os frequente-

mos. Vejo, no caso desta mulher, com uma filhinha de oito anos, já traumatizada, e ambas a todo o momento sujeitas a danos corporais (provavelmente os menos graves) por parte do próprio marido e pai, o caso de milhares de mulheres». — **Maria de Lourdes Veiga Marques Ramos**, funcionária dos H. C. L. (Reboleira-Amadora).

Continua na pág. 8

irrealismo político permite considerá-lo de ânimo leve, de fácil concretização. Uma das grandes e ingentes tarefas consiste em encontrar as formas práticas de transmissão de poderes, através de contactos válidos e de uma colaboração mutuamente proveitosa. Os reais sentimentos dos povos de Angola, da República da Guiné-Bissau e de Moçambique, a sua legítima vontade de independência não podem ser iludidos.

Sem desferir golpes certos no aparelho colonialista e no racismo; sem combater as manobras provocatórias dos que tentam acirrar ódios e conflitos; sem pôr fim à acção cor-

ruptora das forças colonialistas que agem aberta ou veladamente; sem ter presente a realidade social desses países, nas suas alianças e as suas legítimas aspirações não se encontrará o justo e necessário caminho para que se resolva o mais cruento e injustificado conflito que ensanguentou o nosso País e os territórios de Angola, da República da Guiné-Bissau e de Moçambique.

São os povos desses países que deverão decidir dos seus destinos, da forma de Governo e de regime que mais lhes convém. Os interlocutores válidos no domínio político, militar e social gozam de uma influência real entre os povos dos seus países: chamam-se P.A.I.G.C., FRELIMO e M.P.L.A.. Asseguram a passagem ao novo estágio da independência.

Nós comunistas temos sobejas razões para confiar, não por razões de triunfalismo, mas por motivos concretos nascidos da coerência da linha de acção do P.C.P. desde que nascemos como Partido organizado e nos reforçamos como força política que sempre ligou em todos os domínios da sua actividade a palavra à acção.

O P.C.P. deu a solução do problema colonial um contributo de que temos razão para nos sentirmos orgulhosos.

SUBARU

O AUTOMÓVEL CUJA CONCEPÇÃO GARANTE UMA ESCOLHA EXCEPCIONAL

PODE APRECIÁ-LO, DESCOBRINDO-LHE AS QUALIDADES, A PARTIR DE HOJE E ATÉ AO DIA 31, DAS 9 AS 24 HORAS, NA EXPOSIÇÃO QUE A DARGAUTO, STANDCAR VOS OFERECE, COMO CONCESSIONÁRIA, NA ESTRADA DE BENFICA, 707-A EM LISBOA

GRANDE FEIRA DO DISCO

MILHARES DE DISCOS

A 25\$00

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

RUA FORNO DO TIJOLO, 25 - C

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Grândola, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 52036, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Melides, concelho de Grândola, de uma linha aérea a 30 kV, do tipo n.º 101 da linha RA30-9-12-1 Colónia Penal Pinheiro da Cruz ao posto de transformação da Herdade do Chaparral, com 4262 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe **Guilherme Martins**

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 53679, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Torrão, concelho de Alcaide, do Sal, de uma linha aérea a 6 kV, com 376m, do tipo n.º 21 da linha Vale do Gaio-Central ao posto de transformação do Abrigo de Caçadores em Vale do Gaio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe **Joaquim Gonçalves dos Santos**

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal de Almada, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 28702, do arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Cova da Piedade e Almada concelho de Almada, de modificação, com aumento de comprimento de 63 metros da linha mista a 30 kV Sobre-Santo António, com alteração da localização do poste n.º 8 e alteração do tracado entre o poste n.º 10 e n.º 19 numa extensão de 1264 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe **Joaquim Gonçalves dos Santos**

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 53724, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Isidro, concelho de Montijo, de uma linha aérea a 30 kV, com 10 m, do poste n.º 18 da linha para o posto de transformação da Câmara Municipal de Vendas Novas em Piçarras ao posto de transformação da Herdade da Craveira do Sul.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe **Joaquim Gonçalves dos Santos**

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Montijo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 53712, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Isidro, concelho de Montijo, de uma linha aérea a 15 kV, com 562m, do poste n.º 12 da linha para o posto de transformação de Anacleto Silva e Valente ao posto de transformação de Destiflor, L.d.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe **Joaquim Gonçalves dos Santos**

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

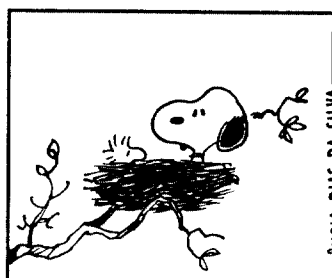
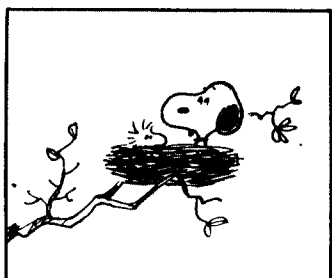
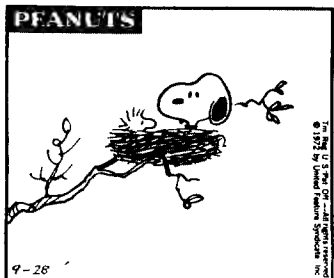
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 53661, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Cantanhede, de uma linha mista a 15 kV, com 315m (parte aérea com 297m e parte subterrânea com 18m), do poste n.º 84 da linha Cantanhede ao posto de transformação da Santa Casa da Misericórdia de Cantanhede.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Agosto de 1974.

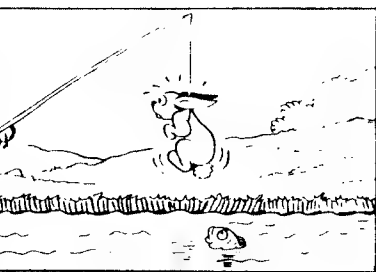
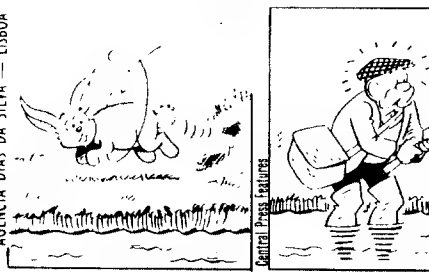
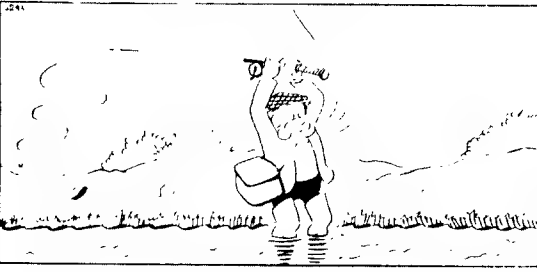
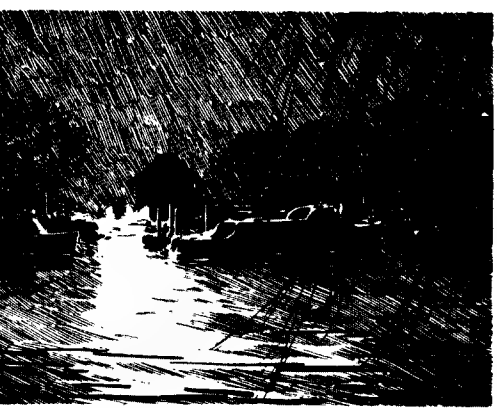
O Engenheiro Chefe **Guilherme Martins**

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por **Catarina Jesus Carvalho**, Rua Almirante Reis, 46 **LOURINHÃ**



CAROL DAY
by DAVID WRIGHT

É AQUI, CAROL! ARRUMA O CARRO ATRAS DO BARRACÃO. FICARÁ ESCONDIDO. SIMON, NÃO VOU FICAR AQUI!

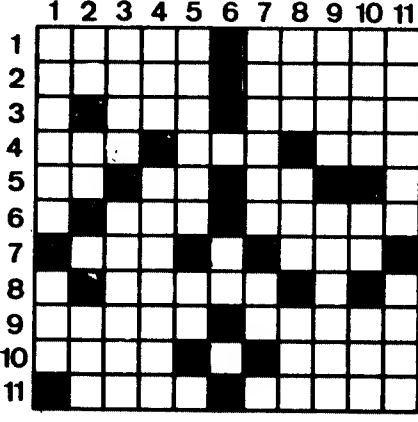


palavras cruzadas

HORIZONTAIS

- 1 Pessoas extremamente bon-dosas (fig.) Guardas segre-do
- 2 Criança. Querido
- 3 Também não. Cidade de Portugal
- 4 Curso de água natural e abundante. Mau cheiro. Ra-te (inv.)
- 5 Preposição latina que desig-na movimento. Mil e quin-entos em romano. Cami-nhar
- 6 Nome genérico das plantas herbáceas. Enxugar.
- 7 Fluido aeriforme. Figura que simboliza o povo ameri-cano
- 8 Levantara
- 9 Fuligem que a pólvora quei-mada deixa nas armas (inv.). Fumo espesso.
- 10 Sair frequentemente à rua. Saco de couro ou de pano, fechado geralmente com ca-deado.
- 11 Gostar muito de. Unir por casamento.

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 10860



VERTICAIS:

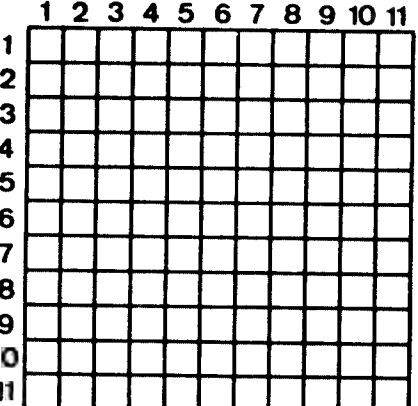
- 1 Poisar no mar (o avião). Co-locar.
- 2 Níquel (s.q.) Idem. Artéria.
- 3 Esposa de Jupiter filha de Saturno e de Reia, deusa do casamento. Desabaram.
- 4 Composição poética. Masti-gara sem engolir.
- 5 O mesmo que assomada. Ar-tigo definido.
- 6 Bromo (s.q.)
- 7 Pesquisais. Prefixo de pri-vação
- 8 Patrão. Rente. Artigo indefi-nido
- 9 Lodo. Carecas
- 10 Nome de homem. Antes do meio-dia. Pronome pessoal
- 11 Agradar. Desejar

Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7018

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do concelho de Boticas. Supremo sacerdote entre os bonzos
- 2 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Romeiro de Meca. Carro de duas rodas, de origem inglesa, que o cocheiro guia da parte de trás
- 3 Cento e um em romano. Ma-lhado de preto e branco (cavalo). Vê
- 4 Acometo. Escavação.
- 5 Descaramento (pop.). Qual-quer porção de uma curva.
- 6 Estrépito de desmorona-mento. Forma apocópica e proclítica de vale. Em par-tes iguais.
- 7 Acariciáveis
- 8 Cério (s.q.). Guarnição de arames
- 9 Gênero de batráquios cujo tipo e o sapo porteiro. Ci-dade do estado do Paraná
- 10 Palmeira da Amazônia. Pou-co ouro no meio de mate-rial mineiro de nenhum va-lor
- 11 Freguesia do concelho de Guimarães. Apelido.



VERTICAIS:

- 1 Na Índia negociante de ce-reais. Amante (bras.)
- 2 Ostentar (fig.) Prender com elos.
- 3 Cobalto (s.q.) *Trata por tu. Enguia
- 4 Mau cheiro. Assassinas.
- 5 Patrão. Volto.
- 6 Aperto molhos. Reputação
- 7 Intimo. Sacerdote budista
- 8 Romancista português au-tor de «O Crime do Padre Amaro». Uma das Cidades.
- 9 Antes de Cristo. Lavras Ri-beira de Portugal
- 10 Dinheiro miúdo (prov.). Pru-dente
- 11 Pançudo. Carne de porco metida em tripa de intesti-no grosso (pl.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10859

HORIZONTAIS:

- 1 Estar Mac
- 2 Soara Atoar
- 3 Cras Goste
- 4 Ua Igaras
- 5 O Ano
- 6 Aira Acro
- 7 Anda Anos
- 8 Airosas
- 9 Da Osso De
- 10 Iriam BOM
- 11 VINHO Mioma

VERTICAIS:

- 1 ESCUSA MDIV
- 2 Sora Ia Ari
- 3 Tai Orna In
- 4 Arat. Adi Ahi
- 5 Rasca Aromo
- 6 Ana Os
- 7 Magro. Assim
- 8 Atoa Anão
- 9 Cossacos Bo
- 10 At Rs Dom
- 11 PREGÃO. Rema

Provérbio: OBOM VINHO ESCUSA PREGÃO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7017

HORIZONTAIS:

- 1 Quinteiros
- 2 Moirama
- 3 Ac Doera ML
- 4 Pa Ab Som
- 5 Amaria Pero
- 6 Ao Ca
- 7 Arem. Carona
- 8 Pas Már
- 9 Rs Abata Sa
- 10 Ava Rim
- 11 Selem Ossa

VERTICAIS:

- 1 Lapa Apraz
- 2 Cámaras
- 3 Um Es Al.
- 4 Iodaram Ave
- 5 Niobio Abam
- 6 Tré
- 7 Earn Castro
- 8 Imá Par Ais
- 9 Rã Se Om Ms
- 10 Morenas.
- 11 Salmo Arão

Demituiu-se a gerência de um colégio de Lisboa

Após nove dias de ocu-pação, a gerência do Co-légio Camilo Castelo Branco cedeu às exi-gências dos professores e encarregados de edu-cação. A gerência demitiu-se e foi já nomeada uma nova direcção.

A questão arastava-se há muito tempo, ten-do-se verificado numero-sas reuniões em que intervieram o Sindicato dos Professores, o Minis-tério da Educação e Cul-tura e o Ministério do Trabalho. O Sindicato há já três meses que apoia a luta dos professores do colégio, tendo denuncia-do as irregularidades co-metidas pelo padre Ma-nuel Balhares, director do colégio agora demis-sionário. Ficou provado, por uma sindicância, que se verificavam no co-légio castigos corporais e psicológicos.

Perante a ameaça de despedimento em massa dos professores, o Sindi-cato, os professores e os encarregados de edu-cação, com o apoio de Comissão da C.D.E. do Beato, as instalações do colégio foram ocupadas, após a eleição de uma comissão pedagógica.

O caso encontra-se re-solvido, e a nova ge-rência manifestou o de-sejo de fazer do externa-to um «exemplo de uma nova pedagogia, fruto da consciencialização do professorado paa uma educação virada para a criança».

EM TODA A ORGANIZAÇÃO DOS armazéns do CONDE BARÃO

SALDOS

victória sobre a inflação

HOJE ESTAMOS ENCERRADOS
para orga.nização destes famosos SALDOS

EXCURSÕES C. P.

• Viagem «Histórica» no «Comboio Histórico»

DIAS: 17/18 — 24/25 de Agosto
— Aloj. Hotel de 1.ª (Porto) e almoço baseado na «cozinha centenária» de Amarante.
LISBOA, desde ... 890\$00 PORTO ... 390\$00

• URGEIRIÇA-SERRA DO CARAMULO

DIAS: 17/18 de Agosto
— Aloj. Hotel de 1. (Urgeiriça) e passeio pela Serra do Caramulo, com visita ao Museu do Automóvel.
LISBOA 750\$00 PORTO 700\$00

• NOITES DO MINHO

DIAS: 24/25 de Agosto
— Desfolhadas, ceia típica e passeio ao longo do bu-cólico rio Lima. Aloj. Hotéis de 1. em Viana.
LISBOA, desde 940\$00 PORTO, desde 690\$00

• BOM JESUS-CANIÇADA-GERÊS

DIAS: 24/25 de Agosto
— Aloj. Hotel em Braga e passeio às Termas do Gerês.
LISBOA 890\$00 PORTO 640\$00

• BEIRA ALTA

DIA: 25 de Agosto
— Passeio até aos miradouros de Loriga, com almoço regional em Seia.
LISBOA 390\$00 PORTO 340\$00

Folhetos e informações:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia.
» — E. G. T. — Rua do Arsenal, 124.

PORTO — Estação de Porto-S. Bento.

Reservas rápidas — LISBOA Telef. 36 75 29
» » — PORTO Telef. 5 70 61

OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DESPORTOS

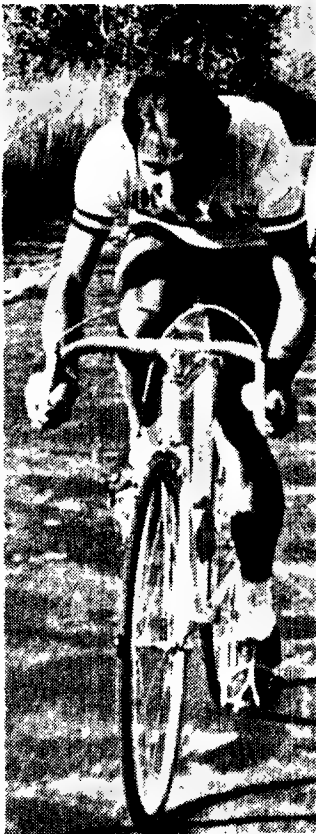
SPORTING: O ORGULHO FERIDO

Cá temos, portanto, aquilo que se esperava mais dia menos dia: o Sporting a ressurgir das suas próprias cinzas, qual «Phenix» nada conformada com a sorte dos acontecimentos que não lhe eram nada propícios e que ainda para cúmulo iam dar razão a um «tal» Joaquim Agostinho que, das Gálias, verberava o Sporting (esta equipa) de ir à Volta sem elementos capazes de brilho e triunfo. Assinando o êxito na meta de Castelo de Vide, Firmino Bernardino provou, não apenas ser um bom trepador, mas também que o Sporting pode contar com ele para discutir ainda a posse desta Volta.

Ao lado dele, na arrancada vitoriosa dos «treze magníficos» há uma saliência muito especial para o brioso, incansável e grande trabalhador que é Américo Silva, para o excepcional campeão, homem de fibra que é Fernando Mendes. Os dois, impulsionando a equipa do Benfica e arrastando consigo a turma sportinguista, ganharam terreno, minuto após minuto, até que, à vista da meta, só socobram (e por pouco tempo) quando o fulminante Joaquim Andrade (honra lhe seja feita!) veio por ali fora como um «leão» a caminho dos outros «leões».

PARTIDA

Já podem ser ditos versos na cidade de Évora: não houve greve e apenas durou quinze minutos uma «reunião» que os delegados dos clubes tiveram com a Organização da Volta para se averiguar quem queria ou quem não queria que houvesse controlo anti-doping. Prevaleceu (Sporting, Ambar, Benfica e Távira) a opinião dos que mais pesavam na balança. Há mesmo controlo anti-doping e, por indicação de sportinguistas, ambaristas e benfiquistas, coube ao dirigente Brito da Mana (Ginásio de Távira) acompanhar o presidente do júri no seu carro e assistir ele



César Aires, do Távira, camisola amarela até à Serra da Estrela. Pelo menos...

Por NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

próprio ao sorteio do número do corredor a que caberia ir também fazer «chichi» na hora da chegada à meta. Foi o homem da Coelima mais promissor, José Martins, a quem coube essa sorte pouco desejada por muita gente que anda por aqui.

Abalou-se, portanto, depois de se cogitar qual dos percursos era melhor, se, depois do Rossio de S. Brás, meter em direcção a Azaruja, se indo por outro local onde havia uma passagem de nível fechada. Optou-se, depois de quatro mudanças, todas elas com o seu quê de ridículo, por enveredar novamente pelo percurso indicado no Livro Oficial. E, palavra puxa palavra, tinha-se perdido um bom quarto de hora com conversas, discussões, diz tu, digo eu, é por ali, é por aqui, um autêntico pandemónio.

Logo à partida atrasou-se Manuel Costa, mal Fernando Mendes tomou o comando das operações para dizer, como um grande campeão: «Eu estou aqui». A passagem de nível estava realmente fechada, mas esse foi um motivo para toda a gente aplaudir a mãos ambas o jovem Vitor Cabrita (Louletano) que completou ontem 18 anos.

Joaquim Andrade vai ao carro do médico ainda no primeiro quilómetro da corrida e pouco depois furava Venceslau Fernandes e principiavam a surgir as avarias, uma vez que o percurso é, realmente, muito mau. Manuel Sousa, António Castro, Dinis Silva e Mário Silva sentiram, assim, os imponderáveis percalços da corrida, e, enquanto se consertavam máquinas e a poeira envolvia todos

os ciclistas, dizia-nos do seu carro de apoio o dirigente benfiquista, José Soares:

O Benfica e o Sporting estão já sempre de acordo. Que venha o controlo seja para quem for e por quem for: Direcção Geral ou Federação. Não nos importa que sejam uns outros a tomar a iniciativa. A verdade da corrida é que conta e neste aspecto nós e o Sporting estamos de braço dado.

Como os fiscais tinham passado para os segundos carros de apoio para evitar ajudas condenadas pelo Regulamento, assistiu-se então a uma série de meios-fundos que nos abstermos de relatar por não termos feito «pidescos». E, enquanto alguns rapazes tomavam impulsos no carro e outros se seguravam um bocadinho aquela ave que passava por eles a caminho do céu, António Guedes tentou uma fuga (aliás, ele já foi camisola amarela numa Volta), a comprovar que, também a Ambar, ainda parecia resistir nesse primeiro troço da corrida. Infelizmente, lá mais para diante, ver-se-ia que os «ambaristas» estavam em dia não, mas ainda melhores que os homens da Coelima, que sofreriam um rude golpe nas suas justas pretensões nesta prova.

Avaria Joaquim Silva (Ambar) e encontra-se mais uma passagem de nível fechada ainda antes de Estremoz. O pelotão «saltou» então para grande velocidade, logo se atrasando Valdemar Sá (Salgueiros). E para trás começavam a ficar figuras «agarradas» à poeira da estrada. Sucessivamente e contando a partir do «sopê» de pelotão, a caminho da frente, portanto, encontramos Perna Coelho, Vitorino Pereira, Luciano Vale, Helder Santos, Manuel Costa, Custódio Gomes e Venceslau Fernandes. Este último a reflectir um cansaço extraordinário e, além de tudo, a demonstrar um nervosismo e uma falta de entendimento com os seus colegas que logo ali o arredaria para a péssima posição em que atingiu a meta.

A grande fragmentação provou outro pelotão muito numeroso e, entretanto, há o grito do isolamento: o «Ipiranga» é gritado por Alvaro Roque, Albano Costa, Carlos Vitorino, Américo Lentes, Firmino Bernardino, Fernando Ferreira, César Aires, Manuel Gonçalves, Américo Silva, Fernando Mendes, António Martins, Dinis Silva e Vitor Rocha. Eram «treze magníficos» com Fernando Mendes a comandar e a ordenar, com Firmino Bernardino colado a si e a comprovar, portanto, que a coligação Sporting-Benfica, entabulada ainda antes da partida de Évora, teria afinal dado resultado. No segredo dos deuses à partida estava, pois, essa ligação do



Firmino Bernardino «acordou» no Alentejo e candidata-se à vitória na Volta

Sporting com o Benfica para destronar equipas que estavam à sua frente ou que as podiam afastar de lugares a que se sentem com privilégios especiais.

Avariou Américo Silva e não havia carro de apoio para ele, mas imediatamente um colega lhe deu a máquina, e se bem que, momentaneamente, tivesse perdido o contacto com a frente, teremos aqui de salientar que a sua recolagem em Veiros foi um dos momentos mais belos da etapa: palmas, portanto, para Américo Silva.

Mendes tira uma cabaça da mão de uma rapariga e enche de água os bidons dos companheiros que tinham sede. E, em Monforte, atravessada pelos treze homens da frente, é Manuel Gonçalves quem segue na cauda. E na estrada uma figura conhecida: Fiel Farinha, presidente da Federação de Ciclismo. Chega entretanto a notícia da desistência de Tamames, o

espanhol que tinha dito ontem, alto e bom som: «Se houver controlo anti-doping vou-me embora. Ando a tomar um remédio que acusa.» (Declaração feita à Rádio e à Imprensa).

Temos aqui, pois, como a Coelima foi defraudada por um mau profissional. E não vale a pena salientar se Casimiro Coelho de Lima ou os seus colegas terão de pagar algum dinheiro ao homem que veio lá de fora, da Espanha, para, embora vencendo três tiradas, deitar por terra tudo o que era possível fazer em matéria de desportivismo e de beleza para uma corrida ciclista.

COMBATIVIDADE

Américo Silva «gruda-se» a Fernando Mendes e, como sempre salientamos, «pegado» a Firmino Bernardino comanda o pelotão em excelente pedala-

Continua na pág. 17



C.T.M. — COMPANHIA PORTUGUESA
DE TRANSPORTES MARÍTIMOS S.A.R.L.

COMUNICADO

N/M «UIGE»

Avisam-se os Senhores Passageiros que devido a ter sido afretado por motivos imperiosos, foi cancelada a próxima saída de Lisboa do N/M «Uige» marcada para o dia 14 de Agosto.

Desde modo os Senhores Passageiros transitarão para o Pacote «INFANTE D. HENRIQUE» e sair de Lisboa no dia 17 de Agosto com destino aos portos de Ponta Delgada, Funchal e Angola.

Solicita-se aos Senhores Passageiros o favor de contactarem urgentemente com a nossa SECÇÃO DE PASSAGENS — Rua Augusta, 152 — T. 677181/690151 — LISBOA.

SALDOS

NA

JOFRAMA

6.ª FEIRA, DIA 16

GRANDES LOTES DE ROUPARIA DE CAMA
— CAMISARIA — MALHAS — BATAS —
CORTINADOS — CINTAS — COLCHAS e
ATOALHADOS

Rua dos Fanqueiros, 226-232 (frente à R. da Assunção)
Rua João das Regras, 4-B (antiga Rua do Amparo)

VEJA O NOSSO ANÚNCIO DE AMANHÃ

CURSOS

● MECANOGRÁFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
máq. 029-059-129-1701-1710
Início dos cursos: 23 Agosto
Informações e matrículas no:
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272
R. do Arsenal. 100 - 1.º

BONNEVILLE OLIVEIRA, SARL

PORTO — LISBOA

Comunica que devido ao feriado do dia 15 os seus serviços encerram às 19 horas do dia 14, reabrindo na próxima segunda-feira, 19.

DESPORTOS

CARTA ABERTA AO SR. ALVES BARBOSA

Por RAUL CALADO

Você para mim é apenas um antigo ciclista «profissional». O que, em Portugal, nem sequer significa grande coisa. Todos sabemos, você melhor que nós, que ser ciclista «profissional» significa ser pedreiro, cavador, operário, eu sei lá, e depois, durante um mês, às vezes só durante os 15 dias da Volta, ganhar uns 100 ou 200 escudos por dia e COMER. Em troca... bem, é pedalar 100 ou 200 km por dia, todos os dias, a atravessar o Alentejo a partir das 12 horas (sim, do meio-dia), com temperaturas de 38.º à sombra (mas onde é que há sombra?)

Pois era a isso que se chamava desporto. Melhor, o «verdadeiro desporto popular». Homens mal comidos durante 11 meses do ano; homens que desde pequenos nunca terão encheido a barriga até fartar; homens que toda a vida trabalharam no «muito duro» por «pouco dinheiro». E que «vão à Volta» porque, ouvi-os eu, durante 15 dias não se faz nada, ganham-se uns 3 ou 4 contos e enche-se a barriga de graça. Eu vi-os e, você sabe-o Alves Barbosa, comer 3 ou 4 frangos, 5 ou 6 bifos, 2 ou 3 pães numa só refeição! Por necessidade? Com certeza, que o esforço é grande. Mas especialmente por gula, por satisfação, por miséria acumulada. Porque era comida de borla...

A esses homens humildes, os jornais, a televisão, os «técnicos», chamam-lhes desportistas.

E você, Alves Barbosa, campeão dos tempos em que não havia controle anti-droga, agora encartado «técnico» e comentador «desportivo», afirma, pela 3.ª ou 4.ª vez, que o «doping» é um assunto complexo, que é extenso para discutir ali (ali é

a TV). Lembra-se do Fazio e da cancaína? Lembra-se daquele francês do Sporting que ao chegar a Elvas bebeu de um garrafão, uns dois litros de aguarrás e foi parar ao hospital? Lembra-se dos que morreram durante as etapas, por insolação?

Alves Barbosa, você nunca ouviu os ciclistas pedirem daquelas coisas «boas», «que dão força»? Você, que é técnico, nunca teve curiosidade de ler qualquer coisa a respeito de drogas? Que efeito têm as anfetaminas sobre um homem quase esgotado e que vai pedalar mais 150 km, ou subir até à Torre da Serra da Estrela? O que acontece ao coração, quando o homem devia parar, mas o obrigam a continuar? Que efeito têm as outras drogas, os alcaloides por exemplo, que produzem habitação? Não se lembra de nenhum colega seu que acabou para o ciclismo, tivesse continuado na droga como um «morte-vivo»? Porque razão os «desportistas da bicicleta» bebem vinho durante 11 meses do ano, mas mal acabam uma etapa absorvem litros de leite? Será porque o leite desintoxica?

Olhe, Alves Barbosa, você para mim é apenas um antigo ciclista «profissional». Mas para muita gente, e em especial para muitas crianças da Bairrada, do Benfita, do chamado «Desporto Nacional», você é um dos mais respeitados, simpáticos e «escutados» dos velhos campeões portugueses.

Para esses que o ouvem, nessa tribuna nacional que é a Televisão,

são, as palavras, as suas opiniões, são muito importantes, têm grande significado. Você não pode adiar as suas opiniões sobre a droga. Você não pode dar a entender que a droga é bem capaz de ser aceitável, especialmente porque todos a usam.

Porque, como sabe, até é proibido drogar cavalos de corrida. Porque como sabe a droga mata, produz lesões para toda a vida. Porque a droga é a negação do desporto, que foi inventado para aperfeiçoar os homens e não para os destruir.

Com as drogas, os chineses foram miseráveis milhares de anos e depois fizeram por lá uma revolução e decretaram a execução imediata de qualquer cidadão «portador» de droga. Com as drogas, os americanos perderam no Vietnam o melhor das suas tropas (os fuzileiros foram retirados senão desa-

pareciam).

O Portugal Novo que agora talvez esteja para se construir, não pode ficar pelas meias-palavras, nem pelas insinuações. E melhor perder em desporto, afinal apenas «continuar a perder», que foi o que nos aconteceu sempre. Mas perder lucidamente, sadicamente. E ganhar uma juventude que não se drogue.

P.S. — Esta carta foi motivada pela sua entrevista em Tavira, durante a Volta deste ano e também por opiniões expressas publicamente em várias ocasiões em especial numa «mesa-redonda» sobre «doping» há cerca de 2 anos.

Já depois de escrita esta carta, apareceu a notícia de que os ciclistas ameaçam fazer greve contra o controle anti-doping. Tal ameaça mostra a evidência a nossa razão: a ignorância atinge tais proporções que as vítimas de um crime entram em greve a favor dele! Há realmente algo que vai muito mal no «desporto».



Tamames, da Coelima, desistiu. Cumpriu a promessa feita na véspera: «Se houver controle «anti-doping» vou-me embora». Recorde-se que Tamames já tinha ganho três etapas

FUTEBOL

Conforme tem sido divulgado, o Congresso da Federação de Futebol foi marcado para o dia 24 do corrente. A agenda do dia está noticiada mais abaixo e consta-se que o elemento base dos trabalhos é o pretendido alargamento de 16 para 20 clubes segundo proposta subscrita pelas Associações de Setúbal, Aveiro e Porto.

Independentemente de se criticar, ou não, esta tentativa oportunista de alargamento — defensável, apenas, por motivos económicos de alguns clubes que pretendem manter os seus profissionais em actividade rentável o maior número possível de domingos — o atraso em que já se vai complicar toda a época futebolística.

Nada se sabe de sorteios sendo certo que só depois do dia 24 ele poderá realizar-se. Nesta altura, nem se sabe quantos clubes estão envolvidos. Por outro lado, o campeonato principia, em princípio, no dia 8 de Setembro. Mas se o sorteio só virá lá para o fim do mês, será que a Federação terá tempo de organizar as coisas em termos de a prova principiar na data desejada? Temos dúvidas. Se assim for, maior será a complicação a juntar às complicações que todo este processo suscitou.

O dr. Miguel Pereira de Abreu, presidente da Mesa do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol, marcou para o próximo dia 24, às 14.30 em primeira convocatória, o Congresso Extraordinário que vai tratar do alargamento do número de clubes concorrentes à primeira divisão de futebol. A reunião efectua-se na sede da Federação com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação e votação de uma proposta apresentada pelas Associações de Setúbal, Aveiro e Porto, para alteração dos artigos 201.01, 201.03 e

303.01, visando essencialmente o alargamento da I Divisão Nacional de 16 para 20 clubes e alteração de critérios de promoção e despromoção dos clubes concorrentes às provas oficiais;

2.º — Apreciação e votação das seguintes propostas, apresentadas pela Associação de Futebol do Funchal:

a) — Para alteração às condições exigidas ao representante madeirense no Campeonato Nacional da II Divisão;

b) — Para integração dos Campeões Distritais da I Divisão da A.F. Funchal no R.P.O. da F.P.F.

3.º — Apreciação e votação de uma proposta da Direcção para alteração dos artigos 87.º do R.G. e 105.06 do R.P.O.

4.º — Apreciação e votação de uma proposta da A.F. de Leiria para alteração do n.º 1 do artigo 107.08 e da al. ii do artigo 603.01, ambos do R.P.O.

5.º — Apreciação e votação de uma proposta da A.F. de Leiria para aditamento de um n.º 3.º (com dois parágrafos) ao art.º 4.º do R.D.

6.º — Apreciação e votação de duas propostas da Direcção para alteração dos artigos 68.º do R.D. e 6.º do R.G., conforme sugestão do Conselho Jurisdicional.

7.º — Apreciação e votação de uma proposta da Direcção para alteração do artigo 10.º do R.G.

8.º — Apreciação e votação do Regulamento de Galarões Instituídos pela F.P.F., apresentado pela Direcção.

PENAROL-BARCELONA
O Penarol de Montevideo venceu por 1-0 o Barcelona no primeiro jogo do troféu «Teresa Herrera» realizado no estádio de Riazor.

O SAINT-ÉTIENNE VOLTOU A PERDER

O Saint-Etienne, próximo adversário do Sporting na Taça dos Clubes Campeões Europeus, foi batido em Bordéus pela equipa local, por 1-0.

VILAR
BICICLETAS
DE TODOS OS TIPOS E MODELOS
CICLO-AREIRO
ALM. GAGO COUTINHO 3-B

Vauxhall-OPEL
BEDFORD
os carros oficiais da
«Volta» são da
GENERAL MOTORS

PHILIPS
Rádios e Gravadores

CAMISOLA VERDE
Prémio Philishave

NEVOAR, LDA.
Tudo para Karting
R. Actor Robles Monteiro,
1-A — LISBOA

CLASSIFICAÇÕES

INDIVIDUAL
(ETAPA DE ONTEM)

	H. M. S.
1.º Bernardino (Sp.)	3 25 00
2.º Mendes (Benf.)	3 25 05
3.º Alb. Costa (Porto)	3 25 10
4.º Ant. Martins (Bf.)	3 25 15
5.º C. Vitorino (Tav.)	m. t.
6.º César Aires (Tav.)	3 25 22
7.º Dinis Silva (Bf.)	m. t.
8.º Luís Dorea (Tav.)	3 25 27
9.º F. Ferreira (Sp.)	m. t.
10.º Vitor Rocha (Am.)	m. t.
11.º Álvaro Roque (Am.)	m. t.
12.º Américo Silva (Bf.)	3 25 48
13.º J. Andrade (Porto)	3 26 32
14.º José Martins (Coe.)	m. t.
15.º Joaq. Leite (Bf.)	m. t.
16.º Ant. Guedes (Am.)	m. t.
17.º Val. Cardoso (Am.)	m. t.
18.º Mário Silva (Coe.)	m. t.
19.º Man. Silva (Porto)	3 27 11
20.º José Pacheco (Bf.)	m. t.
21.º L. Miranda (Sp.)	m. t.
22.º João Marta Sang.	3 27 25
23.º M. Gonçalves (Tav.)	3 27 54
24.º M. Oliveira (Am.)	m. t.
25.º M. Sousa (Porto)	m. t.
26.º J. M. Nunes (Tav.)	3 28 44
27.º Man. Gomes (Sp.)	3 29 39
28.º A. Vieira (Coe.)	3 34 27
29.º Man. Costa (Porto)	m. t.
30.º C. Gomes (Porto)	3 35 10
31.º P. Rodrigues (Coe.)	m. t.
32.º Vit. Pereira (Salg.)	m. t.
33.º Luciano Vale (Sal.)	m. t.
34.º Ant. Teixeira (Sp.)	m. t.
35.º J. Freire (Ambar)	3 35 20
36.º H. Duarte (Salg.)	m. t.
37.º Ant. Castro (Am.)	3 35 25
38.º Farramacho (Tav.)	3 35 32
39.º Fernandes (Bf.)	3 35 35
40.º Man. Reis (Coe.)	m. t.
41.º J. Fernandes (Tav.)	m. t.
42.º J. Santos (Sang.)	m. t.
43.º José Santos (Sang.)	3 35 45
44.º José Diogo (Sang.)	3 35 48
45.º R. Martins (Sang.)	3 35 53
46.º J. Sampaio (Coe.)	m. t.
47.º P. Coelho (Loul.)	m. t.
48.º Am. Lopes (Sang.)	3 36 58
49.º J. Pereira (Coe.)	3 37 06
50.º B. Fernandes (Sang.)	3 37 52
51.º V. Cabrita (Loul.)	3 38 18
52.º A. Nascimento (T.)	m. t.
53.º José Madeira (Bf.)	m. t.
54.º Ar. Barradas (Sp.)	3 41 04
55.º Joaq. Silva (Am.)	3 41 28
56.º H. Santos (Loul.)	3 47 04
57.º Waldemar Sá (Salg.)	3 48 34

GERAL-INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º César Aires (Tav.)	33 28 13
2.º Ant. Martins (Bf.)	33 28 28
3.º C. Vitorino (Tav.)	33 29 34
4.º F. Mendes (Bf.)	33 30 04
5.º F. Bernardino (Sp.)	33 30 42
6.º Dinis Silva (Bf.)	33 30 47
7.º José Martins (Coe.)	33 30 55
8.º Américo Silva (Bf.)	33 31 45
9.º M. Oliveira (Ambar)	33 32 04
10.º Alb. Costa (Porto)	33 32 14
11.º M. Silva (Porto)	33 32 14
12.º Mário Silva (Coe.)	33 32 40
13.º A. Guedes (Ambar)	33 33 30
14.º J. Andrade (Porto)	33 34 18
15.º J. Pacheco (Bf.)	33 34 25
16.º Joaq. Leite (Bf.)	33 34 32
17.º Luís Dorea (Tav.)	33 34 55
18.º V. Cardoso (Ambar)	33 36 04

	H. M. S.
19.º A. Roque (Ambar)	33 36 33
20.º J. Fernandes (Tav.)	33 38 46
21.º P. Rodrigues (Coe.)	33 39 39
22.º J. S. Santos (Sang.)	33 39 51
23.º Vitor Rocha (Sp.)	33 40 00
24.º V. Fernandes (Bf.)	33 41 00
25.º A. Vieira (Coe.)	33 42 44
26.º Ant. Teixeira (Sp.)	33 42 45
27.º M. Costa (Porto)	33 43 16
28.º J. Sampaio (Coe.)	33 43 28
29.º José Madeira (Bf.)	33 45 19
30.º M. Gonçalves (Tav.)	33 45 45
31.º J. M. Nunes (Tav.)	33 47 30
32.º Manuel Rego (Coe.)	33 47 37
33.º J. S. Santos (Sang.)	33 48 18
34.º C. Gomes (Porto)	33 49 18
35.º F. Ferreira (Sp.)	33 49 29
36.º João Marta (Sang.)	33 49 53
37.º Joaq. Silva (Ambar)	33 50 10
38.º Leon. Miranda (Sp.)	33 50 28
39.º M. Sousa (Porto)	33 52 10
40.º J. Freire (Ambar)	33 54 19
41.º Manuel Gomes (Sp.)	33 56 25
42.º L. Vale (Salg.)	33 56 40
43.º José Pereira (Coe.)	33 56 59
44.º A. Nascimento (Tv.)	33 57 28
45.º A. Castro (Ambar)	33 57 37
46.º N. Duarte (Sang.)	34 04 10
47.º V. Cabrita (Loul.)	34 12 17
48.º A. Barradas (Sp.)	34 20 34
49.º Farramacho (Tav.)	34 21 32
50.º D. Fernandes (Sang.)	34 30 31
51.º A. Lopes (Sang.)	34 33 03
52.º Vit. Pereira (Salg.)	34 33 35
53.º R. Martins (Salg.)	34 45 08
54.º Perna Coelho (Loul.)	34 48 09
55.º José Diogo (Sann.)	34 51 36

EQUIPAS

	H. M. S.
1.º Benfica	100 16 36
2.º Távira	100 24 48
3.º Porto	100 28 36
4.º Sporting	100 31 24
5.º Ambar	100 34 08
6.º Coelima	100 38 03
7.º Sangalhos	103 02 09
8.º Salgueiros	102 43 47

METAS

1.º Cust. Gomes (Porto)	23
2.º F. Mendes (Bf.)	6
3.º Joaquim Leite (Bf.)	6

MONTANHA

1.º Joaquim Leite (Bf.)	29
2.º José Martins (Coe.)	23
3.º F. Bernardino (Sp.)	11

PONTOS

1.º Cust. Gomes (Porto)	73
2.º F. Mendes (Bf.)	31
3.º Joaq. Leite (Bf.)	24
4.º Albano Costa (Porto)	17
5.º António Guedes (Ambar)	15

ORGULHO FERIDO...

Continuação da pág. 16

da. Manuel Gonçalves vem, então junto de António Graça que lhe dá um comprimido e um bidon de água. Seria assim que ele conseguiria atingir Castelo de Vide.

Fernando Mendes, Fernando Ferreira e Alvaro Roque vêm aos carros de apoio buscar bidons para abastecer os seus colegas.

Mendes (com três bidons no bolso das costas) recolhe imediatamente dando ajuda, água e palavras de conforto aos companheiros. É um campeão. Mendes, afinal, o exemplo para outros mais vaidosos e mais codiciosos por dinheiro.

Cai José Madeira, sofrendo escoriações pelo corpo e, na subida para Portalegre, o grupo da frente tem dois minutos e quinze segundos de avanço sobre um grupo, que, por sua vez, está com 12 minutos de vantagem de um outro conjunto de ciclistas que pedala com extrema dificuldade. Mas dizem com um sentido lato a palavra «conjunto»: entre o primeiro e o último, isto é, entre o homem desta frenteinha e o carro vassoura distavam vinte e dois minutos. Há uma queda de dois homens (Joaquim Silva e Belmiro Fernandes) e depois a meta de Estremoz a ser atingida por Fernando Ferreira, Fernando Mendes e Joaquim Freire. O traço «Philishave» por Fernando Mendes, Vitor Rocha e César Aires. E na última passagem de nível, a caminho já de Castelo de Vide, cai da sua moto o sargento Dias Costa, da G.N.R., que fica muito ferido, é conduzido ao hospital e reduz a sua máquina a um feixe de destroços. Andrade, o gargalo de uma garrafa espetado ontem no cotovelo direito, com um golpe suturado

com diversos pontos, é a imagem do inconformismo e é ele que luta desesperadamente para chegar até lá à frente. Infrutiferamente: Firmino, Mendes e Albano Costa, cortariam a meta exactamente três colados como António Martins e Carlos Vitorino. Só que se adiantaram o suficiente para ganhar a bonificação nestes 132 quilómetros, percorridos à média de 38.634. Isto é: saltou-se nove quilómetros em relação ao Livro Oficial, pelas voltinhas a que foi obrigada a prova, a partir do instante em que se largava ou não se largava, partia-se ou não se partia, lá ao sol ardente que estava em Évora.

Pela ordem de chegada o leitor está aferindo como foi a luta na ingreme subida para Portalegre, considerada de 4.ª categoria e, merecendo muito mais uma nota destacada terá impulsionado Fernando Mendes até ao segundo posto nessa classificação: o controlo que só encerrou com 3 horas 43 minutos e 27 segundos de prova. Dois homens ficaram eliminados: Helder Santos (Louletano) e Valdemar Sá (Salgueiros) e alguns outros, como, por exemplo, Ramalho Martins, João Sampaio, Perna Coelho, Amílcar Lopes, José Pereira, Belmiro Fernandes, Vitor Cabrita, Adomiro Nascimento, José Madeira, José Amaro e Joaquim Silva, ficaram também «pendurados» por pouco tempo, por poucas voltas do cronómetro.

E cá temos como esta etapa veio, pelo menos, reflectir que o último estrangeiro na prova (o salamtano Tamames) não veio cá fazer nada, a não ser «comer» uns tostões em três etapas que roubou aos portugueses que trabalham nisto.

SEISCENTOS CONTOS DE "PROMESSAS"

PORTO — Em Viana do Castelo houve festa em honra de Santa Marta de Portuzelo. Acorreram emigrantes, turistas, crentes e não crentes — e quando a procissão aportou à igreja da padroeira, o manto desta estava pejado de joias



GUILHERME DA GRAÇA NOGUEIRA

FALECEU

Eduardo Barreira Nogueira, sua mulher Maria Natália Baeta Nogueira; Maria Barreira Nogueira, sua mulher Maria Celeste Guerra Nogueira e mais família, cumprem o doloroso dever de participar e acompanhamento do seu muito querido pai, sogro e parente, e que o funeral se realizou ontem dia 13, para o Cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

GRANDES EMPRESAS TURÍSTICAS E HOTELEIRAS

OFERECE-SE, director-geral com mais de 20 anos de experiência, oficial e privada, em planificações de COMPLEXOS TURÍSTICOS - HOTELEIROS, ESTUDOS RENTABILIDADE — MONTAGEM — EQUIPAMENTOS GERAIS, QUADROS PESSOAL, etc. Experimentado em organizações de 4 e 5 estrelas. Profundo conhecedor dos vários métodos de PROMOÇÃO E DE VENDAS. Os melhores contactos com as Agências de Viagens e Companhias de Aviação e outras, de Navegação, etc., quer nacionais quer estrangeiras. Amigo pessoal dos 10 maiores REPRESENTANTES DE HOTÉIS DO MUNDO. Membro individual da I. H. A. e da ASTA. Vários trabalhos escritos sobre TURISMO e HOTELARIA. Frequentou vários cursos especiais na Europa e em Cornell University (USA). Aceita, se necessário, período de experiência sem vencimento. Dão-se rigorosas informações. Resposta a este jornal, ao n.º 1039, Lisboa.

ÀS EMPRESAS

OFERECE-SE EMPREGADO COM LARGOS CONHECIMENTOS DE:

- 1.0 — CAIXA
- 1.1 — COBRANÇAS
- 1.2 — SERVIÇOS DE PESSOAL
- 1.3 — CONTAS CORRENTES

DA GARANTIAS E TODAS AS INFORMAÇÕES JULGADAS ÚTEIS

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 1035

avaliadas em cerca de 600 contos, fruto de dádivas dos seus adoradores.

Mas a noite desceu sobre o andar da Santa, padroeira das parturientes, e mãos ousadas arrebataram-lhe do manto o valioso espólio, constituído por cordões, medalhas, anéis e outros adornos.

O caso foi então participado à G.N.R. local, que, apesar de aturadas investigações, ainda não conseguiu detectar nem sequer identificar os autores do audacioso furto.

Companhia das Águas de Lisboa

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA DUPLICAÇÃO DO SIÃO DE SACAVEM DO AQUEDUTO DO TEJO

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 27 de Setembro de 1974, pelas 15 horas, na sede da Companhia das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

Para ser admitido ao concurso é necessário ter efectuado na sede ou em qualquer filial, agência ou delegação da Caixa Geral de Depósitos, o depósito provisório de 350 000\$00, (trezentos e cinquenta mil escudos) mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo o modelo que figura no processo de concurso, ou substituir esse depósito por depósito de títulos, garantia bancária, ou apólice de seguro de caução, conforme dispõe o art.º único do Decreto-Lei n.º 411/73, de 20 de Agosto.

Os concorrentes deverão ser titulares de alvará de empreiteiro de obras públicas da 1.ª categoria e da 3.ª e 4.ª subcategorias e da classe correspondente ao valor da proposta, conforme estabelecido pelo Regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623 de 30 de Maio de 1956, e Portaria n.º 351/71 de 30 de Junho de 1971, ou de documento comprovativo a que se refere a parte final da alínea 6) do Art.º 4.º do Programa de Concurso.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Companhia das Águas de Lisboa, até às 17 horas do dia 26 de Setembro de 1974.

Se o envio da Proposta for feito pelo correio, o concorrente será o único responsável pelos atrasos que porventura se verifiquem, não podendo deduzir qualquer reclamação na hipótese de a entrada da proposta se verificar já depois de esgotado o prazo fixado para a respectiva apresentação.

O Programa de Concurso, Caderno de Encargos e Projecto da presente empreitada estão patentes todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na sede da Companhia das Águas de Lisboa, onde poderão ser examinados e obtidas cópias autenticadas das peças, mediante pagamento do preço do seu custo.

Lisboa, 12 de Agosto de 1974

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

A Comissão de Fiscalização

televisão

HOJE

1.º Programa (22.15)
OS BOUSSARDEL
O episódio desta noite intitula-se «Tempo de Amar» segundo o romance de Philippe Heriat numa adaptação de René Lucat e Pierre Cardinal

2.º Programa (21.50)
ENCONTRO COM O MUNDO
Austrália
Documentário do National Geographic Magazine numa tradução de Maria Luísa Sabbo e Maria Manuela Furtado

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e Desenhos animados 13.00 Fronteiras do amanhã 13.15 A tal rapariga 13.45 Telejornal — 1.ª Edição 14.00 Cinema de amadores 14.15 Logo à noite 14.20 Fecho. 2.º Período 19.30 Mini-jornal 19.35 TV Infantil 20.00 Em defesa da saúde 20.15 Perspectiva 21.00 Telejornal — 2.ª Edição 21.30 Os políticos do século XX Roosevelt 22.15 Os Bousardel 23.15 O teatro e as máscaras 23.30 Volta a Portugal em bicicleta 23.45 Telejornal — 3.ª Edição 00.00 Fecho. 2.º Programa 20.00 Abertura e Desenhos animados 20.15 A tal rapariga 20.40 Cinema amador 21.00 Encontro com o Mundo 21.50 A mala de Hamburgo 22.40 Telejornal 23.10 Fecho.	1.º Programa 1.º Período 12.00 Abertura e missa do Dia de N.ª Senhora de Assunção 13.00 Encontro 13.15 Pick Van Dick 13.45 Telejornal — 1.ª Edição 14.00 Desenhos animados «Pica-Pau» 14.15 Da saúde e da vida 14.30 Logo à noite 14.35 Fecho. 2.º Período 19.30 Mini-jornal 19.35 TV Infantil 19.45 Sonhos e armas 20.30 TV Palco 21.00 Telejornal — 2.ª Edição 21.30 Antologia — Um belo tenebroso 23.35 Volta a Portugal em bicicleta 23.50 Telejornal — 3.ª Edição 00.10 Fecho. 2.º Programa 20.00 Abertura e Encontro 20.15 Dick Van Dick 20.40 Da saúde e da vida 21.00 Os clássicos do cinema 22.30 Telejornal 23.00 Fecho.

LUSOFRIO
REPARAÇÕES FRIGORÍFICAS
Telef. 77 62 87 — LISBOA

baterias TUDOR pilhas
NOVOS SERVIÇOS DE VENDAS E ARMAZÉM
R. PROF. REINALDO DOS SANTOS
28-A — TELEF. 78 81 83-4-5

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	88 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

EMISSORA	23.00	23.05
1.º Programa	Obras sinfónicas	Variação conta-re
16.00 Noticiário — Música Variada	Melodias de Duparc.	23.30 No mundo aconteceu.
17.00 Sinal horário, noticiário, Música Variada	Concertino, de Richard Strauss.	23.00 A noite é nossa.
18.00 Rádio Estudantil	00.34 Sonata n.º 21, em dó maior, op. 53, de Waldstein.	06.00 Diário rural.
19.05 Programa infantil, música variada	01.00 Fecho.	07.00 Talismã.
20.00 Jornal da noite; perspectiva do rock	Programa Estereofónico MF 2	Modulação de frequência
21.30 Música Variada	21.15 Desdobramento, Resumo do programa, música ligeira variada.	16.00 Noticiário.
23.05 De um dia para o outro	22.00 Oratória «As Estações», de Joseph Haydn, por Gundula Janowitz (soprano); Peter Schreier (tenor); Mariti Talvela (baixo). Associação Coral de Viena e a Orquestra Sinfónica de Viena, dir. por Karl Böhm.	16.04 Programa CDC.
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) — Sinal horário	Kurt Rapt (cravo).	18.02 O nosso programa.
Programa em MF 1 de Lisboa	00.12 Obras de Mozart e Falla: Uma pequena serenata nocturna em sol maior K. 525, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dir. por Herbert Von Karajan; Bailado «O Amor Brujo», pela Orquestra Nova Filarmónica, dir. por Rafael Frühbeck de Burgos, com Nati Mistral (meio-soprano).	19.04 Em órbita-1
23.00 Rádio estudantil	00.58 Resumo do programa.	21.02 Boa noite em FM.
00.00 Junção com o 1.º Programa	01.00 Carrilhões, Hino Nacional, Fecho.	22.02 Clube a Gô-Gô.
2.º Programa		00.02 Banda Sonora Sonipol.
16.00 Intercâmbio musical, décimo diorama de música contemporânea.		02.00 Perspectiva.
17.05 Ópera: 1.º acto da ópera «Roméo e Julieta», de Charles Gounod.		03.00 Fecho.
17.43 Sonata n.º 1 em fá menor op. 80, de Prokofiev, por David Oistrakh (violino) e Vladimir Yampolsky (piano).		RÁDIO RENASCENÇA
18.13 Cantata «Apolo e Dafne», de G. Fr. Haendel.		16.05 Radiograma.
19.00 Música sinfónica		18.00 diálogo.
20.00 Jornal da noite		18.23 Palavra do dia.
21.15 Desdobramento		19.00 Noticiário.
21.30 Solos de piano — Obras de Albeniz e Villa Lobos, por Magda Tagliaferro.		19.30 Página 1.
22.00 Motete «Jesu, Meine Freude» BWV 227, de J. S. Bach.		21.04 Meditando.
22.25 Fantasia em dó maior Op. 17, de Schumann.		21.08 Selector.
		21.30 Livros e leituras.
		21.45 Pentagrama.
		22.00 Quando o telefone toca.
		22.30 Esquema 13.
		23.05 A 23.ª Hora.
		EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
		Rádio Graça
		Das 06.00 às 11.00 e das 17.00 às 22.00
		Rádio Voz de Lisboa
		Das 11.00 às 14.30
		Clube Radiofónico de Portugal
		Das 14.30 às 17.00
		Rádio Península
		Das 22.00 às 02.00

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo excepto na Faixa Costeira a Norte do Cabo da Roca onde estava muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17°
P. DOURADAS	18°
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	19°
FARO	26°
FUNCHAL	21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

..... Máxima 35,2°

WISEU

..... Mínima 10,2°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,0°

Atmosfera 21,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.42 3,3 m	6.31 1,3 m
13.12 3,6 m	19.09 1,1 m

DIA 15

1.45 3,6 m	7.29 1,0 m
14.10 3,8 m	20.04 0,8 m

DIA 16

2.40 3,8 m	8.20 0,8
15.01 4,1 m	20.52 0,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado na Faixa Costeira a Norte da Serra de Sintra e pouco nublado ou limpo nas restantes regiões, vento fraco ou moderado predominando de Noroeste, neblina ou nevoeiros matinais no litoral a Norte do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

NASCE ÀS 6.50

OCASO ÀS 20.32

DIA 17 | DIA 24 | DIA 1 | DIA 9

STEPHANIE-SHOES

SALDAMOS

EM GRANDE SUCESSO

- ★ SAPATOS desde 150\$00
- ★ SOCAS desde 120\$00
- ★ CALÇAS desde 190\$00
- ★ TEE-SHIRTS desde 90\$00
- ★ CAMISEIROS desde 199\$00
- ★ MALAS desde 100\$00

16-A — RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO (Junto à Praça do Chile)

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

(TODA A NOITE)

AJUDA

Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721).

ALMIRANTE REIS

Nunes, R. Ângela Pinto, 32 (Tel. 49756).

ALTO S. JOÃO

Dalton, Mouzinho de Albuquerque, 7-A (Tel. 843571).

ALVALADE

Nova Iorque, Av. Est. Unidos da América, 140-B (a Entrecampos) (Tel. 760653); Marbel, Avenida de Roma, 131-A (Tel. 776235).

AREIRO

Chiadre, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDAS NOVAS

Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961-54672).

BAIRRO DA LIBERDADE

Zanel, R. A. 182 (Tel. 651840).

BAIXA

Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350).

BENFICA

Benfitez, Est. de Benfita, 44-A (Tel. 782608).

CAMPO DE OURIQUE

Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949).

CASTELO

Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831).

CONDE BARÃO

Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238).

ESTEFÂNIA

Romeno Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593).

LAPA

Alb. Rua Santana à Lapa, 158 (Tel. 663562).

LUMIAR

Douro, Alam. Linhas de Torres, 83-A/B (Tel. 791131).

MADRE DE DEUS

Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro Grilo), (Tel. 382470).

OLIVEIRA

Simão, Rua Cidade de Coimbra, 16-A (junto à Piscina), (Tel. 310581).

PENHA DE FRANÇA

Zema, R. General Justiniano Padrel, 21 (a Calç. Barbadinhos), (Tel. 832580).

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703-726395).

TURNO D-2

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA

Nogueira, Rua de Alcantara, 5-A (Tel. 637563).

AMOREIRAS

Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515).

ALVALADE

Libia, Avenida da Igreja, 4-B/C (Tel. 711681); Celta, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621).

ANJOS

Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO

Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (ao Bairro Social), (Tel. 710621).

AREIRO

Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443).

BAIRRO ALTO

Andrade, Rua do Alecreim, 125 (Tel. 323446-370685).

BAIRRO DA ENCARNAAÇÃO

Zra, Praça das Casas Novas, lote 68 (Tel. 300172).

BELEM

Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (Tel. 638132).

BENFICA

Macedo, Est. Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697).

CAMPOLIDE

Nova, Rua de Campolide, 297-C, (Tel. 687475); Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153, (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE

Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955).

ESTEFÂNIA

Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5 (Tel. 548081).

GRAÇA

Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39, (Tel. 862909); Higienica, Rua Heliodoro Sangado, 20-A (Tel. 844361).

LAPA

S. A. E. Silva, Filhos, Rua S. João Mala, 74, (Tel. 661010).

LUMIAR

Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel. 790332).

MOURARIA

Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel. 860464).

PEDROUÇOS

Higiluz, Rua de Pedrouços, 50-52 (Tel. 610280).

S. SEBASTIAO DA PEDREIRA

Oliveira Viagas, Rua Viriato, 29-A (Tel. 49966-533601).

SETE RIOS

Canta, Est. das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841).

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Miraflores, R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048).

CAXIAS

Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS

Trindade, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034).

OEIRAS

Alcantara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10.

PARADEIRA

Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 247120).

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186).

MONTE ESTORIL

Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008).

CASCAIS

Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).

DAMAIA

Confiança, Est. Militar Lote D (Tel. 9710231).

VENDA NOVA

Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161).

QUELUZ

Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM

Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos Lote 1-B (Tel. 2940781).

MEM MARTINS

Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, Tel. 980456.

SINTRA

Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 2930391).

COLARES

Abreja, (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gamero, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020).

ALMADA

Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 178-A (Tel. 2040302).

BARREIRO

Pimenta, R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2073012).

COVA DA PIEDADE

Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356).

MOITA

Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

GINTALHO

Miraflores, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA

Leão, Av. Salazar, 13 (Tel. 229471).

SETUBAL

Marques, R. Arronches Junqueira (Tel. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manó, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A

Alirio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240; Central, Rua Santo António, 203; Gomes Carneiro, Rua de Cedofeita, 348; Magalhães, Rua de Serralves, 566; Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148; Ribeiro Júnior, Suc., Rua Firmeza, 99-A.

SUB TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; Cordeira (da), R. S. Roque Lameira, 1473; Couto, L. S. Domingos, 106; Lapa (da), R. Antero Quental, 211; Luso-Francisco, Rua Sá da Bandeira, 140.

COIMBRA

TURNO H

Montes Clares, R. Dr. António J. de Almeida, 69 (Tel. 25904); Viagas e Coelho, R. da Sofia, 19-21 (Tel. 22089).

cinemas

ROXI

(T. 48560)
21.45
Grupo D (18 anos)
No
No

RESTELO

(T. 610375)
21.30
Grupo C (14 anos)
Um dos maiores êxitos de todos os tempos galardoado com 3 Oscars
ZORRA, O GREGO

CINEMA CASTIL

(T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
Um filme de Elio Petri INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan
Amanhã
00.30
Grupo D (18 anos)
Ante-Estrela

CONDES

(T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
14.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sutherland
AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor... como jamais foi visto no ecrã "The Sun"

ESTÚDIO APOLO 70

(T. 763319)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estrela Colorido
O ABOMINÁVEL DR. PHIBES
15.15 e 18.30
Grupo D (18 anos)
Últimas exhibições do filme OS GRANDES ALDRABÕES com os irmãos Marx
24.00
Grupo D (18 anos)
"SAFARI de Meia-Noite"
"SAFARI de Meia-Noite"

MUNDIAL

(T. 538743)
18.30, 21.30 e 00.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana a esgotar!
Carlo Giuffrè e Marisa Mell na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO. PRETENDE CAVALEIRO

OXFORD (CASCAIS)

16.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
SEGREDOS PROIBIDOS com Jacqueline Bisset. As cenas mais ousadas do cinema

CINEARTE

(T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
O ESQUADRÃO INDOMÁVEL valentes, temerários... impressionantes!

ODEON

(T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres
UMA HISTÓRIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean-Pierre L  aud
meditado para condenar um marido a morte

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A MARCA DE SHAFT com Richard Roundtree e Moses Gunn

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A MARCA DE SHAFT com Richard Roundtree e Moses Gunn

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A MARCA DE SHAFT com Richard Roundtree e Moses Gunn

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A MARCA DE SHAFT com Richard Roundtree e Moses Gunn

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/234946)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A MARCA DE SHAFT com Richard Roundtree e Moses Gunn

ALVALADE

(T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
Metro: Alvalade

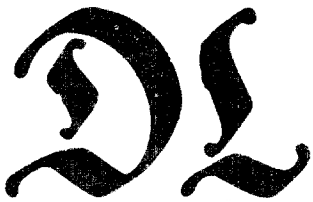
AVIZ

(T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estrela
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
SONHOS DE GLÓRIA

CASINO ESTORIL

(T. 264521/23494

GERAL



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

EM ESTUDO

IMPOSTOS MAIS ALTOS SOBRE OS RENDIMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS

Um agravamento substancial da tributação a partir dos escalões médios de rendimentos está previsto no projecto de reforma fiscal ontem apreciado pelo Conselho de Ministros. O texto, apresentado pelo ministro das Finanças, dr. Silva Lopes, contém também disposições tendentes a reduzir os impostos sobre os rendimentos mais baixos do trabalho, que poderão mesmo ficar isentos de qualquer carga fiscal, e torná-los pesados sobre os rendimentos mais altos. Idênticos princípios seriam observados em relação aos demais impostos e taxas, numa estratégia global de austeridade.

O Conselho esteve reunido desde as 15 horas de ontem à 1.30 de hoje, com um breve intervalo para jantar. Presidiu à sessão o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, notando-se a ausência dos ministros Mário Soares, Almeida Santos e Melo Antunes, empenhados conjuntamente em montar a plataforma para decisivas negociações com a Frelimo num país africano.

No final foi distribuído, através do Ministério da Comunicação Social, o seguinte relato: «1. Há meses a esta parte, tem-se verificado no nosso País, por circunstâncias de ordem diversa, um surto indisciplinado da venda ambulante, principalmente nos grandes centros urbanos.

O diploma que foi hoje aprovado reflecte a necessidade de disciplinar a venda ambulante, sem esquecer o papel positivo que desempenha em determinadas regiões afastadas dos grandes centros, como nas camadas populacionais que atinge.

«2. Foi aprovado o diploma que determina que revertam para o Estado o activo líquido remanescente de todos os bens móveis e imóveis que pertenceram às extintas Legião Portuguesa, Acção Nacional Popular e D.G.S.

«3. Criou-se um grupo de trabalho interministerial para estudo do horário do trabalho nacional, que efectuará uma consulta ampla a todos os sectores interessados, salientando, desde início, que constitui firme intenção do Governo e necessidade nacional, um horário de trabalho compatível com a situação do País. Integram este grupo de trabalho representantes dos seguintes Ministérios: Administração Interna, Economia, Finanças, Assuntos Sociais, Trabalho e Educação e Cultura.

«4. Foi aprovado um empréstimo de 250 000 contos ao Estado de Moçambique.

«5. Foi aprovado o projecto de reforma fiscal.»

Segundo declarações do dr. Silva Lopes aos jornalistas, o projecto de reforma fiscal, uma vez aprovado, corrigirá algumas distorções actualmente existentes. De qualquer modo o problema deverá ser objecto de novo estudo em Outubro.

Soube-se, entretanto, que a deslocação particular do ministro da Justiça aos E.U.A. lhe possibilitou assistir, nas Nações Unidas, à sessão em que o Conselho de Segurança resolveu recomendar à Assembleia Geral a admissão da República da Guiné-Bissau. O dr. Salgado Zenha teve contactos, em Washington, com os srs. William Saxby, secretário federal da Justiça, e Robert Ingersoll, secretário-adjunto, bem como com vários embaixadores.

PARA A HISTÓRIA DO M.F.A.

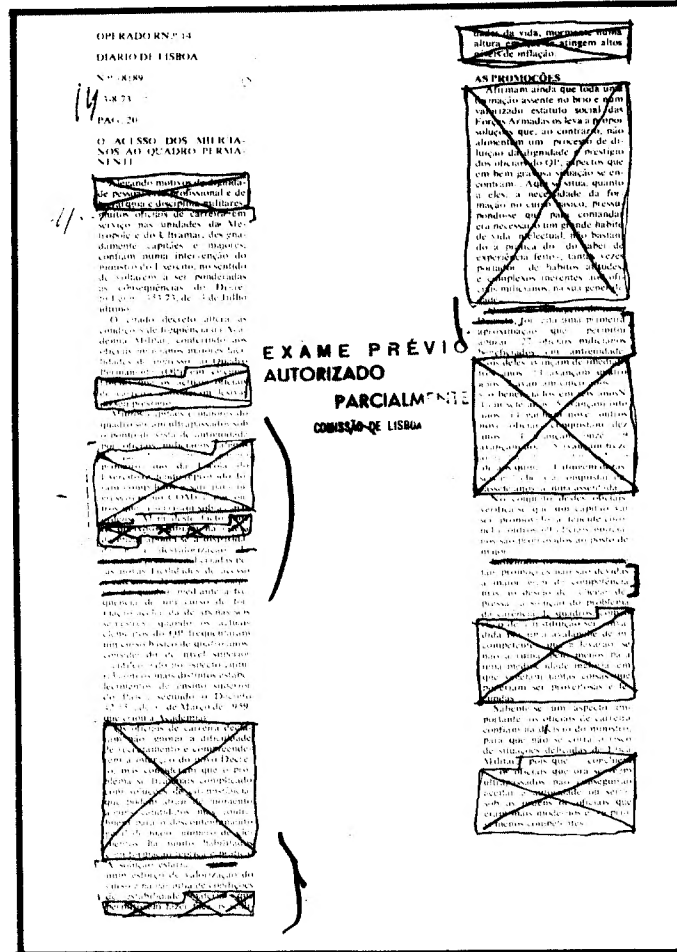
O primeiro documento dos capitães foi publicado há um ano

Faz hoje um ano que o «DL» publicou, pela primeira vez na imprensa, o resumo do documento de contestação de oficiais do Quadro Permanente contra um decreto do ministro do Exército, documento que daria origem ocasional ao «Movimento dos Capitães» do 25 de Abril. Sabe-se que os motivos iniciais do «Movimento» foram rapidamente ultrapassados e até esquecidos, à medida que os oficiais se reuniam clandestinamente para analisarem as causas da crise das Forças Armadas, as quais no fundo eram as mesmas causas da opressão do povo português: a política fascista e incompetente do Governo, tanto no esmagamento dos direitos democráticos dos portugueses como na repressão da justa luta dos povos africanos.

Desde a primeira hora, era fácil prever que o regime fascista não poderia subsistir sem o apoio das Forças Armadas, e que estas tinham embaldado num processo irreversível contra o regime uma vez que os oficiais com comando de tropas cada vez mais se comprometiam em infracções ao Regulamento de Disciplina Militar fascista. Durante algum tempo, o Governo ainda tentou assimilar os descontentes, acenando-lhes com irrelevantes reformas e aumentos de vencimentos, mas era tarde: nessa altura, já eles tinham iniciado um processo de consciencialização política que se ia alargando.

Nessas reuniões «profissionais», eles foram chegando a progressivas conclusões: **Primeira conclusão:** o desprestígio das Forças Armadas resulta de elas serem executoras da política fascista do Governo, política que só pode prosseguir com o apoio dos militares. **Segunda conclusão:** as Forças Armadas pertencem à Nação e a sua honra consiste em defender o povo e o poder legitimado pelo povo, não podendo ser abusivamente instrumentalizadas como «guarda pretoriana» dum Governo que não representa a vontade do povo. **Terceira conclusão:** é preciso derrubar o Governo tirano e restaurar a democracia, no seio da qual as Forças Armadas encontrarão o seu lugar como «braço armado do povo». **Conclusão final:** 25 de Abril.

E evidente que o próprio facto de o documento ter sido pre-



parado significa já que muito trabalho tinha sido feito anteriormente. Sabe-se mesmo que desde 1972 vários núcleos de oficiais em serviço na Guiné discutiam, em reuniões toleradas pelo Comandante-Chefe a situação militar e política das colónias e de Portugal, começando a surgir a hipótese de uma insurreição militar contra o regime. Nada disto porém retira o facto de o documento referido assinalar a primeira manifestação pública de descontentamento e de consciência de crise profunda nas Forças Armadas.

Depois de tudo o que se passou, nas sucessivas fases de evolução que através resumimos é possível agora compreender como de uma primeira reivindicação elitista se partiu para um movimento organizado de natureza política e democrática. Quem não o compreendeu a tempo foi a Pide e a Censura. Pelo que a esta diz respeito, ve-

ja-se como os censores esfaquearam a prosa do nosso redactor, apesar de todas as cautelas de quem escrevia sabendo com o que contava. Mas a substância da posição dos oficiais ficou impressa na primeira página do jornal, incluindo a ameaça de que, a manter-se a posição do Governo, se corria «o risco de situações melindrosas de Ética Militar». (Chamamos a atenção do leitor para a gravura do texto censurado e do «DL» de 14 de Agosto do ano passado para os tratos de poliptracados pela Censura). Não deixa de ser interessante revelar que o texto do importante documento tinha sido fornecido a um nosso redactor pelo capitão Vasco Lourenço (hoje conselheiro de Estado) e também, em duplicado, pelo major Fabião (promovido a brigadeiro e investido após o 25 de Abril no cargo de governador e Comandante-Chefe da Guiné).

NOTAS VÁRIAS

SUBSECRETÁRIO DOS ESTRANGEIROS ITALIANO

Regressou a Roma o subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da Itália, Cesare Bensì, que se deslocou a Lisboa a fim de preparar a próxima visita a Portugal de Aldo Moro. Segundo anunciou, durante essa visita do ministro dos Negócios Estrangeiros italiano ao nosso País, prevista para Setembro, serão assinados dois acordos de cooperação económica e cultural entre a Itália e Portugal, neste momento em fase de negociações.

GENERAL DIOGO NETO

O general Diogo Neto, membro da Junta de Salvação Nacional e chefe do Estado-Maior da Força Aérea, visitou em Oeiras o Quartel-General da Área Ibero-Atlântica da N.A.T.O., onde foi recebido pelo respectivo comandante, almirante Robert B. Erly, da Armada dos Estados Unidos. Após ter assistido a uma sessão em que foram expostos métodos de trabalho e missões do Ibero-Atlântico, o general Neto teve um almoço de trabalho com o almirante Erly.

FEDERAÇÃO DE FILATELIA

Em Congresso ordinário a Federação Portuguesa de Filatelia elegeu os corpos gerentes daquela organização e nomeou os delegados da Junta da Federação Internacional de Filatelia e suas comissões. Preside à mesa do Congresso o dr. Armando José Vasconcelos Carvalho; à direcção, o eng.º Manuel Ribeiro Marques Gomes; e ao conselho fiscal, Fernando Gomes Carrão.

MORTO NUMA EXPLOSAO

No lugar de Passos, freguesia de Fiscal, concelho de Amares, quando o operário Abílio da Cunha, de 60 anos, viuvo, procedia à combinação de cores em peças de fogo-de-artifício, numa oficina de pirotecnia pertencente a Abílio Pereira e António Azevedo, registou-se uma violenta explosão, que o vitimou mortalmente. No exterior encontrava-se o jornalista José Fernandes, de 50 anos, casado, que foi atingido por alguns estilhaços, não sendo grave o seu estado.

ATROPELADO MORTALMENTE

Próximo de Leiria, um camião guiado pelo motorista Martinho de Sousa Silva, de 26 anos, casado, morador em Vila da Feira, despiستou-se e foi embater na carroça que o precedia, conduzida pelo agricultor José Pereira Carreira, de 42 anos, residente em Carrasqueira, freguesia de Santa Eufémia, que seguia acompanhado da mulher, Emília de Jesus Carreira, de 39 anos. Ele teve morte imediata e ela sofreu graves ferimentos, encontrando-se internada no hospital de Leiria.

GERAL FORD A SPÍNOLA:

"VAMOS ROBUSTECER A ALIANÇA DA N.A.T.O."

O presidente norte-americano Gerald Ford, recém-emposado, enviou ao general António de Spínola a seguinte mensagem:

«Senhor Presidente: Tal como V. Ex.ª há apenas alguns meses, tomo agora o encargo da presidência do meu País em circunstâncias difíceis.

Por esta razão, V. Ex.ª, talvez melhor do que a maioria, compreenderá o meu desejo de prontamente lhe assegurar que a minha administração manterá firmemente os seus compromissos e continuará a apoiar os nossos mútuos esforços para robustecer a aliança da N.A.T.O. e, simultaneamente, as nossas relações mútuas dentro da comunidade atlântica.

Desejo acentuar que a continuidade será a característica fundamental do meu Governo ao prosseguir a política iniciada e desenvolvida pelo meu antecessor, o presidente Nixon.

Para assegurar esta continuidade, pedi ao dr. Kissinger para se manter como secretário de Estado. Ele tem o meu inteiro apoio e confiança. Em consequência dos meus largos anos de experiência no Congresso dos Estados Unidos, posso afirmar com confiança que a política dos Estados Uni-

dos continuará a dispor em larga medida do apoio bipartidário.

Embora assumo estas funções entristecido pela súbita partida de Richard M. Nixon, cujos resultados alcançados na busca da paz a história certamente registará, sinto-me encorajado pela robustez desta grande democracia que tenho a felicidade de servir. A estrutura da nossa sociedade está intacta, talvez mesmo fortalecida pelo conhecimento de que podemos enfrentar crises com espírito de equanimidade.

Tenho seguido o progresso dos acontecimentos em Portu-

gal, desde a sua posse, com grande interesse.

Desejo-lhe, Senhor Presidente, o maior sucesso nos seus esforços na construção de alicerces sobre os quais uma sólida estrutura possa servir o povo de Portugal nos anos vindouros.

Encaro o futuro com a convicção de que a força e a paz são frutos de uma boa colaboração entre os Estados.

Os laços existentes entre ambas as nações deverão continuar a servir no futuro os povos dos nossos dois países.

Sinceramente,
GERAL R. FORD



AMANHÃ

MATINÉE ÀS 17 H.

KARA KARAS
VEGETAS DA CANÇÃO DO PARAGUAI

RODI SCHWEITZER
ORIGINAL MALABARISTA

ZÉLIA LOPES
COM RUA DE LAZAR E NOBRE COSTA

EXTRAORDINÁRIA
COM O GRANDE MESTRE
OLIVIER DUBAS

FERRER TRINDADE E LUIZ ORFÈVRE
SYNDY SET

MAIORES DE 14 ANOS

PRECOS
CHÁ COMPLETO, 63\$00
(Taxas e impostos incluídos)